

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS – PUC/GO
MESTRADO EM HISTÓRIA**

Alessandro Matos do Nascimento

**BARRA DO GARÇAS, DAS PEDRAS AOS GRÃOS: UMA HISTÓRIA DE
MIGRAÇÕES E OCUPAÇÕES (1960-1980)**

**GOIÂNIA
DEZEMBRO DE 2010**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS – PUC/GO
MESTRADO EM HISTÓRIA**

Alessandro Matos do Nascimento

**BARRA DO GARÇAS, DAS PEDRAS AOS GRÃOS: UMA HISTÓRIA DE
MIGRAÇÕES E OCUPAÇÕES (1960-1980)**

**Dissertação apresentada para
conclusão do Mestrado em História
da Pontifícia Universidade Católica
de Goiás, sob a orientação da Prof.
Dr.^a Heliane Prudente Nunes.**

Linha de Pesquisa: Cultura, Identidade, Migração e Memória.

**GOIÂNIA
DEZEMBRO DE 2010**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS – PUC/GO
MESTRADO EM HISTÓRIA**

Alessandro Matos do Nascimento

**BARRA DO GARÇAS, DAS PEDRAS AOS GRÃOS: UMA HISTÓRIA DE
MIGRAÇÕES E OCUPAÇÕES (1960-1980)**

BANCA DE AVALIAÇÃO

Profa. Dra. Heliane Prudente Nunes (PUC/GO) Orientadora

Profa. Dra. Maria Meire de Carvalho (UFG)

Profa. Dra. Maurides Batista Macêdo F. Oliveira (PUC/GO)

**GOIÂNIA
DEZEMBRO DE 2010**

Dedico este trabalho inicialmente aos meus amados pais Aparício e Marilene, que me deram a oportunidade de vir a este mundo, aos meus queridos irmãos Raphael e Michelly por terem sido trazidos ao mundo para serem meus companheiros, a minha filhinha Izabelly presenteada a mim por um anjo do céu, para eu amar e cuidar, por fim a minha amada esposa Dymilla que me encorajou e amparou-me para que pudesse trilhar este caminho de conhecimento e realização pessoal.

*Agradeço a Força Criadora pelo Dom da vida e ao
meu Anjo da Guarda pela incansável proteção, e
pela intuição serena.*

Aos meus maravilhosos Pais e Irmãos.

A minha Sapituca querida.

A minha Esposa Amada.

*A todos os professores que acolheram-me em minha
vida escolar e a meus Mestres da Pontifícia
Universidade Católica de Goiás.*

*A minha dedicada orientadora, Professora. Doutora
Heliane Prudente Nunes por ensinar-me o caminho
das pedras.*

*Por fim aos meus companheiros de jornada Núbio
Vicente e Telmo de Maia, pelas impagáveis horas de
alegria e motivação.*

*Embora ninguém possa voltar atrás e fazer um novo
começo, qualquer um pode começar agora e fazer
um novo fim.*

Francisco Cândido Xavier.

RESUMO

ALESSANDRO MATOS DO NASCIMENTO. **Barra do Garças, das Pedras aos Grãos: Uma História de Migrações e Ocupações (1960-1980)**. Dissertação, 2010. 109 f. – Mestrado em História da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia, 2010.

A pesquisa tem por finalidade analisar e apresentar as causas da migração ocorrida para Barra do Garças no Mato Grosso, entre as décadas de 1960 e 1980. Pretende ainda demonstrar como se deu o encontro cultural na cidade e região na época pesquisada. O presente trabalho utiliza a pesquisa bibliográfica para conceituar as temáticas: migração, identidade, memória e cultura. Explica-se a História antes da História, ou seja, apresenta-se de forma breve as primeiras etapas de ocupação da região de Barra do Garças. Para levantamento empírico utiliza-se de consulta a documentos escritos e imagéticos da época analisada, como também do método da História Oral, no recolhimento de depoimentos de ex-migrantes. Os resultados das análises documentais apresentam as histórias de vida, que formam o amálgama cultural demonstrado por meio da compreensão das memórias dos entrevistados. Apresenta-se então as características resultantes do encontro étnico-cultural ocorrido entre as décadas de 1960 e 1980 em Barra do Garças, decorridos da intensa migração para lá ocorrida na época.

Palavras-chave: História. Migração. Identidade. Memória. Cultura.

ABSTRACT

ALESSANDRO MATOS DO NASCIMENTO. Barra do Garças, **From the Stones to the Grains: A History of Migration and Occupations (1960-1980)**. Dissertation, 2010. 109 f. – Master's degree in History from the Pontifical Catholic University of Goiás. Goiânia, 2010.

The research aims to analyze and present the causes of migration that has occurred to Barra do Garças in Mato Grosso, between the 1960 and 1980. It also aims to demonstrate how was the cultural encounter in the city and region at the time surveyed. This work uses the literature to conceptualize the issues: migration, identity, memory and culture. It explains the history before history, that is, presents briefly the early stages of occupation of Barra do Garças region. For an empirical survey is used to query for documents written and image of the time analyzed, as well as the method of oral history, gathering testimonies of ex-migrants. The documentary analysis results show the life stories, that form the cultural amalgam demonstrated through an understanding of the memories of interviewees. Then returns the resulting characteristics of the ethnic-cultural meeting occurred between the 1960 and 1980 in Barra do Garças, after the intense migration that has occurred there at the time.

Keywords: History. Migration. Identity. Memory. Culture.

LISTA DE SIGLAS

58° BIMtz – Quinquagésimo Oitavo Batalhão de Infantaria Motorizado.

BNH – Banco Nacional de Habitação.

CIMI – Conselho Indigenista Missionário.

COOPERCANA – Cooperativa Agropecuária Mista Canarana Limitada.

COOPERCOL – Cooperativa de Colonização 31 de Março Limitada.

DERMAT – Departamento de Estradas e Rodagens de Mato Grosso.

DNER – Departamento Nacional de Estradas e Rodagens.

FBC – Fundação Brasil Central.

FUNAI – Fundação Nacional de Amparo aos Indígenas.

ICMS – Imposto Sobre Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços.

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

POLOCENTRO – Programa de Desenvolvimento dos Cerrados.

PROTERRA – Programa de Redistribuição de Terras e de Estímulo à Agricultura do Norte e Nordeste.

SPI – Serviço de Proteção ao Índio.

SPVEA – Superintendência do Plano de Valorização da Amazônia.

SUDAM – Superintendência para o Desenvolvimento da Amazônia.

SUDECO – Superintendência para o Desenvolvimento do Centro-Oeste.

TUCUM – O projeto TUCUM foi idealizado pela Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso e realizado com o apoio da FUNAI em 1994. Significa ainda o nome de uma planta do cerrado.

UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso.

VASP – Viação Aérea São Paulo.

LISTA DE IMAGENS E ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|-----------|
| FIGURA 1 – Quadro contendo os dados sócio-econômicos de Barra do Garças / 1978..... | 25 |
| FIGURA 2 – Arte rupestre da pré-história encontrada na Gruta dos Pezinhos na Serra Azul em Barra do Garças..... | 38 |
| FIGURA 3 – Grupo indígena Xavante | 40 |
| FIGURA 4 – Bandeirantes do século XVIII..... | 45 |
| FIGURA 5 – Sertanejo migrante do projeto SUDAM..... | 56 |
| FIGURA 6 – Colonos em meio a plantação de arroz em Água Boa – 1977 | 78 |
| FIGURA 7 – Primeira colheita de arroz em Água Boa – 1975..... | 79 |
| FIGURA 8 – Uma agricultora utiliza “Casa de Cupim” como fogão – 1974..... | 80 |
| FIGURA 9 – Colonos seguram uma cobra Sucuri – 1975 | 82 |
| FIGURA 10 – Colonos e sua anta de estimação – 1975..... | 83 |
| FIGURA 11 – Colono e seu cervo mateiro de estimação – 1976 | 83 |
| FIGURA 12 – Colonos em Água Boa celebram aniversário relembrando o churrasco gaúcho – 1976..... | 85 |
| FIGURA 13 – Aparício Miranda do Nascimento (O Bagaceira) debruçado sobre o balcão de sua lanchonete, o “Mini Bar” aberta em março de 1975 – 1977 | 99 |
| FIGURA 14 – Aparício Miranda na mesma lanchonete em 2005 – 2005..... | 99 |

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| INTRODUÇÃO | 11 |
| 1 – REFLEXÕES CONCEITUAIS: IMIGRAÇÃO, CULTURA, IDENTIDADE E MEMÓRIA | 17 |
| 2 – O ESPAÇO E O CONTEXTO HISTÓRICO DE BARRA DO GARÇAS: A HISTÓRIA ANTES DA HISTÓRIA – CONHECENDO AS HISTÓRIAS DE OCUPAÇÃO DO LUGAR..... | 35 |
| 2.1 – Ocupações iniciais da Região..... | 35 |
| 2.2 – Grupos Indígenas da Região..... | 38 |
| 2.3 – A presença dos “Branços” no Vale do Araguaia | 44 |
| 2.3.1 – As primeiras expedições em busca de riquezas..... | 44 |
| 2.3.2 – Projetos de ocupação da região por iniciativa do Governo Federal | 52 |
| 3 – MIGRAÇÕES PARA BARRA DO GARÇAS ENTRE OS ANOS DE 1960 E 1980: CAUSAS E CARACTERÍSTICAS – O AMÁLGAMA CULTURAL | 60 |
| 3.1 – Contexto histórico das migrações dirigidas para Barra do Garças..... | 60 |
| 3.2 – Impactos gerados na cultura original do migrante e sua contribuição para a miscigenação com a cultura local | 83 |
| CONCLUSÃO..... | 101 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 105 |
| APÊNDICE A – Modelo de questionário aplicado..... | 107 |

INTRODUÇÃO

Esse estudo tem por finalidade compreender o processo histórico e migratório ocorrido em Barra do Garças no período de 1960 a 1980, ressaltando suas causas, formas de ocupação, especificidades, e influências na sociedade local

Barra do Garças localiza-se na fronteira entre Mato Grosso e Goiás, na região conhecida como Vale do Araguaia. Neste lugar, há quatro décadas iniciou-se um processo de intensa imigração, formada por pessoas vindas de várias regiões do Brasil e do mundo. Os homens e mulheres chegaram à região do então “maior município do mundo”, com diferentes motivações, desejos e objetivos e, empreenderam, uma “mistura” étnica, que pretendemos, a partir do viés das múltiplas identidades, compreender e caracterizar. Entendemos que é muito importante conhecer as causas que motivaram estas ondas imigratórias, pois assim teremos subsídios para compreender a formação cultural atual da dita sociedade. No entanto, a grande motivação para o trabalho veio da ausência de produção historiográfica sobre esta sociedade, daí surge a oportunidade de ressignificar a História e a memória do lugar, por meio da pesquisa científica.

Para saber quem somos, temos que entender de onde viemos. Para a região de Barra do Garças entre 1960 e 1980, três grandes ondas migratórias convergiram em busca de uma vida melhor. O que não se tinha ainda sistematizado, e foi o que nos motivou a realizar a pesquisa, é justamente compreender as causas que explicam estas migrações, e ainda quais foram as motivações que levaram indivíduos de vários lugares do Brasil e de outros países a migrarem para lá. Além disso, pretendemos mostrar como deu-se o ato migratório, quais são as características dos que migraram, quais foram os incentivos, as dificuldades, os conflitos e, por fim as formas de ocupação desses migrantes. Procuramos também compreender a cultura atual da sociedade barragarcense, levando em consideração a “mistura” étnica resultante do processo migratório recente.

Estas questões representam o norte de nossa pesquisa, pretendemos ao respondê-las conhecer melhor as características da sociedade barragarcense atual.

A pesquisa empírica e conceitual que realizamos teve por objetivo primeiro, expor os motivos que levaram grupos de imigrantes de várias partes do Brasil e do mundo, a buscar nas décadas de 1960, 1970 e 1980 na região de Barra

do Garças no Mato Grosso, seu sustento e sobrevivência. Num segundo momento, conceituamos estes grupos que podem ser distinguidos em três.

O 1º grupo era composto de empresários e investidores, esses são motivados pelos projetos governamentais como, por exemplo, o Projeto da Superintendência para o Desenvolvimento da Amazônia, (SUDAM). O 2º grupo estabeleceu-se na região a partir de projetos de colonização dirigida, em sua grande maioria era composto de sulistas, inicialmente “comandados” por um pastor luterano chamado Norberto Schwantes e, em seguida, motivados pelos exemplos daqueles que foram bem sucedidos nos ditos projetos. E o 3º grupo são os que foram espontaneamente para ocupar o espaço profissional carente de mão-de-obra especializada. Chegaram lá então advogados, médicos, contadores, administradores, odontólogos, professores, entre outros, estes desempenharam seus ofícios aproveitando-se do intenso desenvolvimento econômico existente naquele momento.

Além disso, mostramos o amálgama cultural surgido em decorrência deste encontro cultural, dos que para a região foram com os que lá já estavam, sendo que estes últimos tinham uma herança sertaneja-garimpeira muito forte.

O cerne do estudo está em compreender o processo histórico e migratório ocorrido em Barra do Garças no período de 1960 a 1980, ressaltando suas causas, especificidades e influências na sociedade local. Para tanto, foram analisadas as questões sócio/econômicas que motivaram os imigrantes a empreenderem seus projetos migratórios, classificar os grupos sociais que realizaram esta imigração a partir do local de onde vieram, como também das motivações que os levaram a imigrar e das características culturais. Para este mister foi fundamental compreender o contexto histórico em que ocorreu o processo migratório em questão, caracterizar os aspectos culturais existentes na região quando da chegada dos imigrantes entre as décadas de 1960 e 1980, por fim descrever o amálgama cultural resultante do encontro entre os que na região de Barra do Garças estavam e os que para lá imigraram a partir da década de 1960.

A metodologia que foi utilizada, para a realização da pesquisa e a redação da dissertação pressupôs uma abordagem metodológica qualitativa, pois quando aplicada teve por finalidade compreender uma série de fenômenos sociais, estes representados nos conceitos de imigração, identidade, memória e cultura.. O objetivo da metodologia em questão foi de explicar e, analisar, a partir do

entendimento dos conceitos supracitados, a imigração ocorrida para Barra do Garças no Mato Grosso, nas décadas de 1960, 1970 e 1980. Ficou claro para nós que, o papel do pesquisador nesta pesquisa qualitativa foi fundamental, pois para a interpretação dos fenômenos sociais o “construtor” da pesquisa foi o instrumento-chave, na compreensão das inter-relações existentes entre mediador e objetos de estudo.

O trabalho pautou-se inicialmente em uma investigação bibliográfica, principalmente no que diz respeito a conceitualização e norteamto teórico, de autores que estudaram o tema migração e cujas produções têm o reconhecimento da comunidade científica. Além disso, foi realizada uma análise documental que permitiu conhecermos os agentes históricos do estudo, daí dizermos que esta foi uma pesquisa-participante, pois houve uma interação entre pesquisador e os membros da situação investigada, no caso aqui os imigrantes que representam a “História Viva” do local estudado.

Para realizarmos a coleta dos dados empíricos utilizamos dos recursos da entrevista dirigida e do questionário com perguntas abertas e fechadas, direcionadas aos migrantes que foram para essa região. Tal questionário foi fundamental para avaliar as experiências por eles vividas, pois na concepção de Halbwachs quando este diz que vivenciar as lembranças de outrem, significa “Evocar os elementos do passado” (HALBWACHS, 2008, p. 66), são os elementos representativos da memória que formam a história. As perguntas foram aplicadas a um grupo de 30 pessoas, que foram definidas no decorrer da pesquisa. O método de entrevista foi conduzido por meio de questionário qualitativo contendo 15 questões, sendo que o entrevistado pode na última questão falar de forma aberta sobre sua experiência como imigrante e sua instalação na cidade. O modelo do roteiro utilizado na pesquisa está, na sua íntegra, no apêndice “A”.

Para a aplicação das entrevistas e dos questionários utilizamos procedimentos da “História Oral”, para tanto, tivemos por referencial teórico o livro “Manual de História Oral” de José Carlos Sebe. O referido autor define História Oral da seguinte forma

História Oral é um recurso moderno usado para elaboração de documentos, arquivamentos e estudos referentes à experiência social de pessoas e de grupos. Ela é sempre uma história do tempo presente e também reconhecida como história viva. (SEBE, 1994, p. 25)

A História Oral posiciona-nos de forma detalhada com relação ao objeto de pesquisa, ou seja, os migrantes. Neste sentido, Sebe orienta-nos com relação aos estudos da oralidade que surgem a partir da temática i-migração, e ainda, acerca dos aspectos a serem observados no tocante a vida pretérita dos migrantes estudados. O referido autor afirma que,

A migração, bem como a imigração, é um dos campos mais vastos que serve para a história oral de vida, para a temática e para a tradição oral. Em se tratando de história oral de vida, o registro do trajeto do imigrante também deve obedecer, na medida do possível, ao critério cronológico. Além disso, é preciso considerar a vida pretérita da pessoa e do grupo antes da saída do lugar de origem, a motivação para a viagem, o trânsito e a chegada ao lugar de destino, a adaptação e o desenvolvimento da integração como metas primordiais do registro. (SEBE, 1994, p. 78)

Entendemos que o método de pesquisa utilizado por Sebe é o que melhor se adequa a dinâmica historiográfica que norteou o trabalho, e sobre este método o autor descreve procedimentos.

Dividir a entrevista de história de vida de migrante ou imigrante em três partes parece conveniente. Por exemplo, considerando que quem se desloca é um adulto, de início, é interessante explorar sua vida familiar na infância. Em seguida, deve-se destacar o contexto da viagem abordando por ordem questões externas – problemas de sobrevivência, relações de trabalho, falta de alternativas –, a viagem: procurar detalhes factuais ou psicológicos; e finalmente a adaptação ao “novo” meio e as soluções da negociação. (SEBE, 1994, p. 78)

O ato de entrevistar é primordialmente o de acessar a memória, para tanto tivemos o cuidado de buscar no renomado estudioso da memória, Maurice Halbwachs o embasamento teórico para uma melhor compreensão das lembranças dos entrevistados. Halbwachs no livro “A Memória Coletiva” orienta-nos com relação ao processo de compreensão da memória quando diz que.

(...), quando dizemos que o depoimento de alguém que esteve presente ou participou de certo evento não nos fará recordar nada se não restou em nosso espírito nenhum vestígio do evento passado que tentamos evocar, não pretendemos dizer que a lembrança ou parte dela devesse subsistir em nós da mesma forma, mas somente que, como nós e as testemunhas fazíamos parte de um mesmo grupo e pensávamos em comum com relação a certos aspectos, permanecemos em contato com esse grupo e ainda somos capazes de nos identificar com ele e de confundir o nosso passado com o dele. (HALBWACHS, 2008, p. 33)

A entrevista ocorreu mediante contato prévio com os sujeitos da pesquisa, a escolha da data, horário e local da entrevista e a autorização dos entrevistados para divulgação de suas idéias por meio de carta de cessão. O material utilizado para colher os depoimentos foram câmera digital, filmadora digital e gravador MP3. Os critérios para escolha dos entrevistados foram basicamente os seguintes:

- Dois indivíduos que chegaram na década de 1960 – início do processo de migração moderna. (projeto SUDAM)
- Dezoito indivíduos que chegaram na década de 1970 – auge do processo de migração moderna (Colônias dirigidas, funcionários de bancos e profissionais liberais ou ligados ao comércio)
- Dois indivíduos que chegaram na década de 1980 – declínio do processo de migração moderna. (Profissionais liberais ou ligados ao comércio)

Após a análise das entrevistas, dos questionários, e de outras fontes históricas, iniciamos a escrita da dissertação. É importante ressaltar que vários entrevistados não vivem atualmente em Barra do Garças, mas em Água Boa, território que à época de nosso estudo pertencia a Barra do Garças e que foi um dos locais escolhidos para a implantação dos projetos de colonização dirigida oriundos da Região Sul do Brasil.

A dissertação está dividida em três capítulos, que tem a seguinte lógica:

No 1º capítulo foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre a conceitualização teórica dos termos Imigração, Cultura, Memória e identidade.

No 2º capítulo foi abordado o contexto histórico do espaço investigado, com a finalidade de conhecer as Histórias antes da História, ou seja, por meio da

memória local levantou-se as diferentes versões das histórias de ocupação do lugar. Foi identificado as primeiras ocupações dos garimpeiros, sertanejos e de outros mitos fundadores. Identificou-se ainda, outras formas de imigração incentivadas pela Fundação Brasil Central e a Marcha Para o Oeste, como processos estimuladores da ocupação local. Encerrando este capítulo foi avaliado o processo de imigração que ocorreu a partir da década de 1960, relacionados com os projetos governamentais (SUDAM, SUDECO, PROTERRA, etc.), os projetos de colonização dirigida dos sulistas (cooperativas) e a imigração espontânea (profissionais liberais, comércio e serviços).

No 3º capítulo foi analisado o amálgama cultural resultante das diversas ondas migratórias para o local, obtido por meio das histórias de vida, o que resultou em um maior discernimento sobre a identidade atual da população do município de Barra do Garças.

Esperamos que nossa pesquisa possa estimular novos estudos e ampliar a investigação de um tema tão rico como este para a História social e cultural.

1 – REFLEXÕES CONCEITUAIS: IMIGRAÇÃO, CULTURA, IDENTIDADE E MEMÓRIA

*O meu pai era paulista,
Meu avô pernambucano,
O meu bisavô mineiro,
Meu tataravô baiano,
Hoje ando pelo mundo,
Sou Antonio brasileiro.*

(Paratodos de Chico Buarque de Holanda, 1994)

Chico Buarque de Holanda na letra da música “Paratodos” do álbum com mesmo nome, de 1994, chama-nos a atenção para aquilo que se acredita ser a principal característica do brasileiro na atualidade, ou seja, sua multiculturalidade. Esta característica é decorrente do intenso encontro/confronto nos últimos 500 anos de etnias e culturas às mais diversas no território brasileiro, e que ocorreu entre outros fatores, também pelo viés da (i)-migração. Neste contexto alguns grandes pensadores brasileiros afirmaram que a maior potencialidade que o Brasil tem é a sua gente. Darci Ribeiro inclusive dizia que entre as grandes riquezas encontradas no Brasil, seria a mistura étnica a maior entre todas. O Centro-Oeste brasileiro nos últimos 50 anos tornou-se a nova fronteira de migração e encontro étnico, o que possivelmente nos permite conhecer um exemplo recente de miscigenação étnico/cultural.

Nesse contexto, selecionamos para uma investigação mais verticalizada a região do Vale do Araguaia no Mato Grosso, especificamente a cidade de Barra do Garças. Inicialmente consideramos importante identificar algumas concepções teóricas acerca de Cultura e (I)-Migração, uma vez que tais referenciais teóricos são importantes para se entender as causas motivacionais que levaram indivíduos de vários lugares do Brasil e do Mundo a se estabelecerem em Barra do Garças entre as décadas de 1960 e 1970.

A sociedade de Barra do Garças é o reflexo do “encontro” de várias culturas, o que permitirá a análise das mais variadas fontes históricas, provenientes da inter-relação entre as mesmas. Desta forma, sertanejos mato-grossenses, goianos, baianos, paulistas, mineiros, cariocas, gaúchos, paranaenses, libaneses, sírios, jordanianos, indígenas de várias etnias, entre outros, formaram

um rico cabedal de vivências, o que reforça ainda mais a certeza de que a História desta sociedade é um exemplo de multiculturalidade.

Uma das grandes dificuldades em definir o que é exatamente cultura, advém do fato dela não ser algo palpável, mas uma idéia. Não é o que é feito, mas o modo como se pensa fazer – a mentalidade por detrás das nossas ações. A cultura é o produto do pensamento do homem. Sabemos que o conceito de cultura não pode ser facilmente apreendido, no entanto, acreditamos ser possível compreendê-lo a partir das idéias de renomados estudiosos.

Um desses estudiosos é Roque Barros Laraia, que em seu livro, “Cultura: um conceito antropológico” faz uma reconstituição histórica do conceito, demonstrando os vários teóricos que contribuíram a seu jeito para a existência dos modernos conceitos de cultura. Sobre cultura, Laraia afirma que:

O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridas pelas numerosas gerações que o antecederam. A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e as invenções. (LARAIA, 1999, p. 20).

A partir dessas idéias de Roque de Barros Laraia, podemos compreender que a sociedade barragarcense, não é mais mato-grossense, ou sulista, ou mineira, ou goiana ou ainda baiana. Os últimos cinquenta anos determinaram vagarosamente, a construção, nesta região de Mato Grosso, de uma cultura singular, resultado da miscigenação de muitas identidades culturais. É da mistura dessas culturas “mães”, que surgiu o que nós chamamos hoje de cultura original, ou melhor, de cultura do Médio-araguaia. Laraia no capítulo “a difusão da cultura”, do livro já citado, mostra-nos de forma concisa o caldeirão cultural que vivemos na modernidade, compartilhando a seguinte história contada pelo antropólogo Ralph Linton.

O cidadão norte-americano desperta num leito construído segundo padrão originário do Oriente Próximo, mas modificado na Europa Setentrional, antes de ser transmitido a América. Sai de baixo de cobertas feitas de algodão cuja planta se tornou doméstica na Índia; ou de linho ou de lã de carneiro, um e outro domesticados no Oriente Próximo; ou de seda, cujo emprego foi descoberto na China. Todos estes materiais foram fiados e

tecidos por processos inventados no Oriente Próximo. Ao levantar da cama fez uso de “mocassins” que foram inventados pelos índios das florestas do Leste dos Estados Unidos e entrou no quarto de banho cujos aparelhos são uma mistura de invenções europeias e norte-americanas, umas e outras recentes. Tira o pijama, que é vestuário inventado na Índia e lava-se com sabão que foi inventado pelos antigos gauleses, faz a barba que é um rito masoquístico que parece provir dos sumerianos ou do Antigo Egito. (...) Acabando de comer, nosso amigo se recosta para fumar, hábito implantado pelos índios americanos e que consome uma planta originária do Brasil. (...) Enquanto fuma, lê notícias do dia, impressas em caracteres inventados pelos antigos semitas, em material inventado na China e por um processo inventado na Alemanha. Ao inteirar-se das narrativas dos problemas estrangeiros, se for bom cidadão conservador, agradecerá a uma divindade hebraica, numa língua indo-européia, o fato de ser cem por cento americano. (LARAIA, 1999, p. 20).

Fica claro que o conceito de cultura para Laraia passa pelo entendimento do processo de doação e troca que ocorre entre os grupos humanos, e também da idéia de acumulação cultural de experiências. Ainda sobre cultura o historiador inglês Raymond Willians nos informa que:

A dificuldade do termo é, pois, óbvia, mas pode ser encarada de maneira mais proveitosa como resultado de formas precursoras de convergência de interesses. Podemos destacar duas formas principais: (a) ênfase no espírito formador de um modo de vida global, manifesto por todo o âmbito das atividades sociais, porém mais evidente em atividades “especificamente culturais” – uma certa linguagem, estilos de arte, tipos de trabalho intelectual; e (b) ênfase em uma ordem social global no seio da qual uma cultura específica, quanto a estilos de arte e tipos de trabalho intelectual, é considerada produto direto ou indireto de uma ordem primordialmente constituída por outras atividades sociais. (WILLIANS, 1992, p. 11-112)

Vimos que para o materialismo dialético o ideal de cultura encontra-se próximo ao ideal defendido por Laraia, no tocante a idéia de que a cultura se constrói a partir da inter-relação humana. Somos seres culturais, o contato, a troca de idéias e experiências, a resolução de problemas levou os homens a construir repositórios culturais acumulados, em um processo dinâmico.

Na atualidade só se compreende o “jeito de ser” dos grupos sociais por meio do entendimento das identidades múltiplas e mutantes. Ao mesmo tempo as identidades surgem dos encontros ocorridos entre os homens, no tempo e no espaço, por meio das movimentações territoriais realizadas por estes e conhecidas por i-migração. Mas o que leva os grupos humanos a migrarem?

O ser humano desde os primórdios se “movimenta territorialmente”, esta movimentação deu-se a partir da África, e teve sua motivação inicialmente na busca pela sobrevivência, ou seja, na procura por alimento. No entanto, o conceito de migração e suas variáveis, que inicialmente parecem de fácil compreensão requerem maior atenção e detalhamento, como nos chama a atenção a Historiadora Heliane Prudente Nunes em seu livro “A Imigração Árabe em Goiás”, quando esta diz que.

“A origem do emigrante e as causas da emigração, bem como o local escolhido por ele, são variáveis complexas que fazem parte da explicação de um mesmo processo histórico, que envolve elementos de expulsão da terra de origem, e elementos de atração da terra escolhida”. (NUNES, 2000, p. 22).

Estas motivações para migrar são apresentadas, nas considerações teóricas que Boris Fausto realiza na introdução do livro “Fazer a América: Migração Internacional na História das Américas”, por ele organizado quando este informa que:

Para começar, deve-se dizer que a maioria dos migrantes não desejam abandonar suas casas nem suas comunidades. Se pudessem escolher, todos – com exceção dos poucos que anseiam por mudanças e aventuras – permaneceriam em seus locais de origem. Na grande maioria dos casos, não logram permanecer no local porque não têm como alimentar-se nem a si próprias nem a seus filhos. (FAUSTO, 1999, p. 13)

Boris Fausto continua sua reflexão afirmando que, dois são os fatores que levam o ser humano a migrar, são eles ‘expulsão’ e ‘atração’, diz ainda que, a questão básica envolve o peso dos fatores de expulsão ou de atração e a maneira como se equilibram. Sobre conceito de expulsão Fausto afirma que:

(...) uma vez que as condições econômicas constituem o fator de expulsão mais importante, é essencial saber por que mudam as condições e quais são os fatores responsáveis pelo agravamento da situação crítica que afeta a capacidade potencial dos emigrantes de enfrentá-la. Nessa fórmula, três

fatores são dominantes: o primeiro é o acesso à terra e, portanto, ao alimento; o segundo, a variação da produtividade da terra; e o terceiro, o número de membros da família que precisam ser mantidos. Na primeira categoria estão as questões que envolvem a mudança dos direitos sobre a terra, suscitada via de regra pela variação da produtividade das colheitas, causada, por sua vez, pela modernização agrícola em resposta ao crescimento populacional. Nas grandes migrações dos séculos XIX e XX – época em que chegaram à América dois terços dos migrantes – o que de fato contava era uma combinação desses três fatores. (FAUSTO, 1999, p. 14)

No livro “O Migrante e a Cidade: Dilemas e Conflitos”, o Professor Hidelberto de Sousa Ribeiro, discutindo sobre a ocupação do Bairro “periférico” Vila Maria, em Barra do Garças corrobora com Fausto em relação ao conceito de expulsão demonstrando ainda como tal processo pode ser traumatizante. Para tanto afirma que:

O bairro, constituído na sua grande maioria por migrantes, pessoas que comportam experiências de vida vinculadas a uma dolorosa trajetória de deslocamentos que na prática, concretizam-se no rompimento de laços afetivos, pois deixam para trás uma longa cadeia de parentesco, de vizinhança e amizade, além, é óbvio, da perda do seu instrumento de trabalho e local de sua morada, a terra. (RIBEIRO, 1999, p. 37)

Ainda sobre o conceito de expulsão Cristina Maria Teixeira Stevens no livro “Migração e Identidade”, falando sobre migração japonesa para o Brasil diz que:

A imigração japonesa faz parte de um processo de transformação pelo qual o mundo passou na transição entre os séculos XIX e XX. (...) segundo Tetsundo Tsukamoto e Hiroishi Saito, alguns acontecimentos favoreceram este processo; dentre eles, as precárias condições econômicas do Japão, o que gerou um número muito grande de pessoal excedente na estrutura minifundiária, desalojando os lavradores do campo e efetuando cortes de investimentos à produção rural. A consequência disto foi à migração de trabalhadores do campo para as cidades, que por sua vez não ofereciam condições de subsistência para acolher esta população. Além disso, o Japão passava por uma grande recessão econômica que diminuiu dramaticamente a produção industrial e afetou todas as áreas a ela relacionadas. O desemprego era inevitável, por isso os programas governamentais passaram a incentivar a migração além-mar. (STEVENS, 2007, p. 60-61)

O jornalista Geraldo Hasse no texto chamado “Meus caros pais – uma trajetória migrante”, nos dá mais subsídios para entender o conceito de expulsão

O que mobiliza os migrantes de todas as latitudes é o desejo de livrar-se dos grilhões da pobreza, da fome e da miséria. Há também fome cultural e sede de reconhecimento no movimento de muitos migrantes, mas sua motivação fundamental é a necessidade de estabelecer novos padrões de sobrevivência econômica. (HASSE, 2007, p. 77)

Heliane Prudente Nunes aponta ainda que a necessidade de sair do lugar original não é precedida de uma tomada de decisão simplista, muito pelo contrário, o migrante ao sair em busca de uma vida melhor na grande maioria dos casos parte receoso e triste.

Por certo não era uma decisão fácil abandonar uma jovem esposa, filhos ainda no colo, pais velhos, irmãos e irmãs na escola e amigos de infância para se lançar atrás do desconhecido, especialmente no caso dos árabes, camponeses fiéis à terra e às tradições. Somente a soma de vários fatores, de ordens econômica, religiosa, social e política, é que explica a saída das populações árabes, na sua grande maioria constituída de sírios e libaneses, à procura de novos países, em particular os do continente americano. (NUNES, 2000, p. 22)

Assim, seja qual for o lugar e o grupo humano, a falta de trabalho e a dificuldade para sobrevivência são cruciais para o advento da migração.

Sabemos que o fator de expulsão é crucial para entender as causas da migração, no entanto, o fator de recepção segundo Boris Fausto é fundamental para a permanência do migrante, a nova terra. Sobre a recepção no contexto migração para a América nos séculos XIX e XX o referido autor explica que

(...) A demanda de mão-de-obra e os salários na América tendiam, em geral, a ser mais altos que os europeus. Os níveis de qualificação eram mais baixos (...) a possibilidade de obter terra era uma constante atração para todos os imigrantes. Com a terra tão barata – novamente em comparação com os padrões europeus – era grande a probabilidade de trabalhadores sem terra conseguirem suas próprias fazendas, muitas vezes num período de tempo muito curto após a chegada. (FAUSTO, 1999, p. 16-17)

Levando em consideração o que defende Fausto e apoiado pelas idéias dos autores citados é que será utilizado o conceito de expulsão/atração para entendermos três grupos distintos que migraram para Barra do Garças entre os anos 1960 e 1980. O primeiro grupo é representado por aqueles que vieram para a região em busca de terra para ocupar e produzir, este grupo dividi-se em dois outros, há aqueles que em sua terra natal estavam alijados da terra (colonos das cooperativas sulistas), e outros que comandaram grandes projetos financiados “a fundo perdido” (Projetos SUDAM¹).

São eles inicialmente migrantes sulistas e paulistas que foram conduzidos para o Vale do Araguaia por meio de projetos governamentais sendo que o primeiro foi o coordenado pela Superintendência para o Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM).

Além do Projeto SUDAM, ocorreram projetos de colonização dirigida no modelo de Cooperativas de colonos. Neste sentido, a palavra cooperar deriva etimologicamente da palavra latina “Cooperari”, formada por “cum” (com) e “operari” (trabalhar), e significa agir simultaneamente ou coletivamente com outros para um mesmo fim, ou seja, trabalhar em comum para o êxito de um mesmo propósito. Cooperativismo origina-se da palavra cooperação. É uma doutrina cultural e socioeconômica, fundamentada na liberdade humana e nos princípios cooperativos. Portanto, o conceito de cooperativismo pode ser designado como uma doutrina, um sistema, um movimento ou simplesmente uma atitude ou disposição que considera as cooperativas como uma forma ideal de organização das atividades sócio-econômicas da humanidade.

1. SUDAM: criado pela Lei 5173/66, dispunha sobre o Plano de Valorização Econômica da Amazônia; extinguiu a Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA), e criava a Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM). Entre os vários artigos da lei, o Artigo 10 incisos “a” e “d” melhor definiam seu campo de atuação.

“Art. 10. São atribuições da SUDAM:

- a) elaborar o Plano de Valorização Econômica da Amazônia e coordenar ou promover a sua execução, diretamente, ou mediante convênio com órgãos ou entidades públicas, inclusive sociedades de economia mista, ou através de contrato com pessoas ou entidades privadas;
- d) coordenar a elaboração e a execução dos programas e projetos de interesse para o desenvolvimento econômico da Amazônia a cargo de outros órgãos ou entidades federais;”

O cooperativismo objetiva o desenvolvimento do ser humano, das famílias e da comunidade. No contexto mundial, onde predomina a miséria da maioria da população, situa-se como um instrumento acessível para as camadas mais pobres da população modificarem sua realidade. Assim, pode-se dizer que uma cooperativa é uma associação autônoma de pessoas unidas voluntariamente para atender às suas necessidades e aspirações econômicas, sociais e culturais comuns, através de um empreendimento de propriedade coletiva e de controle democrático.

As empresas cooperativas baseiam-se em valores de ajuda mútua, solidariedade, democracia e participação. Tradicionalmente, os cooperados acreditam nos valores éticos de honestidade, responsabilidade social e preocupação pelo seu semelhante. Participantes de uma sociedade cooperativa, os associados possuem direitos e deveres. Por fim, o sistema de cooperativa busca satisfazer não somente a necessidade de consumo por um bem ou serviço, mas também a necessidade social e educativa. É uma sociedade que pode ser criada por um pequeno grupo de pessoas, que formarão com recursos individuais um capital coletivo que deve garantir suas atividades. Entendemos que este modelo de desenvolvimento social, o das cooperativas, associado aos projetos SUDAM, tiveram grande responsabilidade no que diz respeito ao crescimento da região conhecida por “Grande Barra” na década de 1970. Só para se ter uma idéia desta influência no desenvolvimento da cidade, vejamos o quadro de informações socioeconômicas sobre Barra do Garças, retirado de uma revista da época (1978), chamada “ A Gazita”, editada e veiculada na cidade.

FIGURA 1 – Quadro contendo os dados sócio-econômicos de Barra do Garças / 1978.

| BARRA DO GARÇAS | |
|---|--|
| Capital da Produção – Cidade Progresso – Centro Econômico de Mato Grosso | |
| “Dados Econômicos e Estatísticos Fornecidos ao Diretor do BASA (Banco da Amazônia S/A) Coletados na Rede Bancária e Outras Fontes de Informação”. | |
| SOCIEDADES ANÔNIMAS DE AGRO-PECUÁRIA: | |
| Com financiamentos de Incentivos Fiscais Registradas – 148 – Valores aproximados de Financiamentos – Cr\$ 786.486.365,00 até dezembro de 1977 | |
| NÚMERO DE PROPRIEDADES FINANCIADAS PELO BANCO DO BRASIL: | |
| Dados coletados – 1.673 propriedades. | |
| PRODUÇÃO DE ARROZ FINANCIADA PELO BANCO DO BRASIL: | |
| Safrá 1976/1977 – 2.300.000 sacas | |
| Safrá 1977/1978 – 4.500.000 sacas | |
| Previsão total 78 – 7.000.000 sacas | |
| ARRECADAÇÃO DA EXATORIA ESTADUAL (ICM) | |
| Ano de 1977 – Cr\$ 81.270.000,00 | |
| Previsão para 1978 – Cr\$ 200.000.000,00 | |
| ÁREA DE LAVOURA FINANCIADA NO MUNICÍPIO: | |
| 220.000 hectares | |
| PROJETOS DE COLONIZAÇÃO RURAL APROVADOS PELO INCRA: | |
| 25 projetos | |
| NÚMEROS DE FAMÍLIAS BENEFICIADAS COM PROJETOS DE COLONIZAÇÃO: | |
| 920 famílias – 90 por cento de procedência gaúcha | |
| ÁREA TOTAL DOS PROJETOS DE COLONIZAÇÃO: | |
| 332.000 hectares | |
| FINANCIAMENTOS FUNDIÁRIOS EFETUADOS PELO BANCO DO BRASIL: | |
| Fora custeio – Cr\$ 373.164.320,00 | |

(FONTE: Revista Gazita Magazine, Ano I, nº 07, 1978)

Pelas informações presentes no quadro acima citado, compreende-se a importância dos projetos vinculados a ocupação e exploração da terra, no

crescimento econômico da cidade e que para nossa pesquisa representa o primeiro grupo analisado.

O segundo grupo é composto por indivíduos que vieram ocupar um espaço profissional até então vazio, foram os profissionais liberais e funcionários públicos.

O terceiro grupo é composto por comerciantes e empreendedores em geral que convergiram para o lugar de forma espontânea motivados pelo crescimento econômico, do então considerado pela mentalidade popular como o “Maior Município do Mundo”.

Importante ainda se faz conceituar Memória e Identidade, pois ao se estudar grupo social pode-se conhecê-los inicialmente por meio de suas memórias, para munidos das mesmas identificá-los tendo por base as peculiaridades que segundo Stuart Hall na modernidade se chamam “identidades labeis”. Sobre o conceito de identidades labeis Hall escreve que

A identidade tornou-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos. (HALL, 1999, p. 12).

É importante ressaltar que cultura e identidade são conceitos que se interpenetram, mas que teoricamente devem ser entendidos separadamente. Neste sentido vários são os conceitos acerca do que é identidade, Stuart Hall, por exemplo, considera três concepções para a identidade moderna ocidental, são elas, a do sujeito do Iluminismo, Sujeito sociológico e sujeito pós-moderno. Sobre o sujeito do Iluminismo diz Hall

O sujeito do iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo centro consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou “idêntico” a ele – ao longo da existência do indivíduo. (HALL, 1999, p. 10-11).

Neste “tempo”, o da modernidade, o que caracteriza o sujeito é o individualismo, ou melhor dizendo, acreditava-se que cada homem (o feminino era preterido pelo masculino) explicava-se existencialmente por si mesmo. Com relação à concepção de sujeito sociológico o já referido autor explica que

A noção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com “outras pessoas importantes para ele”, que mediavam para os sujeitos os valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que ele/ela habitava. (...) de acordo com essa visão, que se tornou a concepção sociológica clássica da questão, a identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade. (HALL, 1999, p. 11).

No mundo pós-moderno o processo de compreensão identitária adquire contornos multidinâmicos, que tem como principal característica a produção de uma identidade que não é fixa, essencial ou permanente. Sobre este sujeito pós-moderno Stuart Hall afirma que

Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (...) a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 1999, p. 13).

Hall chama-nos a atenção ainda, em seu livro “A identidade cultural na pós-modernidade”, para a compreensão de que a mudança e a diferença são importantes componentes identitários nos tempos pós-modernos, para tanto afirma que

As sociedades modernas são, portanto, por definição, sociedades de mudança constante, rápida e permanente (...). As sociedades da modernidade tardia, argumenta ele, são caracterizadas pela “diferença”, elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes “posições de sujeito” – isto é, identidades –

para os indivíduos.(...) a estrutura da identidade continua aberta. (HALL, 1999, p. 14-17).

Esta celebração móvel defendida por Hall pode ser compreendida no contexto em que somos, identificados não mais por uma característica cultural, mas por uma série de representações. Desta maneira, somos católicos, protestantes ou espíritas, e então religiosamente diferentes, no entanto, enquanto torcedores de um clube de futebol podemos ser “iguais”, e nos diferenciarmos novamente pela opção sexual, enfim como disse o autor citado, “assumimos identidades diferentes em diferentes momentos”(HALL, 1999).

Sobre identidade Maria Jandyra Cavalcante Cunha no livro “ Migração e Identidade”, afirma que:

Identidade é um termo que tem sido tradicionalmente usado para descrever ou interpretar o indivíduo, tal como ele se revela e se conhece ou como ele se vê representado em sua própria consciência. Enquanto que, sob uma perspectiva psicológica, a identidade produz um sentido de ordem na vida do indivíduo, sob uma perspectiva sociológica ela situa o indivíduo em um grupo. Ambas as perspectivas se completam ao considerarmos que, para saber quem somos, temos que reconhecer a posição em que nos colocamos. (CUNHA, 2007, p. 34)

Neste sentido, os diversos olhares aqui apresentados, nos permitem novas considerações sobre o termo identidades. As considerações de Cristina Stevens, sobre o sujeito pós-moderno veio delimitar o conceito que norteou o trabalho de pesquisa, para tanto esta diz:

Contrariamente ao sujeito racional, centrado e indivisível do Iluminismo, o sujeito pós-moderno tem identidade descentrada, fragmentada, construída por muitos registros que não estão necessariamente em harmonia. Sem identidade fixa, essencial, o sujeito pós-moderno constrói-se discursivamente, através de sistemas de significação e representação cultural que não fixam significados finais; sua linguagem é polifônica, também perspectivada pelas várias posições do sujeito produtor desses significados. (STEVENS, 2007, p. 47)

No estudo das identidades o elemento memória é fundamental para a caracterização de determinado grupo social, pois é por meio dela que se descortinam as práticas socioculturais dos indivíduos, e estas determinam de onde vieram e quem são estes sujeitos analisados, claro que sem rótulos fechados e fórmulas prontas, mas a partir de uma compreensão dinâmica e transformadora.

Trabalhar com a memória longínqua de uma sociedade é, por vezes, uma tarefa difícil, no entanto, temos em Barra do Garças a memória ainda “fresca”, dando-nos, a possibilidade de sentir, não só nas lembranças e palavras das pessoas, mas em suas expressões faciais, suas emoções e desabafos, como esta sociedade desenvolveu-se e tornou-se culturalmente o que é hoje.

Das conceituações necessárias a formação de nosso arcabouço teórico destaca-se aquelas relativas a memória. Para tanto refletimos sobre o tema inicialmente a partir dos estudos de Maurice Halbwachs, presentes no livro “A memória coletiva”, quando o autor afirma que:

No primeiro plano da memória de um grupo se destacam as lembranças dos eventos e das experiências que dizem respeito à maioria de seus membros e que resultam de sua própria vida ou de suas relações com os grupos mais próximos, os que estiveram mais freqüentemente em contato com ele. (HALBWACHS, 2008, p. 51)

É imperioso ainda apontar que segundo Halbwachs os indivíduos que terão suas memórias acessadas às vezes podem crer que são responsáveis individualmente e não coletivamente por suas lembranças, o que para o autor acontece pela seguinte causa:

É muito comum atribuímos a nós mesmos, como apenas em nós se originassem, as idéias, reflexões, sentimentos e emoções que nos foram inspiradas pelo nosso grupo. Estamos em tal harmonia com os que nos circundam, que vibramos em uníssono e já não sabemos onde está o ponto de partida das vibrações, se em nós ou nos outros. (HALBWACHS, 2008, p. 64)

Assim, quando Maurice Halbwachs chama-nos atenção para a construção coletiva da memória é por que se faz quase lugar-comum a idéia de que aos

homens pertencem suas lembranças, quando em realidade estas são construídas em sociedade, em contato com os outros. É importante ressaltar que inclusive os indivíduos não param para refletir não só sobre si, mas também sobre a influência que tiveram na vida de outrem. Sobre o referido assunto diz Halbwachs:

Em sociedades de qualquer natureza que os homens formem entre si, quantas vezes não acontece que um deles deixe de ter uma idéia exata do lugar que ocupa no pensamento dos outros – de quantos mal-entendidos e desilusões tal diversidade de pontos de vista não será a fonte? (HALBWACHS, 2008, p. 35)

Cabe destacar também o trabalho realizado por Marilene Marzari Ribeiro, professora e pesquisadora gaúcha radicada em Barra do Garças na década de 1980. Em seu livro “Memória de migrantes: onde o viver o fazer faz o saber”, esta professora expõe a seguinte idéia acerca da importância de pesquisas centrada na memória de um grupo social:

A memória dos membros da sociedade pesquisada guarda lembranças de uma cultura que, ao longo dos anos, foi garantindo a identidade desses indivíduos e que, até hoje, as primeiras gerações de sertanejos lutam para manter viva. Nesse contexto de diversidade cultural, as lembranças acabam revelando uma identidade que foi sendo construída a partir da relação homem e natureza. (MARZARI, 2005, p. 17).

Desta maneira, o “viver o fazer” torna-se o ponto chave na construção cultural da sociedade barragarcense, pois os que aqui chegaram a partir de 1960, tiveram na adversidade e, ao mesmo tempo no sucesso, as grandes motivações para persistir, continuar e construir.

Além disso, os estudos acerca da memória são fundamentais para o desenvolvimento de nossa pesquisa. Para tanto, recorreremos a Eclea Bosi, que ao refletir acerca dos estudos de Halbwachs conceitua memória/lembrança como, “A lembrança é a sobrevivência do passado. (...) na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho é trabalho” (BOSI, 1998, p. 53-55).

Esclarece a autora que a “viagem” no tempo é feita a partir do contexto presente, o que não invalida a “viagem”, mas modifica-a quando do tempo da “experiência vivida”. Este entendimento nos auxilia para que convivamos com o anacronismo, nem negando-o totalmente nem deixando-o desvirtuar a memória por nós analisada.

Bosi relembra que Goethe observava em Verdade e Poesia, que “quando queremos lembrar o que aconteceu nos primeiros tempos da infância, confundimos muitas vezes o que se ouviu dizer aos outros com as próprias lembranças...” (BOSI, 1998, p. 62), daí o caráter não só pessoal, mas familiar, grupal, social, da memória. Fica claro para nós que a memória não se dá individualmente apenas, mas que ela é reflexo da convivência social, neste sentido, Bosi afirma que a memória é fruto das relações sociais, para tanto diz que.:

(...) as relações a serem determinadas já não ficarão adstritas ao mundo da pessoa (relação entre corpo e espírito, por exemplo), mas perseguirão a realidade interpessoal das instituições sociais. A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referencia peculiares a esse indivíduo. (BOSI, 1998, p. 54).

Tal idéia ganha consistência quando a autora evoca Halbwachs dizendo que “Se lembramos, é porque os outros, a situação presente, nos fazem lembrar: o maior número de nossas lembranças nos vem quando nossos pais, nossos amigos, ou outros homens, no-las provocam” (BOSI, 1998, p. 54-55).

Eclea relendo Halbwachs diz que no processo de reconstrução da memória na infância, esta ocorre a partir do momento presente, ou seja, muitas vezes lembramos do passado referenciados pelo presente, o que de certa forma altera a essência do acontecido, mas que de forma alguma o invalida.

Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor. (BOSI, 1998, p. 53-55).

“O instrumento decisivamente socializador da memória é a linguagem”. (BOSI, 1998, p. 56). A referida autora aponta por meio dessa frase, de maneira incisiva a ferramenta que possibilita aos homens expressar suas experiências de vida, dizendo que tal instrumento reduz, unifica e aproxima no mesmo espaço histórico e cultural a imagem do sonho, a imagem lembrada e as imagens da vigília atual (expressões humanas socializadoras da memória coletiva segundo Halbwachs), que são os mecanismos de expressão usados por aqueles que analisam a memória. Bosi a caracteriza da seguinte forma.:

(...) as imagens do sonho não são, embora pareçam, criações puramente individuais. São representações, ou símbolos, sugeridos pelas situações vividas em grupo pelo sonhador: cuidados, desejos, tensões (...) no quadro dessas “noções gerais”, que não abandonam o homem, sequer no sonho, destaquem-se as relações de espaço (aqui, aí, ali, dentro, fora, em cima, embaixo, à esquerda, à direita), as relações de tempo (agora, já antes, depois, sempre, nunca, ontem, hoje, amanhã.), as relações de causa e de consequência (porque, para que, tal que, de modo que.). As categorias que a linguagem atualiza, acompanham nossa vida psíquica tanto na vigília quanto no sonho. (BOSI, 1998, p. 56).

Jacques Le Goff em seu livro “História e Memória” indica-nos sua compreensão sobre os estudos acerca da memória, tecendo reflexões indispensáveis ao nosso arcabouço teórico. O autor constata que

A memória, a qual a História chega, que por sua vez se alimenta, procura salvar o passado apenas para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para libertar e não para escravizar os homens. (LE GOFF, 1982, p. 58).

Le Goff ainda faz uma reflexão sobre a alteração do campo de investigação da memória, situando o debate dos estudos da memória a partir da análise não mais apenas do escrito, mas principalmente nas expressões culturais do ser humano.

Pesquisa, salvamento, exaltação da memória coletiva, não mais nos acontecimentos, mas no tempo longínquo; busca dessa memória, não tanto nos textos, mas sobretudo nas palavras, nas imagens, nos gestos, nos rituais e nas festas: é um convergir da atenção histórica. (LE GOFF, 1982, p. 54)

A memória, também, é comumente conhecida como a fonte histórica da “simplicidade”. É verdade, porém, que da mesma maneira que documentos escritos podem ser fontes duvidosas, as fontes orais também podem ser. Fato que eleva a nossa responsabilidade e compromisso. Para tanto, devemos confrontar depoimentos dos migrantes, compará-los a outras fontes históricas para, desta forma, chegar o mais perto possível da “veracidade”. Aqui mais uma vez, recorreremos a Marilene Marzari, quando a autora busca na fala de Célia Maria Cassiano o embasamento para suas idéias que consideramos relevantes para a construção da nossa fundamentação teórica.

A memória exerce uma função importante na medida que ela atribui significado às coisas, para que estas sejam portadoras de idéias, normas, valores, crenças, tradições que eram transmitidas a outras pessoas. A memória se enraíza pelo concreto, no espaço, no gesto, na imagem, nos acontecimentos vividos ou ouvidos pelos indivíduos que as narravam para as diferentes gerações. (MARZARI, apud CASSIANO, 2005, p. 18).

Sabemos que tentar entender “totalmente” a vivência das pessoas por meio de seus relatos e de suas memórias, é uma utopia, pois como diz Eclea Bosi, “a experiência da releitura é apenas um exemplo, entre muitos, da dificuldade, senão da impossibilidade, de reviver o passado tal e qual; impossibilidade que todo sujeito que lembra tem em comum com o historiador” (BOSI, 1998, p. 59). Assim cabe ao historiador a ressignificação mais próxima possível do passado estudado.

A memória descortina-se geralmente por meio da oralidade, daí a importância de conhecermos os métodos de pesquisa oral, pois devemos ter cuidado ao interagirmos com os entrevistados. Dizemos isso por que o simples fato de a pessoa saber que a sua experiência será registrada pode fazê-la “filtrar” as informações de suas experiências.

Michel de Certeau dizia que “A observação altera o observador”. (1982, p. 102) Com certeza a operação historiográfica nos proporcionou até este momento a certeza que conceitualmente fomos modificados e que até a conclusão deste trabalho ainda “sofreremos” modificações no jeito de ver, analisar e compreender a história. Os caminhos de construção da História revelam uma consciência presente em todos nós, de que temos uma origem e um destino comuns. E mesmo sabedores da multiplicidade das culturas, do presente e do passado, em cada uma delas reconhecemos uma parte de nós mesmos.

2 – O ESPAÇO E O CONTEXTO HISTÓRICO DE BARRA DO GARÇAS: A HISTÓRIA ANTES DA HISTÓRIA – CONHECENDO AS HISTÓRIAS DE OCUPAÇÃO DO LUGAR.

Mesmo conscientes da multiplicidade das culturas, do presente e do passado, em cada uma delas reconhecemos uma parte de nós mesmos. Ao reconhecermos que “somos” o resultado do “encontro” de incontáveis antepassados e culturas, empreendemos o primeiro passo para respondermos a duas questões importantíssimas para construção de nossa História, e que são respectivamente “de onde viemos” e “por que estamos aqui”. Entender as causas da migração recente para Barra do Garças é o cerne deste trabalho, no entanto, não conhecer, mesmo que de forma rápida como surgiu o “lugar” antes desta migração recente é no mínimo falta de respeito para com todos que as margens do Araguaia e aos “pés” da Serra do Roncador viveram, produziram e morreram.

2.1 – Ocupações iniciais da Região.

Os nossos antepassados mais remotos têm como berço a África, é de lá que há quatro milhões de anos atrás o homem, iniciou sua caminhada sobre o planeta Terra. É entre cinquenta mil e quinze mil anos atrás, que segundo historiadores como Niéde Guidon, as Américas começaram a ser ocupadas, por povos vindos da Ásia, Oceania e segundo teorias mais recentes da África. O Brasil têm um passado “Pré-histórico” riquíssimo investigado por arqueólogos do porte de Niéde Guidon, que representa uma incansável defensora desse patrimônio, ainda tão carente de investimentos e proteção.

O Centro-Oeste brasileiro guarda uma enorme quantidade de vestígios deixados pelos povos que primeiramente ocuparam estas paragens. Podemos perceber isto nos diversos sítios arqueológicos já identificados no Vale do Araguaia. Os estudos científicos destes sítios iniciaram-se nas décadas de 1970 e 1980, como afirma Jorge Eremites de Oliveira e Sibéli Aparecida Viana no artigo chamado: Pré-história da Região Centro Oeste do Brasil: o centro oeste à exceção do pantanal – os caçadores e coletores – 1ª Parte – Ciudad Virtual de Antropologia e Arqueologia, para tanto afirmam que:

Na região, o desenvolvimento de pesquisas arqueológicas sistemáticas e contínuas teve início em Goiás, através da execução de projetos de pesquisa junto à Universidade Católica de Goiás (UCG) e à Universidade Federal de Goiás (UFG), respectivamente em 1971 e 1974. Posteriormente, sobretudo a partir da década de 80, pesquisas desta natureza foram realizadas em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, em sua maioria por arqueólogos brasileiros vinculados a instituições de ensino superior. (OLIVEIRA e VIANA, 2000, p. 06)

Desta maneira, estes pesquisadores construíram teorias acerca da ocupação da região centro-oeste e que hoje norteiam aqueles que enveredam por esta área da produção acadêmica. Podemos compreender na fala de Oliveira e Viana a base destas teorias quando estes dizem que:

Ao que tudo indica, as primeiras ocupações humanas do Centro-Oeste estão vinculadas à presença de grupos caçadores-coletores que se estabeleceram na região entre o final do Pleistoceno e o início do Holoceno, entre 12.000 e 10.000 A.C. Existem, todavia, datas mais antigas, mas que, em sua quase totalidade, ainda devem ser vistas com cautela. (OLIVEIRA e VIANA, 2000, p. 11)

É comum encontrarmos na região de Barra do Garças, relatos de agricultores que ao prepararem a terra para o plantio, localizaram restos de ferramentas, cerâmicas e ossadas dos primeiros habitantes destas paragens. Vários colonos ainda guardam em casa vestígios dos habitantes pré-históricos de Barra do Garças, acreditando terem poderes curadores e protetores, como aqueles que guardam as “pedras de raio”, ou seja, machadinhos de pedra que, segundo os moradores mais antigos, protegeriam a casa contra “queda de raio”. É neste contexto que percebemos no imaginário local uma busca em conectar-se ao passado, mesmo que este contato estabeleça-se de maneira que os nativos atuais dêem sentidos míticos aos vestígios deixados na terra e na pedra pelos primeiros habitantes da região.

Mais recentemente temos na pesquisa da Professora Mestre Nina Tereza de Oliveira Dolzan (2006) realizada em grande parte no Vale do Araguaia, o suporte teórico para conhecermos e entendermos os primeiros habitantes da região. A base de sua pesquisa é o estudo das pinturas e gravuras rupestres,

confeccionadas pelos grupos que habitaram a Serra do Roncador e suas proximidades. Este importante estudo tem como principal objetivo conscientizar os habitantes desta região, da necessidade de lutarmos pela preservação deste riquíssimo patrimônio histórico cultural por meio da Educação Patrimonial. Nina afirma isto, quando em seu artigo, “Educação Patrimonial”, denuncia a urgente preservação das pinturas rupestres abertas à visitação pública na região central do Vale do Rio Araguaia.

Urge proteger esse acervo do passado para o presente e para o futuro. Há um conjunto de leis pertinentes, mas ações mais diretas devem ser realizadas, para que o freqüentador dos sítios arqueológicos, além de visitá-los, possa conhecê-los para amá-los e preservá-los. A Educação Patrimonial presta-se a esse objetivo com eficiente envolvimento, preparando o ser humano em formação, para que possa sempre estar buscando a sua identidade e preservando o seu patrimônio cultural. (DOLZAN, 2006, p. 34)

Além disso, Nina Dolzan nos chama a atenção em seu estudo, para o potencial turístico dos sítios da Serra do Roncador. Notamos isto quando ela afirma :

A arte rupestre, notadamente as pinturas, compõe um dos mais visíveis e famosos vestígios da Pré-história. Proporcionam um entendimento da mente pré-histórica, como nenhum outro vestígio poderia permitir ao homem moderno. Admiradas por leigos e estudiosos, são um dos principais balaústres econômicos do potencial turístico do local onde se localizam. . (DOLZAN, 2006, p. 39)

FIGURA 2- Arte rupestre da pré-história encontrada na Gruta dos Pezinhos na Serra Azul em Barra do Garças.



Fonte: Marcelo Uemura, 2007.

Alguns milhares de anos se passaram e aqueles primeiros grupos humanos que aqui deixaram inúmeros vestígios, seja nas pinturas rupestres, nos acampamentos e nas ferramentas de pedra polida, migraram para outras regiões, ou desapareceram? Só a continuação das pesquisas poderá futuramente dizer.

2.2 – Grupos Indígenas da Região.

Nesses cinco séculos registra-se contra os nativos ameríndios, não apenas toda sorte de agressões, ameaças, escravizações e genocídio, como também a resistência e a confiança destes no futuro, através de lutas para assegurar seus territórios, sua cultura, suas identidades.

Conforme relato do Conselho Indigenista Missionário (CIMI) de 2000, Mato Grosso, atualmente abriga uma surpreendente diversidade de 38 povos indígenas somando uma população de 23 mil pessoas, aproximadamente. Apesar de toda a violência cometida contra os indígenas ao longo dos 500 anos, constatamos uma enorme resistência por parte dos povos indígenas. Inclusive registra-se um aumento demográfico considerável além de uma preocupação no campo da educação escolar. Basicamente em todas as aldeias há escolas assumidas por professores indígenas, os quais, em sua maioria, estão em processo de formação, uns cursando o Magistério, outros cursando o ensino superior (SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DE BARRA DO GARÇAS, 2004). Dentre os povos que retomam o seu crescimento populacional e que fazem parte da história de Barra do Garças encontram-se os povos Bororo e Xavante. Pela primeira vez na história esboçam-se garantias legais voltadas para o futuro dos índios, abrangendo o reconhecimento de direitos territoriais.

FIGURA 3 - Grupo indígena Xavante



Fonte: Otavio Firmino, 2008.

O grupo indígena Bororo estabeleceu-se ainda no Brasil pré-colonial na região do Vale do Araguaia e é sem dúvida alguma, um dos povos indígenas mais conhecidos do Brasil e do mundo como ressalta o livro “Os Bororos na História do Centro-Oeste Brasileiro 1716-1986”, escrito por membros da Missão Salesiana de Mato Grosso, relata a seguinte passagem.

Podemos afirmar que a tribo bororo é uma das mais conhecidas do mundo. Estudiosos brasileiros e estrangeiros escreveram livros sobre os Bororos. Lembramos alguns: os salesianos Colbacchini, Tonelli, Albisetti e Venturelli, autores estes da “Enciclopédia Bororo” da qual foram editadas até agora um total de 2596 páginas; Claude Lévi Strauss, Christopher Croker, Cândido Mariano Rondon, Manuel Cruz, Carlos Drumond. Seria demais enumerar várias teses de doutorado de alunos de antropologia de universidades estrangeiras e brasileiras, especialmente da USP. (BORDIGNON, 1986, p. 41)

Na cidade de Barra do Garças ainda é possível encontrar vestígios de aldeias bororos que existiram ali, até fins do século XIX, inclusive quando da construção da instituição pública chamada Departamento Nacional de estradas e Rodagens (DNER) no centro da cidade na década de 1970, foram encontradas várias urnas funerárias bororo, que na época foram encaminhadas a Universidade federal de Mato Grosso (UFMT) em Cuiabá para serem estudadas e posteriormente devolvidas a comunidade barragarcense, o que até a presente data não ocorreu.

Há ainda na memória coletiva uma série de histórias que fazem alusão aos primeiros contatos entre bororos e brancos na região do Médio Araguaia, uma

destas se refere a um massacre dos indígenas comandados por um fazendeiro no fim do século XIX e que é assim narrado por Bordignon.

Em 1897 os Bororos assaltaram a fazenda Tatu, perto de Araguaiana, matando os familiares do fazendeiro Clarismundo. Em represália, ele organizou uma expedição com muitos homens fortemente armados e foi perseguir os Bororos. Encontrou-os no córrego Aldeia afluente do rio Garças, e matou mais de cem. Outras barbaridades foram levadas a efeito contra os índios, lembradas até hoje pelos habitantes da região. (BORDIGNON, 1986, p. 29)

Na atualidade os Bororos desta região vivem em reserva pertencente à cidade de General Carneiro e segundo Bordignon estão na seguinte situação.

Todas as aldeias têm atendimento de saúde, por parte da FUNAI ou da Missão salesiana. A educação que recebem dos pais e da tribo é ainda bastante eficiente. (...) hoje o problema mais sério dos Bororos é o alcoolismo. No passado usavam algumas bebidas levemente alcoólicas. Com os brancos conheceram a aguardente que, muitas vezes dada gratuitamente, originou uma aguda dependência por parte dos índios. O problema agrava-se cada vez mais pela facilidade de comunicação que existe na região. (...) a nação brasileira não pode esquecer a história dos Bororos, a contribuição que estes lhe deram e o preço que pagaram, especialmente no Centro-Oeste. Acreditamos que os inúmeros mártires bororos não morreram em vão e que os poucos que sobreviveram continuarão a trabalhar para manter e relembrar sua cultura, num ambiente de paz e auto-suficiência. (BORDIGNON, 1986, p. 47-49)

Ainda no século XVIII iniciou-se a saga da migração dos índios Xavante que até aquele momento viviam em Goiás, onde hoje é o Estado de Tocantins. Para fugir do contato com os não-índios os Xavantes empreenderam fuga para o interior do Centro-Oeste, desta forma, chegam à região que ficaria conhecida como Vale do Araguaia. Esta chegada é marcada pelo confronto com outros grupos indígenas, já estabelecidos, como os Bororos. Para conquistar espaços, os Xavantes guerreavam e eram considerados, pelos bandeirantes que andavam atrás de ouro, os índios mais temidos. Desse modo, o grande grupo faz a travessia para o Mato Grosso fixando-se nas redondezas do Rio das Mortes. Sempre às margens deste rio, se deslocaram periodicamente até chegarem às terras do atual município de Ribeirão Cascalheira. Em 1957, dividiram as aldeias, em seis Reservas.

Fundaram a aldeia Santa Terezinha que mais tarde chamou-se aldeia Cachoeira. Nessa aldeia viveram vários anos, todos juntos, só mais tarde começaram a dividir-se em outras aldeias menores.

No imaginário cultural barragarcense a etnia Xavante tem significativa representatividade. Ao entendermos mesmo que superficialmente quem é este “povo”, quais são seus costumes, suas vivências, e ainda a sua importância na construção da cultura barragarcense, estaremos preenchendo importante lacuna da historiografia regional.

O Relatório do Projeto TUCUM(1), de 1995, descreve o povo Xavante cuja autodenominação é Auwe, que significa "gente verdadeira", como um povo que pertence ao grupo lingüístico Jê.

Atualmente eles vivem em seis áreas indígenas que são: São Marcos, Parabubure, Sangradouro, Couto Magalhães, Rio das Mortes e Areões, localizadas na região entre os Rios Araguaia e Batovi, no leste mato-grossense. Juntamente com os Xerente do Norte de Goiás formam o ramo central da Família lingüística Macro-Jê. Hoje, eles são aproximadamente 12.400 pessoas distribuídas em aproximadamente 104 Aldeias, em dez Municípios: Água Boa, Nova Nazaré, Barra do Garças, Canarana, Campinápolis, Novo São Joaquim, Paranatinga, Poxoréu, General Carneiro e Ribeirão Cascalheira . Sete destes municípios já pertenceram a Barra do Garças em um passado recente. Essa população representa quase metade da população Indígena do Estado de Mato Grosso.

Durante todo o século XIX e no início do século XX, os Xavantes permaneceram hostis para com os forasteiros e com qualquer tentativa de contato pacífico a ser estabelecido com eles.

Na década de 30 e no início da década de 40, tanto o Serviço de Proteção ao Índio (SPI), como os Missionários Salesianos fizeram tentativas infrutíferas para estabelecer contatos amigáveis com os mesmos.

(1) O projeto TUCUM foi idealizado pela Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso e realizado com o apoio da FUNAI em 1994. O projeto TUCUM, cujo nome é homenagem a uma palmeira da região muito utilizada pelos indígenas, tem como objetivo formar e capacitar professores indígenas em nível de magistério, levando em consideração não só as teorias, como as experiências práticas da vida indígena. Esta característica alia ao processo de conhecimento as experiências práticas da vida indígena.

Como as pressões aumentaram na área do Rio das Mortes, os Xavante se subdividiram em três grupos básicos, sendo que cada grupo experimentou tipos diferentes de contato com a sociedade “branca”. Além do mais, estes mesmos grupos tiveram relacionamentos históricos distintos com o território que atualmente ocupam. A população Xavante foi estimada entre 1500 e 2000 pessoas, quando todos os grupos foram contatados, no início da década de 50. Naquela época, entretanto, eles sofreram um considerável decréscimo populacional devido a epidemias e choques com habitantes locais.

Os primeiros Xavantes que estabeleceram contato pacífico com agentes do SPI em 1946 foram aqueles que permaneceram na área do Rio das Mortes, contato esse longamente procurado por aquele órgão. Este grupo subsequentemente dividiu-se em dois grupos que, na atualidade habitam as terras Indígenas de Pimentel Barbosa e Areões.

Ainda hoje, os Xavantes mantêm uma organização social e cultural muito forte com danças, cantos, narrativas, pintura corporal e cerimônias coletivas. É um povo fisicamente forte e se destaca pelo esporte tradicional, principalmente a corrida da tora de buriti, atração aguardada ansiosamente por vários anos nas comemorações de aniversário da cidade de Barra do Garças, quando os “brancos” assistiam extasiados aquela demonstração de força e arte. Outro destaque que merece atenção são as lutas corporais muito presentes na cultura Xavante. São ativos, determinados, hábeis corredores, gostam de jogar futebol, foram campeões nos jogos indígenas do Vale do Araguaia em 2008. O primeiro deputado federal indígena brasileiro, Mário Juruna (eleito pelo Rio de Janeiro), pertencia à comunidade Xavante.

Ao procurar a educação escolar os Xavantes não estavam preocupados em se tornar instruídos e sim aprender a falar português com o intuito de se defender do “branco”, para não ser enganado. Atualmente, querem a escola como uma aliada para tentar fortalecer suas tradições e seus costumes. Segundo eles, os Xavantes precisam viver e conviver com a proximidade de culturas diferenciadas, sem perder a deles. “Os índios mais velhos têm medo de perder a sua cultura tradicional”. (Hi’rátiwató, 2008)

Acima de tudo, e em qualquer circunstância, defendemos que se dê uma atenção especial à diversidade cultural existente em nosso país e principalmente quando se trata das manifestações culturais do Xavante, porque temos muito a

aprender com eles. Esta concepção está muito clara na carta-discurso escrita por um Xavante licenciado em História chamado Roberto Hi'rátivató.

Sou da etnia Xavante me chamo Roberto Hi'rátivató. O meu povo acredita que tudo começou a partir do surgimento do homem Xavante. Pois os mitos Xavante são inúmeros e o sentido de vida neles contidos são bastante significativos. Percebe-se no seu conteúdo, o valor que os Xavante dão a força e a coragem. Nós Xavante vivíamos nesta terra muito antes dos brancos aqui chegarem. Por um bom tempo fomos desrespeitados, hoje queremos respeito e também respeitar.

Somos diferentes, nem inferiores, nem superiores. Geneticamente somos iguais, índios, negros e brancos, e é esta diferença que pode nos unir, pois podemos aprender uns com os outros, e crescermos juntos. Cada cultura é única e dessa forma rica. O Vale do Araguaia é nossa casa, a natureza é nossa mãe, nós Xavantes e os brancos somos irmãos. É necessário aprendermos a conviver e nos respeitar.

A maior riqueza que o Brasil tem é a sua diversidade cultural, que nós saibamos aproveitar este potencial e crescermos juntos.

Respeitar é preciso. (Depoimento realizado em Barra do Garças, 2009).

Nós “não-índios” temos muito a aprender com as comunidades indígenas, basta abriremos o “diálogo cultural”, pois é na diversidade que enriquecemos e quem sabe, encontraremos uma solução para minimizar as desigualdades sociais do Brasil.

Acreditamos também, sobretudo, que é nosso dever colocarmo-nos à disposição das comunidades indígenas para auxiliá-las na luta pela reafirmação cultural. Uma maneira de fazê-lo seria, talvez, ajudar a re-escrever sua história, seus cantos, seus mitos, ressaltando que a diversidade é o que enriquece, e é na diversidade que nos complementamos e assim, podemos ajudar-nos mutuamente.

2.3 – A presença dos “Branços” no Vale do Araguaia.

2.3.1 – As primeiras expedições em busca de riquezas.

Nos últimos 300 anos, outros homens fizeram desta terra de Barra do Garças, ponto de passagem e exploração. Entre estes encontramos nos séculos dezessete e dezoito, os Bandeirantes Paulistas. Estes, naquele momento histórico, enxergaram na caça ao “negro da terra”, ou melhor, na captura dos nativos ameríndios a solução para as dificuldades financeiras que vivenciavam.

FIGURA 4 - Bandeirantes do século XVIII.



Fonte: Ilustração presente no livro “*História de Mato Grosso: Da ancestralidade aos dias atuais*” de Elizabeth Madureira Siqueira. (2002)

"Buscar o remédio para a sua pobreza", "buscar o seu remédio", "buscar sua vida", "o seu modo de lucrar", expressões comuns em testamentos de bandeirantes, expressam os objetivos da expansão bandeirante.

Pelos rios, principalmente os da bacia do Tietê, as bandeiras alcançaram o interior habitado pelos nativos, chegando aos atuais Estados de Minas Gerais,

Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul e às regiões onde se localizavam as aldeias jesuíticas.

Impossibilitados de adquirir escravos negros, os paulistas lançaram-se ao apresamento de índios. Na verdade, o uso do trabalho escravo era objetivo comum dos colonos portugueses. Tanto os índios, "os negros da terra", usados pelos paulistas, como os negros africanos de que se valiam os senhores de engenho do Nordeste, significavam mão-de-obra escrava. Sem ela os colonos não conseguiriam produzir, nem "se sustentar na terra".

Outra motivação para a realização das expedições bandeirantes era a concretização de um antigo sonho dos portugueses, acalentado desde que estes tomaram posse de nosso território, ou seja, o sonho de encontrar, como haviam feito os espanhóis do outro lado da Linha de Tordesilhas, o Eldorado. A busca pelos metais preciosos na América portuguesa tinha ainda um nome: a "Serra dos Martírios". Esta lendária serra foi inicialmente buscada por Bartolomeu Bueno da Silva "o Anhanguera", e perpetuada por seu filho, o segundo Bartolomeu Bueno da Silva e Antônio Pires de Campos, o "descobridor" de Cuiabá. Estes voltaram ao interior do Brasil e teriam sido os primeiros homens brancos a passar pela região do Araguaia, como afirma Pedro Jucá em seu livro *Diário Histórico de Mato Grosso*, quando este diz:

Antônio Pires de Campos localizava a Serra dos Martírios na região do Rio Araguaia, que assim descrevia: "(...) Seguindo pelo mesmo abaixo, se avistam uns morros azuis, e nestes acharam a tapera dos Araés, onde chegamos com meu pai, que Deus haja, e achamos várias cunhãs com folhetas pelo pescoço e braços, e destas folhetas mandou meu pai fazer um resplendor para a Sua Virgem, e também uma coroa do mesmo ouro, que pesa quarenta e tantas oitavas, para a Virgem Senhora do Carmo do Hospício de Itú. E, perguntando aos ditos índios aonde tinham achado aquelas folhetas, respondeu o cacique que foi naqueles morros depois da chuva. Isto foi o que vi, e não foram cousas contadas. Na volta que fizemos nos encontramos com o pai do capitão-mor Bartolomeu Bueno (da Silva), e ouvindo a meu pai todo o referido". (JUCÁ, 1992, p. 54)

A região onde hoje está localizada Barra do Garças começou a ser explorada em 1673, quando o bandeirante Manoel de Campos Bicudo teria iniciado uma busca pelas lendárias Minas (Serra) dos Martírios. Segundo alguns estudiosos, esta serra poderia ser o local que na década de 1970, ganhou o nome

de “Serra Pelada”, de onde se extraíram toneladas de ouro e que se localiza atualmente no sul do estado do Pará.

Sabemos assim que o bandeirantismo foi responsável pelo desbravamento “branco” das terras localizadas no Centro-Oeste brasileiro. Várias estórias são contadas pelos moradores do local sobre as experiências que os bandeirantes tiveram na busca do ouro e do diamante. Seleccionamos uma que faz menção a exploradores do século XIX, como sendo ainda herdeiros da cultura bandeirante. Assim narra Aparício Miranda do Nascimento que:

Contam os mais velhos que Barra e região foram ponto de passagem dos bandeirantes. Aqui no chamado travessão das Pitombas tem uma fazenda, que tem segundo dizem, um local que servia de acampamento para ele. Lá já acharam garrafões, cachimbos e pratos de barro que dizem ser daquela época, chegando a General Carneiro também tem uma fazenda que acharam componentes de arcabuz, como gatilhos e espoletas. O mais interessante é que dizem terem achado aqui em cima da Serra Azul na entrada de uma caverna os restos de uma espada e de uma pistola daquelas de carregar pela boca. **(Entrevista realizada em Barra do Garças, 2010)**

No início do século XX, encontramos na intrigante história do Coronel Fawcett (o verdadeiro Indiana Jones), mais uma narrativa sobre uma expedição branca dirigida à região de Barra do Garças e à Serra do Roncador.

Um texto, conhecido como “Documento 512”, achado em 1838 na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, descreve uma enorme cidade perdida na Bahia. Esta descrição foi a motivação que trouxe em 1925 uma expedição ao interior do Brasil, mais precisamente a Mato grosso.

Na Serra do Roncador o explorador Cel. Percy Harrison Fawcett, seu filho Jack e um amigo desapareceram. Eles já haviam dito que descobriram túneis na serra que levavam à cidades subterrâneas. Certa vez outro filho do explorador, que não foi na expedição, recebeu uma carta de um soldado alemão dizendo que seu pai estava vivo e morando numa dessas cidades. Fawcett levava consigo, quando desapareceu, um pequeno ídolo negro encontrado numa viagem anterior à região o que, para o inglês, era uma das provas da existência de não apenas ruínas, mas de uma civilização sobrevivente ainda hoje, isolada por completo do resto do mundo.

É bem provável que Fawcett estava, na verdade, em busca de riquezas, pois, nesta época haviam ocorrido grandes descobertas arqueológicas no Egito e Peru, trazendo fama e notoriedade aos seus descobridores. Estas descobertas com certeza também serviram de motivação ao Coronel, para a realização de sua aventura em busca da tal cidade perdida no Mato Grosso, mais precisamente na Serra do Roncador.

Há quem diga que Fawcett encontrou a tal cidade e resolveu morar lá, junto com habitantes do local, um povo de tez branca e longos cabelos negros, que teriam poderes paranormais. Mais curioso ainda é que grupos místicos acreditam que seja uma cidade intraterrena, portanto localizada no interior da terra, dificultando ainda mais a sua localização.

Porém, parece que Orlando Villas-Boas, o famoso sertanista, conseguiu decifrar o enigma em 1951 ao constatar que índios kalapalos (etnia da Alto Xingu) teriam matado Fawcett e os outros dois estrangeiros numa briga e enterrado seus corpos.

Muitas cidades tem em sua formação cultural, o chamado mito de origem ou mito fundador, uma prática que remonta a Antiguidade, como por exemplo, na lenda de Rômulo e Remo acerca da fundação de Roma. Barra do Garças insere-se neste contexto pois tem na narrativa conhecida como “O desaparecimento da Garrafa de Diamantes” o que nós chamamos de mito fundador. Aparício Miranda do Nascimento, migrante que chegou a cidade em 1975, motivado pelo comércio dinâmico da cidade, ouviu, como outros, a história da garrafa, e nos conta o que aprendeu por meio do que ele chama de história repassada boca a boca.

Olha segundo conta esta história, que é transmitida geração após geração, após o término da Guerra do Paraguai dois ex-combatentes, decidiram percorrer a região do Rio Garças em busca de minérios preciosos, sendo um deles um sujeito chamado Simeão da Silva Arraya. Neste ínterim chegam a “barra” do Rio Garças, ou seja, no encontro do já referido rio com o Rio Araguaia, neste local iniciam a prospecção em busca de diamantes, encontrando a seguir grande quantidade dessas pedras preciosas. A cada pedra encontrada, o mesmo “cofre”, um garrafão de vidro. Trabalharam assim muitos dias. Ocorreu que próximo a região em que os garimpeiros se encontravam havia uma aldeia Borôro. Conta à narrativa que os indígenas acabaram por descobrir os homens brancos em seu território, e estes para não serem mortos resolveram fugir. Aqui surge o mito. Na “pressa” da fuga e sabendo que teriam que atravessar os rios Garças e Araguaia a nado, os garimpeiros resolveram esconder o cofre, ou seja, a garrafa contendo os diamantes, para tanto buscaram um marco para

indicar o esconderijo do “pequeno tesouro”. Assim encontraram as margens do Rio Garças uma pedra singular. Esta além de relativo porte tinha em sua superfície símbolos em forma de espiral, que a diferenciavam de todas as outras. Para garantir que o marco seria encontrado posteriormente, os homens gravaram na pedra a seguinte inscrição “S.S. Arraya 1872” cavaram embaixo da pedra escondendo a dita garrafa, para em seguida atravessarem os rios e chegarem a Araguaiana. Tempos depois voltaram sem fazer alarde para reaverem sua riqueza. O que os garimpeiros não contavam era que a cheia do rio “lavaria” o cascalho embaixo da pedra, levando desta forma a garrafa de diamantes. (Entrevista realizada em Barra do Garças, 2010)

Segundo Aparício a partir de então todos os garimpeiros (e por que não dizer qualquer outra pessoa) que chegaram a esta região traziam em seu imaginário a vontade de enriquecer encontrando a famosa garrafa. Esta narrativa é considerada por muitos a motivação para que as primeiras levadas populacionais se assentassem na região. Valdon Varjão, um dos políticos mais influentes de Barra do Garças, e também o primeiro a escrever (em forma de memórias) sobre a História do lugar, descreve assim a história da garrafa de diamantes no livro “Barra do Garças: do Passado ao Presente”.

Na versão de Raul José de Mello, antigo coletor das rendas estaduais de Registro do Araguaia e pessoa merecedora de crédito dizia ter em mãos a cópia do testamento de um dos herdeiros daquele tesouro, o pai de Marcos Afonso. Dizia Raul que no ano de 1871, o pai de Marcos Afonso, Simeão da Silva Arraya e outros dois integrantes, ex-combatentes da Guerra do Paraguai ao serem desmobilizados, resolveram iniciar uma garimpagem de ouro na confluência do rio Garças nas proximidades da barra do Córrego Voadeira. Nas pesquisas encontraram muitos diamantes. Sabedores do valor daquelas pedras preciosas resolveram ir guardando-as numa garrafa. De certa feita, assediados e atacados por índios bororos, habitantes natos, empreenderam a fuga e enterraram a garrafa de diamantes num monte de cascalho situado nas proximidades de uma grande pedra na beira do rio, e foram homiziar-se nas fazendas das proximidades de Bom Jardim para voltarem logo que os índios abandonassem o local de garimpagem. Em seguida iniciou-se o período chuvoso e o monte de cascalho fora imergido. Quando voltaram resolveram marcar a pedra que lhes serviria de baliza ou orientação, fazendo a inscrição “S.S.Arraya – 1871”. Durante alguns anos insistiram na procura da garrafa, e neste ínterim faleceu um dos donos, o pai de Marcos Afonso, que em seu testamento usou as seguintes expressões: “Além dos bens deixados, meus herdeiros ainda terão direito a uma quarta parte na garrafa de diamantes que se encontra enterrada na confluência do rio Garças, em local assinalado numa pedra com a inscrição S.S. Arraya 1871”. (VARJÃO, 1992, p. 17)

Na década de 1920, foram fundados os primeiros núcleos garimpeiros, época em que a região de Mato Grosso estava sob o comando de um poderoso Coronel do Garimpo, chamado Morbeck. O dito Morbeck era quem autorizava a abertura de garimpos por toda região dessa forma em 1924 com sua autorização, Antônio Cristino Cortes e Francisco Dourado fundaram a vila garimpeira que daria origem a Barra do Garças moderna. Varjão no livro já citado relata como se deu este povoamento.

O que se pode denominar de povoamento, só ocorreu em 1924 com a chegada dos garimpeiros Antonio Cristino Côrtes e Francisco Dourado, acompanhados de outros garimpeiros que se destinavam ao Garças, procedentes do Registro do Araguaia. José Pedro informou aos viandantes da existência de cascalho e diamantes achados na barra da Voadeira, o que despertou a curiosidade dos garimpeiros para exploração e na qual foram bem sucedidos. Entre 1924 e 1926 Barra do Garças se tornou um aglomerado de barracos e serviu de Quartel-General para os combatentes da “Revolta MORBECK versus CARVALHINHO”. (VARJÃO, 1992, p. 18)

Importante se faz relatar o que Varjão nos chama de “Revolta Morbeck versus Carvalhinho”, para tanto temos no livro “Garimpeiros de Poxoréo: Mineradores de pequena escala de diamantes e seu meio ambiente no Brasil” de Michael Baxter, importante fonte de entendimento do dito conflito. Inicialmente Baxter fala do contexto de “autonomia” presente na região do Garças em relação ao governo estadual da seguinte forma. “A ausência de autoridade viável no leste de Mato Grosso que desafiasse a hegemonia dos líderes locais e a independência com a qual os garimpeiros trabalhavam tornou a disputa inevitável” (BAXTER, 1988). Tal disputa entre garimpeiros e o governo estadual levaria a chamada “Revolta Morbeck versus Carvalhinho”. A eclosão da dita Revolta ocorreu segundo Baxter porque.

Havia alguma oposição de Morbeck e sua “Liga dos Garimpeiros do Garças” à entrada do governo numa região há muito tempo ignorada. A verdadeira batalha começou, contudo, quando um dos próprios tenentes de Morbeck, Manoel Balbino de Carvalho (“Carvalhinho”) foi nomeado “Delegado de Polícia e Agente Arrecadador dos tributos das minas garimpeiras” de Santa Rita do Araguaia, tornando-se responsável pelo cumprimento da legislação. Na luta entre as forças de Morbeck e Carvalhinho mergulhou o leste de Mato Grosso entre 1923 e 1926. O

conflito – e a extensão da violência – havia de deixar conseqüências marcantes para o povoamento do leste de Mato Grosso. (BAXTER, 1988, p. 21)

Esta disputa pelo poder na região dos garimpos reflete o desejo de autonomia presente na cultura garimpeira, e que é corrente no imaginário daqueles que viveram e ainda vivem em garimpos.

No início da década de 1930, houve novo surto garimpeiro com a descoberta da “Mancha da Praia”. Interessante que neste momento, a vila ao invés de crescer fez foi diminuir, pois do outro lado do rio Araguaia surgiu um outro lugar para as pessoas morarem. Varjão explica este fenômeno quando diz que.

Maior desenvolvimento do núcleo garimpeiro foi se verificar no ano de 1933 com a descoberta da mancha da Praia, quando a povoação de barra goiana, (hoje Aragarças-GO) surgiu motivada pela proibição de construção de casas de alvenaria na Vila Barra Cuiabana, ou seja podia-se construir somente barracas, e para as novas construções exigia-se alinhamento de ruas e casas com a altura mínima de 3 metros, em vez de ranchos, como sempre procedem os garimpeiros. (VARJÃO, 1992, p. 19)

Temos ainda na Tese de Doutorado de Maurides Batista Macêdo F. Oliveira, que tem por tema “Mito e Sobrevivência no Garimpo: a Cidade de Baliza - Goiás (1922-1960)”, importante fonte para compreensão da ocupação da região entre as décadas de 1920 e 1940. Em sua tese Maurídes discute as características ocupacionais que fizeram surgir Baliza, cidade de Goiás que está a 60 quilômetros de Barra do Garças. A autora analisa ainda os aspectos culturais do lugar decorrentes de sua fundação garimpeira. A cultura de Barra do Garças é herdeira também da cultura garimpeira o que nos permite dizer que as representações defendidas pela referida autora servem para entendermos também a história do garimpo em Barra. Segundo Maurides Macêdo o mito do enriquecimento rápido é um dos componentes principais para o entendimento da cultura garimpeira, para tanto diz que

O mito do garimpo como lugar redentor, o sonho do enriquecimento rápido, de uma vida melhor e da liberdade no trabalho que o garimpo oferece está

presente na voz daqueles que chegaram em Baliza em busca das pedras preciosas e iniciaram, em 1924, a exploração dos diamantes. Na sua maioria, as pessoas que se dirigiram para esses garimpos faziam as mesmas projeções, possuíam aspirações e representações semelhantes. (OLIVEIRA, 1997, p. 20)

Ainda apresentando informações sobre a ocupação da região, Maurides Macêdo destaca o contexto de descoberta das jazidas diamantíferas da região e aponta os grupos migrantes e suas respectivas motivações para virem para o Vale do Araguaia.

As jazidas foram sendo descobertas e os núcleos urbanos como Baliza, Aragarças, Torixoréu e Barra do Garças foram se formando, à medida em que estes locais viraram notícia. O fluxo de aventureiros para esses lugares tornou-se muito grande. Jornais e revistas do país publicavam constantemente informações sobre estes garimpos, e essas reportagens funcionavam como atrativo para as pessoas de toda a nação, que chegavam a Baliza em busca de enriquecimento rápido. (OLIVEIRA, 1997, p. 16)

De 1924 até meados de 1955, Baliza e toda a região dos garimpos do Araguaia e Garças tiveram uma fase áurea. Para estas regiões chegaram inúmeras pessoas oriundas principalmente do Norte, fugindo da queda da borracha, e do Nordeste do País, fugindo da seca, ou provenientes das lavras diamantíferas da Bahia. (OLIVEIRA, 1997, p. 16)

Era uma época em que a principal fonte de informação era o relato daqueles que viviam no lugar. Então é comum dizer-se entre os mais antigos em Barra do Garças, que as informações que mais motivavam a vinda de garimpeiros para o Araguaia, eram aquelas vindas em forma de carta ou de “recado” dos que lá já viviam. Maurides Macêdo em sua dissertação nos proporciona subsídios para referendarmos tais idéias, quando diz que.

Muitos também tomaram conhecimento do garimpo através daqueles que aí chegavam e comunicavam-se com parentes e amigos, formando uma rede de informações que alimentavam a imagem de que em Baliza a riqueza era fácil. (OLIVEIRA, 1997, p. 23)

Sem sombra de dúvidas o período garimpeiro da História de Barra do Garças é importantíssimo para o entendimento de sua cultura, no entanto, nos permitimos não aprofundar no tema, pois que haveríamos que dedicar o dobro do tempo de nossa pesquisa, haja vista a riqueza de informações e referências sobre o mesmo.

2.3.2 – Projetos de ocupação da região por iniciativa do Governo Federal.

Na década de 1940 do século passado iniciou-se efetivamente a exploração e ocupação da região conhecida por Vale do Araguaia. É nesta época que o Estado Novo, sob a liderança do ditador Getúlio Vargas, temendo perder este imenso território no coração do Brasil, organizou a “Marcha para o Oeste”, que segundo o escritor Valdon Varjão em seu livro “Aragarças – Portal da Marcha para o Oeste” surgiu a partir da seguinte portaria governamental:

Foi então, pela portaria Nº 77, de 3 de junho de 1943, do coordenador da Mobilização Econômica, organizada a Expedição Roncador-Xingu, a qual, cerca de três meses depois, foi considerada de interesse militar pelo decreto-lei Nº 5.801, de 8 de setembro de 1943.”

Esta expedição segundo documento oficial, presente no livro de Varjão surgiu com quatro objetivos básicos:

“I – Organizar a Expedição Roncador-Xingu com os seguintes objetivos: partindo da cidade de Leopoldina, sobre o rio Araguaia, em Goiás, seguir na direção geral de noroeste rumo a Santarém, sobre o Amazonas; procurar o ponto mais favorável sobre o rio das Mortes e fundar um estabelecimento de colonização; continuar a marcha galgando a serra do Roncador e fundar no ponto mais conveniente, que ofereça condições de clima, terras próprias para agricultura e facilidade para estabelecimento de um campo de aviação, um núcleo de civilização que servirá de ponto de apoio para o prosseguimento da Expedição e exploração do território; invernar nesse local preparando o campo de aviação e iniciando trabalhos agrícolas e de construção. (VARJÃO, 1989, p.56)

Notamos nestes objetivos e em outras partes do documento o interesse em estabelecer a colonização da região, no entanto não se fala em estudo prévio dos potenciais econômicos ou dos impactos sócio-ambientais causados a partir da implantação do mesmo.

Manuel Ferreira Filho no livro “O (Des)encanto do Oeste”, aponta da seguinte forma, a criação legal, o objetivo do Projeto “Marcha Para o Oeste” e a criação da Fundação Brasil Central para executá-lo.

A expedição recebeu o nome de “Roncador-Xingu”. Ela foi uma ação governamental considerada de interesse militar pelo Decreto-Lei nº 5.801, de 8 de setembro de 1943, de Getúlio Vargas (FBC, 1945b). a expedição era subordinada à Coordenação de Mobilização Econômica, que a organizou pela Portaria nº 77, de 3 de junho de 1943. (...) A Marcha para o Oeste tinha como objetivos claros se traduzir por uma frente agropastoril. A Fundação Brasil Central seria catalisadora de recursos e ações destinadas a preparar uma estrutura logística para o desenvolvimento do capital que não menosprezava a vocação agropecuária da região, de modo especial as margens do Araguaia “povoada de gado”, como se expressou o ministro João Alberto Lins de Barros. (FERREIRA FILHO, 2001, p. 22-41)

Além disso haviam outras preocupações como demonstra Ferreira Filho, quando este diz que.

(...) devido à Segunda Guerra Mundial, havia uma preocupação da chefia do Estado Maior do Exército brasileiro quanto à segurança do comando do País. O litoral era considerado um local vulnerável do ponto de vista militar. Os irmãos Villas Boas (1994, p23) também escreveram: “não se falava em interiorização como movimento expansionista, mas em tirar a capital da beira do mar, por questão de segurança.” A cidade do Rio de Janeiro era, assim, uma localidade frágil, do ponto de vista estratégico. Por isso a idéia da visita do Presidente ao interior do Brasil foi bem-vista naquela ocasião. (FERREIRA FILHO, 2001, p. 40)

Desta forma entendemos que o importante era demarcar e ocupar uma imensa área no coração do Brasil, para que esta não sofresse a investida de povos estrangeiros, sobretudo em uma época que países como o Japão requisitavam junto a órgãos internacionais, a permissão para ocupar terras que não fossem utilizadas por seus detentores.

Entende-se então, que a partir da efetiva criação em 4 de outubro de 1943 da Fundação Brasil Central e de sua posterior implantação na cidade de Aragarças (vizinha de Barra do garças), o projeto de ocupação desta região tenha se iniciado.

A epopéia chamada de Marcha para o Oeste iniciou-se, no entanto um pouco antes como nos diz Ferreira Filho.

Um grupo de expedicionários de aproximadamente 25 homens, a maioria paulista, formou a Expedição Roncador-Xingu. Sua missão: chegar até a Serra do Roncador, no vale do Araguaia, e daí partir para o Xingu. Eles saíram de São Paulo no dia 7 de agosto de 1943 e chegaram de trem a Uberlândia, de onde, em caminhões, foram para Barra do Garças, uma vila de garimpeiros na época. (...) Ao chegar em Uberlândia, os homens partiram em caminhões para Aragarças, viajando 800 km em dez dias. Nota-se que houve uma mudança de planos da expedição, que deveria sair de Leopoldina. Mas devido a uma ordem superior e sem maiores explicações, toda a base da expedição foi transferida para Aragarças. Na realidade, a base inicial da expedição ficava num vilarejo formado por garimpeiros e conhecido como Barra Cuiabana, mais tarde Barra do Garças (MT). (FERREIRA FILHO, 2001, p. 21-43)

Durante toda a década de 1940 a “Marcha Para o Oeste” foi responsável pela demarcação deste território, assim surgiram o “Vale dos Sonhos” e Nova Xavantina, possibilitando a abertura das “picadas” e a ocupação dos sertanejos, que mais tarde deram origem a várias cidades a partir da década 80. Estes sertanejos possibilitaram aos colonizadores o reconhecimento da região, pois se adaptaram muito bem a vida no cerrado. Viviam nos dizeres de Pedro Possamai, migrante oriundo dos Projetos SUDAM, e que reside hoje em Água Boa², de forma simples e única:

Eles moravam em taperas, um ou outro tinha uma mulinha e uma vaquinha, comiam carne de caça, pesca e farinha de mandioca e nos dias especiais, matavam uma galinha ou um porco. Adoçavam a bebida com melão de cana e para ter sal, viajavam dias na mulinha até Xavantina para adquirir um quilo, apenas um quilo do produto. Quantos conseguiriam viver assim. (Entrevista realizada em Água Boa, 2009).

² Água Boa é uma cidade de Mato Grosso situada a 260 km de Barra do Garças, e que foi fundada pelos antigos colonos de um dos projetos de colonização dirigida oriundos do Sul do Brasil ganhando sua autonomia político/administrativa em 1979. Ressalta-se que até o final da década de 1970 a cidade fazia parte do que nós chamamos de Grande Barra, ou seja, hoje os nossos entrevistados vivem em Água Boa, no entanto, o lugar que começou a ser ocupado na década de 1960 com os projetos SUDAM, passando pelas já ditas colônias dirigidas na década de 1970, está em território pertencente à época a Barra do Garças e que portanto esta ocupação influenciou muito no desenvolvimento da cidade objeto de estudo.

Figura 5 - Sertanejo, migrante do projeto SUDAM



Fonte: Professora Harriet Marques (2008)

Em 15 de setembro de 1948 o distrito de Barra do Garças por meio da Lei Estadual nº 121, passa a ser considerado município, recebendo status “emancipativo” político-administrativo. Interessante ressaltar que Barra era distrito de Araguaiana e que após tal Lei ser criada os papéis se inverteram e Araguaiana passou a ser distrito de Barra, é neste momento que o município recebe o apelido de “maior município do mundo”, pois adquire uma área de terras correspondente a mais de 200.000 km², em realidade pode-se afirmar que era o maior município do Brasil na época.

Temos entre outras fontes que corroboram com a idéia de Barra ser o maior município do Brasil, interessante artigo científico chamado “Evolução do uso agropecuário no período de 1975 a 2008 no município de Barra do Garças - MT”, de Luiz Eduardo Giacomolli Machado e Diego Botelho Cedro, quando estes dizem.

Importante na escolha dessa região para a implantação dos programas de colonização, além da sua localização geográfica perto de grandes rios navegáveis, era também a dimensão territorial do município na época, maior que os estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo e Alagoas juntos (nesse momento histórico Mato Grosso e Mato Grosso do Sul eram um único estado). Somava-se 212.000 Km² de área (Varjão, 1980). Essa imensa configuração territorial de Barra do Garças durou até meados da década de 1950, quando da área total foram desmembrados os atuais municípios de Torixoréu, General Carneiro, Nova Xavantina, Água Boa, Canarana, São Felix do Araguaia, Luciara, Santa Teresinha, Cocalinho, Vila Rica. (GIACOMOLLI E CEDRO, 2009, p. 06)

Durante a década de 1940 e no segundo governo de Vargas a Fundação Brasil Central foi responsável pela construção de várias estruturas fundamentais (estradas, hospital, aeroporto, pontes) e pelo aporte de importantes recursos para a região. No entanto após o suicídio de Vargas foi relegada e “esquecida” como nos relata Varjão no trecho a seguir.

Trocados todos os comandos da Nação, assumiu a Presidência o Dr. Café Filho que substituiu a presidência da Fundação Brasil Central, cortou-lhe todas as verbas destinadas para programas elaborados na penetração do Brasil Central. Com a falta de recursos, volta novamente a entidade a compasso de espera. Passaram pela presidência de 1954 a 1967 inúmeros presidentes, dentre eles muito bem intencionados. Mas os recursos restritos não lhes permitiram dinamizar a entidade para atender à finalidade para a qual fora constituída. (...) em 1º de dezembro de 1967, por força da Lei nº 5.365, publicada no DO de 4-12-1967, o Presidente da República, Marechal Costa e Silva, cria a SUDECO – Superintendência do Desenvolvimento da Região Centro-Oeste; entidade que encampou todo o patrimônio, programa e funcionários da extinta Fundação Brasil Central. (...) a região foi sensivelmente prejudicada pela falta de recursos, obrigando os remanescentes e funcionários da Fundação Brasil Central a se lotarem em outros órgãos do governo ou aposentarem-se como ociosos, pois as suas funções passaram a ser desnecessárias. (VARJÃO, 1992, p. 54-55)

Ainda nas décadas de 1950 e 1960 os Irmãos Villas Boas, empreenderam o que alguns pesquisadores chamam de “desbravamento cultural” do Brasil Moderno. Participantes da Expedição Roncador-Xingu estes paulistas, vieram para a região com o intuito de “sair de São Paulo e quem sabe viver uma grande aventura nos “sertões” do Brasil”, como relata Orlando Villas Boas em suas memórias. Será que imaginariam que a partir daí viveriam trinta e dois anos, em plena atividade de contato e proteção dos povos indígenas de toda esta região?

Os Villas Boas foram de fundamental importância para a preservação da cultura de diversas etnias existentes do Vale do Araguaia ao Xingu. Inclusive a partir de suas atividades inspirou-se a criação da Fundação Nacional Amparo aos Indígenas (FUNAI) e posteriormente a delimitação do Parque Nacional do Xingu.

Os irmãos Villas Boas são considerados verdadeiros defensores dos povos indígenas brasileiros. O entendimento sobre a cultura indígena ganhou enorme relevância a partir do trabalho dos renomados irmãos.

Os anos cinquenta ficaram conhecidos como os “Anos dourados” e em seu final o Brasil deixava de ser um país essencialmente agrário para se tornar

também industrializado. Esta década iniciou-se com a volta de Getúlio Vargas ao poder. Eleito pelo voto popular em 1950 Vargas estimulou o nacionalismo. Após intensa campanha popular, conhecida pelo lema “o petróleo é nosso”, criou-se a Petrobrás em 1953.

É durante esse segundo governo de Vargas que Mato Grosso se abre para a “colonização”. Elizabeth Madureira Siqueira, em seu livro “História de Mato Grosso: Da ancestralidade aos dias atuais”, nos esclarece quanto a esse momento da História de Mato Grosso, quando diz:

Em 1953, foi criada a SPVEA - Superintendência do Plano de Valorização da Amazônia, organismo que contribuiu para aumentar o interesse pelas terras mato-grossenses. (...) Assim, o ano de 1954 marcou um incremento vertiginoso na venda das terras. Um ano depois, foram publicados 3.824 editais de compra de terra e 3.909 de concessão de venda. (SIQUEIRA, 2002, p. 232)

Neste mesmo livro Elizabeth Siqueira cita uma reportagem do jornal “O Estado de São Paulo” de 1954, que continha as seguintes informações:

Há cerca de 40.000 processos em andamento no Departamento de Terras do Estado de Mato Grosso, o que significa estar sendo o Estado inteiro, por assim dizer, loteado e vendido a prestações. Os preços contrastam violentamente com os que vigoram entre nós (em SP), e pode-se adquirir terras devolutas na região das Dúvidas, na Barra do Garças, do Bugres, em Diamantino, em Aripuanã, por mais ou menos 25 cruzeiros o alqueire paulista! Paga-se o corretor, o despachante, paga-se o engenheiro que deve fazer a medição e fica-se latifundiário de um instante para o outro com menos de dois contos de réis. (SIQUEIRA, 2002, p. 231)

Constataremos essas informações no depoimento do vendedor de terras Olmeri Barcelos de Carvalho quando este relata, como se deu o processo de venda e ocupação das terras de que dariam origem a várias cidades após a década de 1970, como Canarana e Água Boa.

Juscelino Kubitschek era chamado de Presidente bossa-nova e a construção de Brasília, inaugurada em 1961, representou o auge de seu governo. Governo que pregava também, a continuação da interiorização e integração

nacional. E é essa política de interiorização, iniciada com Vargas, que foi responsável pelo aporte de imigrantes na região de Barra do Garças na década de 1950.

Até a década de 1950 boa parte das terras que compunham a região da “Grande Barra” pertenciam à União. Segundo Olmeri Barcelos de Carvalho foi nesta época que estas terras foram demarcadas e escrituradas. Ainda segundo Olmeri Barcelos foi um gaúcho chamado Alfredo Tonetto um dos primeiros a requerer e adquirir terras nesta região, sendo que para supervisioná-las, foi contratado Paulo Alemão, o primeiro gaúcho a vir para a região. Compreendemos estas informações a partir do relato de Olmeri que segue abaixo.

Em 1956 o então departamento de terras e colonização do estado de Mato Grosso, vendia por preço simbólico terras aos requerentes que às localassem e localizassem nesta região e que satisfizessem as exigências legais, ou seja, demarcar uma área de terra de mil a dez mil hectares no máximo. Após este momento eram expedidos os títulos provisórios aos requerentes. Alfredo Tonetto de Santa Maria no Rio Grande do Sul, foi orientado por representantes dos governos Getúlio/Goulart, que aqui na região da grande Barra do Garças seria no futuro o celeiro do Brasil. O velho muito astuto organizou uma festa grande e convidou cinquenta parentes, amigos e vizinhos e explicou o que estava acontecendo em Mato Grosso, logo a seguir conseguiu procuração daquele grupo para requerer 10 mil hectares de terra para cada um daqueles que na festa estiveram. A seguir trouxe para BG, mais precisamente para fazenda Santa Maria que ele já tinha requerido o Paulo Jacob Tomas, para abrir a terra e cuidar para manutenção da mesma. A partir de NX aonde tinha o ponto de apoio para vôo, o Senhor Tonetto importou de Hanói dois tratores anomaguis K-60, então o Paulo Alemão fez balsas com tambores ultrapassando o Rio das Mortes, abrindo a partir daí a estrada para a fazenda Santa Maria. Ali o Alemão ficou com a finalidade de supervisionar as áreas que viriam a ser liberadas, e em Cuiabá o preposto Amaro Benetti ficou incumbido de ler o Diário Oficial e informar quais áreas eram concedidas. Posteriormente, quando começaram a sair os demais títulos provisórios o Senhor Alfredo fez uma festa maior ainda em Santa Maria e conversou com a turma que anteriormente havia dado os nomes a ele para requerer as terras. Dizia ele que agora era necessário uma procuração para a escrituração definitiva das terras e após comprar de seus companheiros os direitos sobre as áreas, Alfredo Tonetto escriturou em seu nome 500 mil hectares de terra aqui do Planalto. (Entrevista realizada em Água Boa, 2009)

Desta maneira foram lançadas as bases para que os próximos migrantes que chegassem pudessem encontrar o mínimo de estrutura para instalarem-se no Planalto do Roncador.

Já na década de 1960 inicia-se efetivamente a primeira fase da migração recente de Barra do Garças e “região”. Ressalto e insisto na idéia de região, pois o recorte temporal por nós escolhido deve levar em conta que na época estudada cerca de 15 cidades, hoje independentes, pertenciam ao município de Barra do Garças, o que nos levou a entrevistar vários moradores, que hoje vivem em Água Boa, Canarana e Nova Xavantina.

É exatamente no contexto da década de 1960 que iniciamos nosso trabalho de entrevistas, análise documental e a efetiva construção de nossos ideais de pesquisa. É deste arcabouço de memórias de homens e mulheres vindos para região de Barra do Garças entre as décadas de 1960 e 1980 que moldaremos nossas reflexões a seguir. Para tanto evidenciaremos as motivações que fizeram com que aportassem na região do Médio Araguaia, colonos sulistas, comerciantes, bancários e ainda profissionais liberais. Por meio de suas memórias um novo ressignificado será dado naquele contexto histórico, observando o imaginário presente nas falas dos mesmos e em documentos escritos e iconográficos referentes as décadas de 1960, 1970 e 1980 no tocante a cultura e o lugar a qual pertenciam e o encontro com a cultura do Araguaia e sua adaptação/contribuição na região.

3 – MIGRAÇÕES PARA BARRA DO GARÇAS ENTRE OS ANOS DE 1960 E 1980: CAUSAS E CARACTERÍSTICAS – O AMÁLGAMA CULTURAL.

3.1 – Contexto histórico das migrações dirigidas para Barra do Garças.

Como vimos nos capítulos anteriores a História de Barra do Garças é riquíssima, em relação às ondas migratórias recebidas de diversas natureza e com diferentes objetivos. Para tanto procuramos apresentar, mesmo que de forma breve, as ocupações migracionais anteriores ocorridas basicamente em três períodos, o chamado período de ocupação ágrafa e indígena, o período referente a chegada dos garimpeiros e o período da Fundação Brasil Central. No entanto nosso foco principal se consolida neste capítulo, onde é detalhada a migração iniciada pela produção agropecuária, mais enfaticamente a produção de grãos a partir da década de 1960. Demonstraremos as características dos grupos que aportaram na região motivados por interesses da produção agropecuária.

O presente capítulo foi estruturado tendo por base, as bibliografias referenciais acerca dos conceitos de memória, identidade, cultura e migração. Tem ainda por base uma dissertação de mestrado, um artigo científico, livro e revista escritos por colonos na década de 1970 e 1980 e duas revistas “Gazita” editadas em Barra do Garças no fim da década de 1970. Outras fontes que alicerçaram este estudo foi a análise de fotografias de época, sendo estas comprovadas pelo método da História Oral, que contou com a participação de 22 entrevistados sendo estes representantes dos projetos SUDAM, das cooperativas de colonização, dos que vieram atraídos pelo crescimento da cidade, nos campos do comércio, dos serviços bancários e da prestação de serviços especializados (profissionais liberais), todos oriundos da migração para Barra do Garças, ocorrida entre os anos de 1960 até 1980.

No universo de migrantes que chegaram a Barra do Garças na década de 1970 encontramos o Senhor Hugo Poyer, considerado pela população uma referência em relação à memória da história local no período analisado. Solicitamos a ele a colaboração com a pesquisa no sentido de responder as perguntas do questionário padrão elaborado. A pergunta inicial indagava, **como ele imaginava ser esta região e as pessoas que aqui viviam**. E ele nos respondeu da seguinte forma.

Bom, como todo mundo nos grandes centros imaginava quando se falava de Mato Grosso. Que era uma terra muito ainda inabitada, que tinha muito animal, muito bicho, que tinha muita onça, quer dizer aquela idéia de que tudo era mata que tudo era coisa inexplorada. (Entrevista realizada em Barra do Garças, 2010)

De acordo com o relato de Hugo Poyer, de origem catarinense, economista e professor universitário, hoje radicado em Barra do Garças, o imaginário que se tinha “de Goiânia para lá”, como alguns migrantes relembram, era extremamente desfavorável no tocante a atração de novos moradores para a região. Então o que levou homens e mulheres, sozinhos ou em grupo a enfrentarem “a mata e os bichos” como identificamos ser o imaginário que os mesmos tinham sobre a região, a virem se estabelecer na região a partir da década de 1960? Buscaremos responder esta questão por meio das lembranças de nossos entrevistados.

José Américo ex-bancário lembra da seguinte forma a vinda para a cidade e seu imaginário acerca da região.

Olhe, eu fui no aeroporto em Ilhéus comprar a passagem e então perguntei no balcão da VASP se ela descia em Barra do Garças e a moça me respondeu: a VASP só não desce em fundo de quintal, mas aí ao ver a informação a moça disse mas lá não desce não, desce em Aragarças, pelo mapa dava a impressão que de Aragarças a Barra era uns 30 quilômetros. (...) E a informação que tivemos em Goiânia, por um amigo meu Policial Federal era de que a cidade era violenta, eu não tinha a mínima idéia do que encontrar, pensava até em ver só índio e onça, eu achava que a cidade seria muito pequena e feia e aí tive uma surpresa, pois a cidade era mais do que eu esperava. (Entrevista realizada em Barra do Garças em 2010)

É interessante observar no relato a idéia de que primeiro, nem avião “chegava lá” e em segundo lugar “se chegasse” seria para encontrar “índio, onça e violência”. Até hoje quando estamos em outros estados as pessoas se surpreendem em saber que no interior de Mato Grosso, pode-se encontrar quase tudo que existe em uma grande cidade de regiões mais desenvolvidas.

João Batista, também ex-bancário, afirma que uma idéia que lhe vinha com muita força era a de que estava indo viver no maior município do mundo. Nesse sentido ele afirma:

Apesar de não ser uma distância longa de Paranaíba, minha terra natal são cerca de 600 quilômetros de distância, eu não tinha contato com pessoas daqui e certa vez eu vi uma reportagem em um canal de televisão que dizia que Barra do Garças era o maior município do mundo, e também tinha ouvido falar do Rio Araguaia e suas belezas. (Entrevista realizada em Barra do Garças em 2010)

É comum observarmos nos relatos dos entrevistados o imaginário presente na fala destes quando diziam que estavam indo viver no “maior município do mundo”, e compreender que este também era um fator de motivação para migração, pois segundo nossa análise ir para um lugar com tamanha representação, ou seja “lá é o maior município do mundo”, já significava metade do caminho a percorrer no tocante a construção de uma vida melhor.

Dionísio Carlos, arquiteto, carioca, pensava estar vindo para a selva amazônica.

Eu achava que Mato grosso era selva, tipo a Amazônia que tinha aquelas árvores enormes, e aí tinham aquelas pedras enormes, aquele negócio de cavernas. Aí depois eu comecei a ver as belezas do cerrado, eu morava no BNH e toda tarde fazia caminhada nas cachoeiras, e pelo caminho via os bichinhos, as flores do cerrado, só então mudei minha impressão. (Entrevista realizada em Barra do Garças em 2010)

Dionísio como muitos outros vieram conhecer o bioma cerrado, somente após a região chegarem, e muitos enxergaram não apenas “mato”, mas um novo tipo de ambiente propício a dar a eles uma vida melhor.

Aparício Miranda disse em sua entrevista que ouvia dizer muita coisa sobre Barra do Garças e região, pois seus sogros e cunhados já viviam na cidade. Ele lembra das idéias que tinha acerca do Mato grosso.

O que mais me chamava a atenção era a idéia de que lá em Barra corre muito dinheiro, no entanto eu imaginava muitas coisas acerca deste lugar, por exemplo, que tinha muito índio, que os bichos andavam no meio da cidade, que era só poeira e lama, que não tinha luz, pois tinha também uma fala que dizia que aqui era cidade garimpeira, além disso meu sogro contava muitas histórias de tiroteios e pistoleiros, então eu acreditava ser um lugar violento, e realmente era uma época não de violência como hoje com roubo e droga, mas com disputa de terra, pistolagem, brigas causadas por bebida e vingança. Mas aí eu vi que quem trabalhava e buscava ser amigo não passava nem perto deste tipo de violência. Entrevista realizada em Barra do Garças em 2010)

Encontramos na narrativa de Aparício um componente pouco explorado pelos outros migrantes, que é o da pistolagem. Quando o tema é provocado nas pessoas, estas revelam inúmeras passagens referentes a prática de pistolagem e de “valentia”, no entanto quando pede-se mais detalhes as pessoas se inibem, pois que muitos dos personagens estão vivos. Aparício Miranda nos conta uma que é corrente no imaginário local.

Dizem que naquela época, quando o sujeito ia comprar um revolver, ele escolhia o calibre, barganhava o preço, via a marca da arma, escolhia as balas, no entanto só comprava o revólver depois de testá-lo, e como é que ele fazia isto. Era os seguinte o sujeito com o revólver em punho saia na frente da loja e atirava no primeiro vivente que passasse pelo local, os cabras eram brabos mesmo. Entrevista realizada em Barra do Garças em 2010)

Acreditamos que o tema “pistolagem em Barra do Garças” renderá estudos e pesquisas interessantíssimas, e que é mais um entre muitos assuntos a serem pesquisados/valorizados na história local.

Mas quando foi que iniciou o chamado processo de ocupação moderna de Barra do Garças? E qual foi a sua motivação?

Na década de 1960, mais precisamente em 1966 o Governo Federal criou a Superintendência para o Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM), que em conjunto com a Superintendência para o Desenvolvimento do Centro-Oeste (SUDECO), como também do Programa de Desenvolvimento dos Cerrados (POLOCENTRO), instituído em 1975 pela SUDECO injetou dinheiro na região. Esses órgãos foram fundamentais para fomentar a criação de grandes empresas agropecuárias e de latifúndios em Mato Grosso. Segundo Marilene Marzari havia

uma expectativa positiva em relação à criação dos órgãos públicos acima citados no sentido destes funcionarem como estimulantes à ocupação de terminadas áreas por eles assistida, o que gerou uma consequência importante para a construção histórica da região.

A implementação e a consolidação das grandes propriedades estavam em consonância com os projetos de colonização dirigida e particular. Isso fez com que milhares de trabalhadores, principalmente da região centro-sul, migrassem em direção à Amazônia Legal. (MARZARI, 2005, p. 128).

Compreendemos então que foi a partir de 1966 que se instalaram, na atual região de Água Boa, antes pertencente a Barra do Garças, uma leva de migrantes provenientes do Projeto SUDAM, oriundos em sua maioria do sul, mas também com representantes de outros estados, como é o caso de Joaquim Manzano Joerente, proveniente de Marília, no estado de São Paulo. Segundo as palavras de Joaquim Manzano, o projeto SUDAM tinha a seguinte característica.

Cheguei na região em 10 de maio de 1969, para desenvolver o empreendimento agropecuário Bela Vista, financiado pelo projeto SUDAM. Havia nesta época muitos projetos agropecuários SUDAM em toda região do Araguaia, de Barra do Garças até São Félix do Araguaia. Para termos uma idéia do dinheiro que corria na praça naquela época, quando chegava nossa camionete nos comércios com o adesivo da SUDAM pregado na carroceria, as mercadorias dobravam de preço. No aeroporto de Aragarças contávamos no chão entre setenta e oitenta aviões. Acabo dizendo que a SUDAM veio para abrir os caminhos, podemos ver isto representado em seu lema, “colonizar para integrar”. (Entrevista realizada em Agua Boa, 2009)

Realmente o Projeto SUDAM estimulou o desenvolvimento local. Olmeri Barcelos de Carvalho também se lembra da SUDAM e nos dá a seguinte informação sobre aqueles projetos.

Os projetos capitaneados pela SUDAM eram antecedentes a nós, era a época das grandes agropecuárias como a “Sete de Setembro”, “Araxingu”, “Bela Vista”, entre outras. Estes grandes projetos agropecuários tinham a seguinte idéia: para que produzir se havia muito dinheiro disponível e na “mão”. (Entrevista realizada em Agua Boa, 2009)

Olmeri disse-nos ainda que estas agropecuárias eram enormes e que para atravessar certas fazendas destas andava-se dias a fio, fosse de cavalo ou de carro.

Segundo Marilene Marzari foi graças a estes incentivos estatais que a região de Barra do Garças, obteve grande desenvolvimento naquele momento. Podemos constatar isto a partir da afirmação que segue abaixo.

Por meio de incentivos estatais doados a essas empresas é que a região de Barra do Garças passou a ter um acelerado processo de desenvolvimento, consubstanciando-se numa das cidades mato-grossenses que mais recebeu investimentos financeiros e de créditos, na década de 1970, constituindo-se, assim, um dos municípios mais importantes do Estado. (MARZARI, 2005, p.128).

O Professor Hidelberto de Sousa Ribeiro relata assim o projeto SUDAM e seus objetivos.

A concessão de incentivos fiscais para a subvenção de projetos aprovados pela SUDAM e a criação de uma infra-estrutura viária, (...) foi a maneira encontrada para atingir uma agricultura e uma pecuária em moldes capitalistas. Portanto, trata-se de um conjunto de medidas que contou com a participação direta do Estado Federal, visando atrair para a região, o capital e seus agentes (RIBEIRO, 1999 e p. 37)

É importante ressaltar que as fazendas capitaneadas pelo projeto SUDAM, para muitos colonos da década de 1970, tiveram papel muito importante, no suporte para que estes pudessem como eles mesmos dizem “empreender luta, nos cerrados bravios” daqueles tempos. Podemos constatar a construção deste suporte, acima citado na fala de Pedro Possamai, quando este relata a vinda de sua família e a sua instalação na região:

Meu pai veio em busca do sonho em 1968. Veio para trabalhar 15 mil hectares de terra, nesta época meu pai trouxe uma serraria em cima do Fenemê. Eu vim em 1971. Para mim a SUDAM foi fundamental para a abertura destas terras. Imagina você, ir comprar mantimentos a quatro dias de distância, para abrir esta terra tinha que haver dinheiro, daí a importância da SUDAM. Além disso, eram nas fazendas que tinham o projeto, que encontrava-se uma oficina, borracharia, pista de pouso, eram enfim um “ponto de apoio” para os colonos que aqui chegaram a partir de 1972. Entrevista realizada em Agua Boa, 2009)

É importante destacar que para alguns pesquisadores o Projeto SUDAM, tinha por trás da propaganda oficial, outros motivos, que consideramos importante citar. Um destes motivos seria a mudança do foco migracional de “famílias pobres” das regiões Norte e Nordeste para os grandes centros no Sudeste, para o Centro-Oeste. Outro, de ordem política, lembrando que a partir da virada dos anos sessenta para os setenta, temos a ocupação capitalista na região. Ocupação esta que estava interessada em impedir que grupos de esquerda se instalassem nessa imensa região, a Amazônia Legal, para fomentar a revolução socialista. Percebemos isto a partir dos acontecimentos conhecidos pelo nome de “Guerrilha do Araguaia”, acontecidos na divisa pouco habitada entre Pará e Mato Grosso. Segundo alguns historiadores da região este “movimento revolucionário”, teria sido um dos motivadores para o grande aporte de investimentos acontecidos nos projetos SUDAM no início da década de 1970 e ainda resultado na construção de várias bases militares na região. Esta teoria esta fundamentada por exemplo, na fundação em 13 de junho de 1973 do Quinquagésimo Oitavo Batalhão de Infantaria (58º BIMtz) em Aragarças, e que nasceu com o propósito abaixo citado.

Em virtude da extensa área, situada no Vale do Araguaia e, devido à necessidade de fortalecer a presença militar na região, a 2ª Companhia de Fuzileiros do então 16º Batalhão de Caçadores, de Cuiabá, MT, (hoje 44º Batalhão de Infantaria Motorizado) em cumprimento à Portaria Ministerial Reservada nº 19, de 13 de junho de 1973, deslocou-se de sua sede anterior e instalou-se em Aragarças, GO, em 27 de setembro de 1973, sob o comando do então 1º Tenente JOEL CAJAZEIRA, ocupando dependências escolares cedidas pela Prefeitura Municipal. **(Exército Brasileiro, www.eb.mil.gov.br)**

Segundo os historiadores que defendem esta tese, o futuro e a liberação dos arquivos secretos do exército daquela época, darão provas consistentes para a efetiva comprovação de suas idéias.

Ainda no final da década de 1960 outra leva de migrantes se instala na região que pertencia a “Grande Barra do Garças”. Estes vieram a partir da venda de terras de Alfredo Tonetto na região do “Vau dos Gaúchos” (hoje Água Boa), realizada então pelo corretor de terras Olmeri Barcelos de Carvalho. Esse último relata para nós estes acontecimentos.

Durante a década de 1960 o Senhor Tonetto andou perdendo terras para a demarcação indígena, para invasões e em negócios mal sucedidos. Foi quando Ernesto Martins da Cruz, chefe do escritório Rio-grandense de adubos, do qual eu era agente no município de Ibirubá, no Rio Grande do Sul, foi procurado pelo Senhor Alfredo para negociar suas terras no Mato Grosso. Exigimos deste senhor Tonetto um avião para conhecermos a realidade. Viemos, vimos, gostamos e entabulamos os primeiros negócios. Nós representantes comerciais autônomos ganhávamos uma porcentagem de cinqüenta por cento. Vendíamos há vinte cruzeiros o hectare ganhando dez, no entanto o custeio era alto demais. Depois de duas viagens mal sucedidas, conseguimos fechar um negócio grande em Ibirubá, com o líder Adolfo Gabbe, nós conseguimos lá em dinheiro pela Granja Jaco 1200 cruzeiros o hectare, e compramos aqui a 20 cruzeiros, ou seja, com um hectare lá ele comprou 60 aqui. Hoje sem dúvida alguma eu posso afirmar: vende um lá e não compra dois ou três aqui. Os gaúchos do VAU compraram juridicamente do Sr. Alfredo, mas quem fechou os negócios fomos nós. A partir de 69, 70 e 71 vieram 12 famílias aproximadamente, Adolfo Gabbe, os Beckmann, Edgar Pino e família, Mansueto Vian, Hugo e Antonio Lindemayer, Waldemar Gelzer, Ertson Jacob Michel, Elard Bohrtz, entre outros. O governo brasileiro não acreditava no potencial da região, o Banco do Brasil negou os primeiros pedidos de financiamento, pois não acreditavam que o cerrado brasileiro pudesse produzir. (Entrevista realizada em Agua Boa, 2009)

Assim, segundo nossas pesquisas, para garantir o sucesso das vendas foram repassados aos compradores das terras de Tonetto, pequenos lotes de terra junto à divisa do Rio Areões, que daria origem a um pequeno aglomerado de casas, e que ficou conhecido como o Vau dos Gaúchos. No Vau havia água potável, mercadinho e escola. Dali os gaúchos saíam para trabalhar em suas fazendas, ou levarem seus filhos para estudar, comprar algum produto para uso na terra ou consumo pessoal e ainda para se encontrarem com seus vizinhos e confraternizarem na roda de chimarrão.

Em 1968 um movimento internacional de contestação ao “capitalismo,” iniciado na França, esparramou-se pelo mundo e chegou ao Brasil. Estudantes, artistas, filósofos, escritores, operários foram às ruas exigindo a volta da democracia e receberam como resposta o terrível Ato Institucional nº5, que acabava de vez com os direitos individuais dos cidadãos brasileiros. Iniciavam-se os anos de chumbo da ditadura militar.

É neste contexto que surge um outro grupo de migrantes que se dirigem para a região do “Maior Município do Mundo”, são as chamadas colônias dirigidas, projetos baseados na criação de Cooperativas de Colonização no interior do Rio Grande do Sul, que por meio de apoio governamental adquiriu terras financiadas na região.

Elcides Salamoni (atualmente morador de Água Boa) diz que, a criação da primeira Cooperativa de Colonização em 31 de março de 1971 (Coopercol), teve que se adaptar a realidade política da época e ao então Programa de Redistribuição de terras e de Estímulo à Agricultura do Norte e Nordeste (PROTERRA), para que o governo militar permitisse assim o seu surgimento. Esta idéia está clara em seu relato.

Em 1969 descobrimos que o governo federal estava criando uma lei, um benefício para colonização, chamado PROTERRA, um programa de distribuição de terra, como funcionava? Você arrumava a terra, o Banco do Brasil financiava em dez anos, para pagar com juro fixo ao ano de dez por cento mais um por cento de seguro. E como viabilizar isso? Através de uma cooperativa chamada Cooperativa de Colonização 31 de março, então de forma simples eu digo, fizemos assim para “puxar o saco” desse pessoal, e poder fazer reuniões sobre Reforma Agrária, e articulações outras, sem a interferência dos militares, assim nós denominamos a Cooperativa para poder arrumar os financiamentos. (Entrevista realizada em Agua Boa, 2009)

Norberto Schwantes, pastor luterano e um dos mentores das referidas Cooperativas, expõe no livro “Uma Cruz em Terranova”, informações sobre as suas atividades políticas no início da década de 1970, explicando como estas atividades foram monitoradas, através do controle e censura, por parte dos militares. Podemos entender isto com os relatos de Schwantes.

No quartel do Exército em Três Passos, logo perceberam que coisas estranhas estavam acontecendo em Tenente Portela e os militares receberam ordens para vigiar diuturnamente tudo que dizíamos na Rádio Municipal. Fiquei sabendo disso e redobrei a vigilância sobre tudo que transmitíamos. Não podia me arriscar mais do que já estava fazendo para proteger e dar fuga, pela fronteira, a estudantes perseguidos pela repressão política. (SCHWANTES, 1989, p. 66).

Eram tempos em que as pessoas com vocação política deviam “pisar em ovos”. Norberto afirma ainda no mesmo livro que a decisão de sair definitivamente de Tenente Portela e guiar os cooperados para uma nova terra, foi motivada pelo perigo que corria ele, de ser preso em consequência de ações “subversivas” realizadas já há algum tempo, ou seja, auxiliar na fuga de perseguidos pela ditadura e liderar uma cooperativa de pequenos agricultores.

O Exército tinha começado a investigar os depoimentos de um preso político no Rio, que – sob tortura – tinha contado que havia em Tenente Portela um esquema de apoio para fuga de estudantes perseguidos pela repressão. E mais: que a estrutura era dirigida por um pastor. Por isso, fui interrogado durante um dia inteiro no quartel do exército em Três Passos. Há muito tempo eu vinha me preparando psicologicamente para enfrentar um interrogatório. Consegui escapar de maiores problemas, confirmando o que os militares já sabiam (a minha participação no seminário de Berlim e o pedido para que eu ajudasse as fugas), mas, neguei que tivesse atendido tal pedido. Apesar disso, senti que o chão estava esquentando demasiadamente. Assim, repentinamente, sem ninguém entender e sem ter condições de explicar o que estava acontecendo, decidi me mudar para Barra do Garças e acompanhar os pioneiros. (SCHWANTES, 1989, p. 90).

Percebe-se nos relatos de Salamoni e Norberto as dificuldades existentes para aqueles que buscavam exercer qualquer atividade política nos anos de 1970. Só a partir de 1979 com a Anistia e a abertura política é que a ditadura começaria a enfraquecer definitivamente, até sua extinção em 1985.

Entendemos ainda que as atividades citadas por Elcides e Schwantes no campo da Colonização e reforma agrária iniciaram-se nesta época. A criação de uma Cooperativa de Colonização Agrícola em Tenente Portela, e seu efetivo funcionamento na ocupação de áreas compradas pelos cooperados, no planalto do Roncador a partir de 1972, representa a marca do maior movimento migratório sulista para a região, e que após 1979 daria origem a várias cidades.

Segundo Pedro Possamai sua família veio motivada em realizar um sonho. Para Olmeri Barcelos o futuro estava em Mato Grosso. Para Elcides Salamoni e Norberto Schwantes era a oportunidade de quem não tinha terra, de adquiri-la e prosperar. Para o Aparício “Bagaceira” era a chance de prosperar e crescer com o comércio. Para os bancários João Batista e José Américo uma transferência “desafiadora”. Para a professora Nina uma paixão adquirida por meio da literatura que exaltava as belezas do Araguaia. Para o arquiteto Dionísio um local onde as energias do bem estavam concentradas. Vários são os motivos pelos quais esta região do Roncador foi escolhida como fronteira migratória nos anos 60 e 70. Compreendamo-los contextualizando a vida e as dificuldades vivenciadas pelos migrantes, quando da tomada de decisão de vir para o Mato Grosso nesta época.

As causas da imigração são quase sempre as mesmas: a fuga à pobreza, busca de terras, desemprego, destruição do meio ambiente, guerra, violência, perseguição política ou religiosa. Conceitualmente vimos que Boris Fausto, chama estas causas de “fatores de expulsão associadas aos fatores de atração”, para tanto Fausto diz que

(...) uma vez que as condições econômicas constituem o fator de expulsão mais importante, é essencial saber por que mudam as condições e quais são os fatores responsáveis pelo agravamento da situação crítica que afeta a capacidade potencial dos emigrantes de enfrentá-la. Nessa fórmula, três fatores são dominantes: o primeiro é o acesso à terra e, portanto, ao alimento; o segundo, a variação da produtividade da terra; e o terceiro, o número de membros da família que precisam ser mantidos. (FAUSTO, 2000, p. 14)

É necessário voltar um pouco no tempo mais precisamente nas décadas de 1940 e 1950, para entendermos o contexto histórico de uma das regiões que receberam migrantes para o Vale do Araguaia nos anos 1960 e 1970. Naquela época aconteceram as últimas colonizações implantadas pelo Estado do Rio Grande do Sul, através de suas inspetorias de terras, esgotando assim a disponibilidade de áreas rurais agricultáveis. Logo a seguir, houve uma ocupação de terras a oeste de Santa Catarina e Paraná e no sul do Mato Grosso. Identificamos esta informação na dissertação de Mestrado “Colonização

cooperativa: a legitimação de um modelo”, de Edson Luiz Spenthof, quando este diz:

Desde que a crise dos minifúndios começou a emitir seus primeiros sinais, no início da década de 1940, muitos agricultores começaram a pôr em prática um determinado tipo de solução que lhes era bem familiar: a emigração espontânea. Contudo, o caminho agora percorrido levava ao outro lado do Rio Uruguai, precisamente aos vizinhos Estados de Santa Catarina e Paraná, chegando alguns ao Sul do Mato Grosso. (SPENTHOF, 1995, p.75).

Fica claro que com o passar dos anos o agravamento da crise agrária no Sul do país. Na falta de uma política agrária e social consistente, o latifúndio foi absorvendo o minifúndio, o que levou evidentemente ao aumento da população dos sem-terras. Além disso, com o crescimento dos membros da família, a terra ia sendo re-dividida entre os descendentes, o que causava uma diminuição da área produtiva de uma propriedade rural familiar, surgindo deste modo os micro-agricultores.

A situação fundiária nos municípios da região do Alto Uruguai no Rio Grande do Sul, na época, pode ser espelhada pela situação encontrada no município de Tenente Portela, colonizado a partir de 1940, que nos 847 quilômetros quadrados de sua superfície abrigava uma população de 34.450 habitantes, dos quais 29.500 residiam no interior, dependentes diretamente da agricultura. Isso representava uma densidade demográfica de 40,6 habitantes por quilometro quadrado, uma estrutura fundiária de 4.077 imóveis dos quais 3.760 tinham menos de 25 hectares, com média de 15 hectares por propriedade.

Verificado o problema, ou seja, o de que não havia mais perspectivas de se conseguir terras no Rio Grande do Sul, seja por causa da falta de espaço ou da falta de vontade governamental, em se fazer uma reforma agrária, entende-se que não havia como aliviar as tensões sociais provocadas pelo excedente da população rural.

O livro de Norberto Schwantes “Uma Cruz em Terranova”, apresenta informações que nos esclarecem quanto à realidade fundiária da região de Tenente Portela na década de 1960. Ao tentarem desenvolver um plano quinquenal de desenvolvimento para a região, chegaram a seguinte informação.

A equipe técnica da Rádio Municipal passou a elaborar um plano quinquenal de desenvolvimento para Tenente Portela. Calcula daqui, calcula dali, logo percebemos a gravidade do problema do minifúndio. Com área média de sete hectares, as propriedades rurais não tinham condições de viabilizar qualquer projeto de desenvolvimento. (SCHWANTES, 1989, p.67)

Mas, por que não havia como viabilizar a produtividade daqueles minifúndios? Tinha outra explicação. Recorremos novamente a Schwantes para compreendermos toda a dimensão do problema.

(...) Os agrônomos mostraram que não havia nenhuma tecnologia moderna capaz de tornar economicamente viáveis propriedades menores que quinze hectares. (...) em resumo, o município estava situado no fim do mundo e seus produtos tinham pouco valor. O frete inviabilizava os lucros. Pensamos na industrialização de nossos produtos, na produção de laranjas ou hortifrutigranjeiros, mas não encontrávamos caminho. (SCHWANTES, 1989, p.68).

Descoberto um novo problema, ou seja, o de não haver como reestruturar a produção agrícola e por conseqüência a sociedade desigual na região, surgiu à pergunta: o que fazer? Segundo Norberto foi o jovem agrônomo Orlando Rower que trouxe uma sugestão.

(...) O jovem agrônomo Orlando Rower insistia em uma outra idéia: a emigração, tradicional opção para os minifundiários. Fora esta a solução encontrada pelos nossos antepassados, quando saíram da Alemanha ou da Itália. Fora esta a solução obtida por sucessivas gerações, ali mesmo no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. E esta também deveria ser a solução para o minifúndio em Tenente Portela.. (SCHWANTES, 1989, p.68).

Tal sugestão vem sustentar a teoria de Boris Fausto corroborada por vários outros autores já citados, como por exemplo, Heliane Prudente Nunes acerca do fator chamado atração, no contexto da migração.

Compreendida a solução para a continuidade do projeto de reordenamento fundiário e social de Tenente Portela, ou seja, a migração do

excedente populacional que dispunha de pouca terra ou de nenhuma, outro questionamento surgiu: para onde vamos? Segundo Norberto coube a Orlando responder.

(...) Orlando sugeria Mato Grosso, um Estado que não conhecíamos. Apesar disto, logo gostei da idéia e imediatamente passamos a elaborar um projeto de remembramento fundiário e de emigração para o excedente populacional. O objetivo deste projeto era reconstituir os 25 hectares, dos lotes originais da colonização, que haviam sido cortados e recortados, de geração em geração. (SCHWANTES, 1989, p.68).

Se os movimentos migratórios para o Vale do Araguaia, nas décadas de 1950 e 1960 haviam sido menores, o movimento migratório da década de 1970 foi enorme. E nasceu da necessidade coletiva vivenciada na década de 1970, em Tenente Portela, em Não-Me-Toque e por que não dizer em boa parte do Rio Grande do Sul, de encontrar alternativas para adquirir terra. Somando-se isto aos Projetos SUDAM, uma terceira onda de migrantes ingressou no processo, os migrantes que vieram ocupar espaços profissionais e aqueles que espontaneamente enxergaram a oportunidade de desenvolvimento da região. É sem dúvida alguma a vinda das colônias dirigidas do Sul, a grande fomentadora do desenvolvimento da região do Araguaia na década de 1970, pois a chegada de milhares de pessoas a região produziu grande consumo e produção.

Apesar da certeza desta necessidade, havia duas barreiras a serem derrubadas. Uma, na perspectiva de Norberto, na arregimentação e conscientização dos colonos que queriam e precisavam de terra e a outra pelo então prefeito da cidade Elcides Salamoni, garantindo a sustentação política e burocrática. Dizemos serem barreiras porque os próprios agricultores, apesar da necessidade premente, tinham receio de saírem daquele lugar, daí a conscientização liderada pelo pastor Schwantes. Por outro lado, nenhuma cidade gostaria de perder habitantes (eleitores) e todo o processo de colonização dirigida teria que passar pelos trâmites burocráticos da lei, daí a importância do apoio e engajamento do então prefeito Salamoni.

A opinião pública de Tenente Portela e da região era, na sua maioria esmagadora, contrária a imigração, como não poderia deixar de ser. A igreja não

queira perder os seus membros; os políticos seus eleitores; o comércio seus freguêses; os sindicatos e cooperativas os seus associados, e assim por diante. Podemos nos certificar disto na fala de Elcides Salamoni um dos líderes do projeto: “Se tivéssemos escutado a opinião pública, na época, nenhuma colonização teria saído”.

Assim foi fundada em 31 de março de 1971, a “Cooperativa de Colonização 31 de Março Ltda – Coopercol”. Com quatrocentos associados e tendo a diretoria composta apenas de agricultores dispostos a migrar.

A primeira experiência da Cooperativa foi realizada a partir do assentamento de agricultores as margens da Transamazônica. Em um primeiro momento houve entraves ao sucesso da migração. Os colonos selecionados foram sem a família e essa experiência lhes era insuportável. Por outro lado muitos deles não tinham tradição na agricultura e se assustavam diante do tamanho das árvores que deveriam abater para sua lavoura. Outros não eram agricultores, ou seja, tinham pouca experiência com a lida na terra. A metade da leva dos trinta primeiros que para lá foram, voltaram. Segundo Salamoni “para justificar o insucesso e contornar a vergonha apontaram a Cooperativa como culpada”.

Em um segundo momento este empreendimento da Coopercol obteve sucesso e cerca de 480 famílias foram assentadas em Altamira e Itaituba no Pará.

Após tentar adquirir terras no Sul de Mato Grosso na região de Dourados, a Cooperativa voltou-se para o norte mais precisamente para a região de transição amazônica – cerrado, acima do paralelo 16 e a margem esquerda do Rio Araguaia. Esta região estava contemplada para receber os investimentos públicos capitaneados pelo Programa de Redistribuição de terras e de Estímulo à Agricultura do Norte e Nordeste (PROTERRA). Temos no relato de Arlindo Schwantes presente na revista “O Articulador” – Órgão divulgador de artigos e idéias – nº 06 de 10/07/1996, a importância do Proterra para o 1º projeto de colonização da região.

O PROTERRA, foi regulamentado em fevereiro de 1972 e com a aprovação do Anteprojeto Canarana I pelo INCRA, o Banco do Brasil, agente financiador do PROTERRA, forneceu 80 % dos recursos para a aquisição da gleba, abertura das estradas, serviços de topografia e toda infra-estrutura prevista. (SCHWANTES, 1996, p. 09).

Segundo Olmeri Barcelos “a aprovação deste primeiro projeto contou com a determinação de todos da Cooperativa, de seus companheiros de escritório (Ernesto Martins da Cruz, Alfredo Floriano Tonetto Filho), e do grande trabalho de um advogado chamado Bertoni”. Barcelos reafirma tal idéia ao dizer.

Para que consolidássemos o nosso projeto de 40 mil hectares, para a Cooperativa de colonização 31 de março LTDA, contratamos o exímio advogado Sérgio Ludovico Bertoni, que entrou para dentro do Banco do Brasil e redigiu o contrato, ditou o ritmo do andamento e “exigiu” a realização do acordo com a Cooperativa. (Entrevista realizada em Agua Boa, 2009)

Para Norberto Schwantes o conhecimento e a experiência de Sérgio Ludovico Bertoni como ex-diretor de Cadastro e Tributação do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), foi de fundamental importância para a elaboração do projeto de colonização e de sua posterior aprovação.

O sucesso deste primeiro projeto, de colonização da região (Canarana I), foi primordial para o sucesso dos outros vinte, que viriam nos próximos anos. Segundo Elcides Salamoni o processo de compra, assentamento e financiamento público era o seguinte.

Após comprar a terra dividia-se a área total em lotes de 400 hectares e as pessoas alienavam ao Banco do Brasil. A instalação da população na região dava-se através de sorteio, os lotes eram numerados e após o sorteio distribuídos. Os lotes todos tinham água e já estavam alienados ao banco. Além disso, o colono recebia um dinheiro para custeio, este dinheiro era para alimentação e compra de materiais. (entrevista realizada em Agua Boa, 2009)

Surgiu então a certeza de que as condições básicas para que o empreendimento acontecesse estava em passar por três etapas essenciais.

A primeira etapa estava em conseguir a disponibilidade de crédito para adquirir a terra, em segundo lugar crédito para fixar-se na terra e no terceiro

momento crédito para fazer a terra produzir. No entanto, essas etapas tinham que se concretizar para que o sonho pudesse virar realidade.

Encontramos nos registros de Arlindo Schwantes (“O Articulador” – Órgão divulgador de artigos e idéias – nº 06 de 10/07/1996), a demonstração do “primeiro sucesso”, ou seja, o resultado da primeira safra de arroz em 1974 e a posterior entrega da escritura da terra aos colonos.

Para a safra de 1973/1974 foi organizada a primeira lavoura de arroz de forma coletiva. Produziu-se em uma área de 7.000 hectares, 80.000 sacas de 60 quilos. A partir de 1974 os agricultores receberam a sua escritura e tiveram acesso aos financiamentos diretamente. (SCHWANTES, 1996, p. 04 e 05).

Entendemos que estes resultados motivaram outros pretendentes a migração no Sul a encararem os desafios de construção de uma nova vida, aqui nos cerrados do Araguaia.

É importante ressaltar que a implantação do “programa de colonização dirigida” é comumente dividida pelos antigos colonos, em duas fases distintas. Recorremos às informações presentes na revista “Água Boa Especial – Ano 10”, para compreendermos estas fases.

A 1ª fase se caracterizou pelo desenvolvimento do programa no regime cooperativo, através da Coopercol, tendo sido elaborados e implantados 8 projetos de colonização, no período de março de 1972 a junho de 1975. (STREZELECKI, 1985, p. 05)

Assim foi nesta primeira fase, que se iniciou a ocupação da região que em 1973, originaria a cidade de Canarana. Já a segunda fase deu origem a Água Boa, Querência entre outras cidades desta parte de Mato Grosso. Esta fase é caracterizada assim por Strezelecki.

A 2ª fase evoluiu do sistema cooperativo para o regime empresarial, sob a responsabilidade da Conagro S/C Ltda., que elaborou e executou 9 projetos de colonização, no período de junho de 1975 e março de 1978. (STREZELECKI, 1985, p. 05).

Em 05 de julho de 1975 foi criada a Cooperativa Agropecuária Mista Canarana Ltda. (Coopercana.) A criação desta cooperativa foi um marco no desenvolvimento econômico da região. Recorramos ao artigo de Arlindo Schwantes, na revista “O Articulador”, para compreender sua fundação.

Em 05/07/1975, em Não-Me-Toque, no Rio Grande do Sul foi fundada a Coopercana que assumiu as tarefas de produção, comercialização e assistência técnica nas áreas dos projetos, enquanto a Coopercol colonizava novas áreas. A Coopercana foi paulatinamente se estruturando e assumindo a vida econômica da região, chegando a ser uma das maiores empresas do Estado e contribuinte do ICM. (SCHWANTES, 1996, p. 05).

Figura 6: Colonos em meio a plantação de arroz em Água Boa – 1977.



Fonte: Elga Grohs (1976)

Vemos na imagem acima a família de Dona Elga Grohs em meio a realização de um sonho, o de ter terra para trabalhar e sobreviver. A partir de 1975 a região do Vale do Araguaia se torna a maior produtora de grãos do Mato Grosso, por consequência a cidade de Barra do Garças tornou-se a maior arrecadadora de ICMS do estado de Mato Grosso, a cidade recebeu novos e vários armazéns,

supermercados, bancos, hotéis, restaurantes, etc. Aparício Miranda comerciante radicado na cidade em 1975 relata o seguinte sobre o momento.

Na cidade corria dinheiro, eu já tinha ouvido falar disso lá na Bahia, pois meu sogro vivia aqui e meu cunhado mandou me dizer que aqui era muito bom, que o comércio só crescia, e realmente quando cheguei aqui vi que as pessoas vinham de longe para comprar, para ir aos bancos, registrar filhos no cartório, vender sua produção de arroz ou de gado, comprar peças para tratores, comprar carro, se divertir indo aos bailes, no cinema, nos bares e restaurantes. Veja bem, tinha gente, os 'gaúchos'(1) que "andava" 800 quilômetros para colocar a vida em dia, a cidade era uma verdadeira loucura de movimento, era assim a gente chegava e se tivesse cabeça prosperava, como eu prosperei, porque teve gente que se deslumbrou e fez muita dívida e logo foi-se embora. (Entrevista realizada em 2010 em Barra do Garças)

Figura 7: Primeira colheita de arroz em Água Boa – 1975



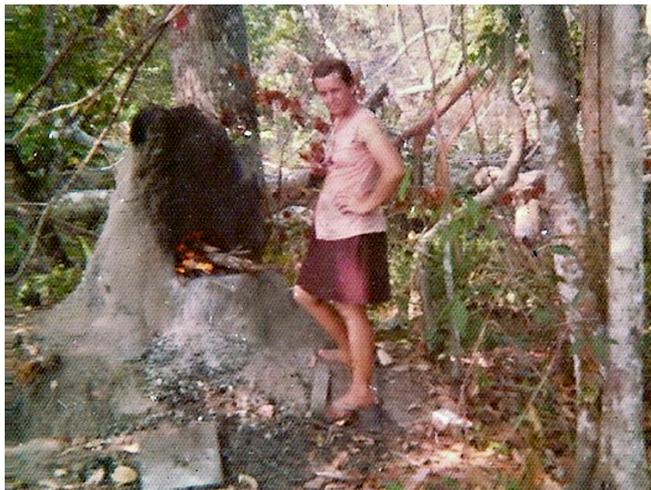
Fonte: Elga Grohs (1975)

¹ “gaúcho” no imaginário dos barragarcenses nativos da época e mesmo de hoje, são todos aqueles indivíduos brancos, de olhos claros, não importando se são mineiros, goianos, paulistas ou até mesmo nordestinos, quando o sujeito te interpela como “gaúcho”, fica a oportunidade de você se apresentar e dizer que é paulista, goiano ou de outra região que não o Rio Grande do Sul. Acreditamos ser assim uma maneira, até que inconsciente de conhecer a origem daqueles que são interpelados, no entanto nem sempre a resposta é amistosa e por vezes pode causar uma resposta nada amigável por quem foi denominado “gaúcho”.

Após as primeiras experiências de produção ainda no começo da década de 1970, os “gaúchos” como ficaram marcados no imaginário dos que já ocupavam a região conseguiram produzir o famoso arroz de sequeiro do cerrado, e a produção a partir de 1975 teve números recordes. A imagem acima mostra que com a grande produtividade, surgiu uma dificuldade a de estocar a mesma. Contam os colonos que quando os armazéns não deram mais conta de guardar o arroz, os produtores o deixavam a céu aberto envolvido por lonas. Era uma época de prosperidade.

Em 1979 ocorreu a maior colheita de arroz como lembra Herculan Lorenzon ao dizer que “Em 1979 foi a maior produção de arroz de Água Boa que entrou na Coopercana, 1.132.000 sacos. Três armazéns cheios”.

Figura 8: uma agricultora utilizando uma “Casa de Cupim” como fogão - 1974



Fonte: Elga Grohs (1975)

Uma das questões por nós levantadas aos migrantes foi a seguinte, “**como se deu sua adaptação ao cotidiano local**”, não sabíamos que ao falar em cotidiano estaríamos compreendendo além da adaptação/miscigenação com a cultura local, também a adaptação ao meio ambiente chamado de cerrado. Na fotografia acima podemos observar uma senhora fazendo de um “cupinzeiro”² seu fogão. Sobre este encontro com a natureza do local temos depoimentos interessantes. Como o de Aparício Miranda quando diz que.

Aqui a natureza era totalmente diferente da encontrada na Bahia, tinha cachoeiras, córregos e até águas quentes, uma mistura de mata baixa (cerrado) e grandes matas fechadas (mata amazônica). Os animais e peixes eram abundantes, a gente direto comia tatu galinha, paca, veado mateiro, filhote (peixe também conhecido como Piraiba), havia muito bicho mesmo, o pessoal que vivia nas fazendas falava em onça, sucuri entre outros animais. Quando era seca ficávamos cinco meses sem chuva forte, no entanto quando chegava a época de chuva, eram seis meses de muita água, as estradas desapareciam, para ir a Goiânia levávamos o equivalente a oito horas de viagem, o Rio Araguaia tinha grandes cheias, as vezes meus amigos que tinham fazendas me convidavam para participar de festas de aniversário, tinha um chamado Lazaro Gouveia que todo ano fazia uma festona no seu aniversário, eram dois dias de churrasco, só que para chegar lá tínhamos que dirigir por horas em estradas enlameadas, era uma natureza que encantava e ao mesmo tempo assustava. (Entrevista realizada em 2010 em Barra do Garças)

Guilherme Mario Site relembra a impressão que teve quando aqui chegou e como eram as dificuldades de locomoção em épocas de chuva.

O que mais chamou a atenção foi o grande período de tempo de seca, no sul chove no ano todo. A única facilidade era com relação ao adquirir a terra, sendo esta mais barata e em maior quantidade do que no sul. As dificuldades eram inúmeras, pois o asfalto terminava em Iporá e na época de chuva só de avião para ir ao banco ou fazer compras em Barra do Garças. (Entrevista realizada em Água Boa em 2009)

Ilmo José Nelberger relata as dificuldades para chegar à região e se fixar. Para tanto diz que

Foi muito difícil, passamos doze dias de viagem do sul até aqui. A falta de água, de luz, de tudo, muito sofrimento, muito calor. Tudo era difícil, nada era fácil. A saudade, a moradia que era um barraco. O loteamento foi motivado por Norberto Schwantes. Os dois primeiros anos colhemos muito bem, depois tivemos dificuldades, seca, juro alto etc. Vindo de Xavantina certa vez na época da chuva, em uma reta, eu entrei em uma poça de água e havia um buraco tão grande que tombou o caminhão que eu dirigia. (Entrevista realizada em Água Boa em 2009)

A fala de Ilmo José corrobora com a tese de Heliane Prudente Nunes quando esta afirma que “Por certo não era uma decisão fácil abandonar uma jovem

esposa, filhos ainda no colo, pais velhos, irmãos e irmãs na escola e amigos de infância para se lançar atrás do desconhecido”. (NUNES, 2000, p. 22) entendemos assim que para o migrante o ato migratório não era e nunca será “fácil”.

Figura 9: colonos seguram uma cobra Sucuri – 1975



Fonte: Elga Grohs (1975)

Figura 10: Colonos e sua anta de estimação – 1975.



Fonte: Elga Grohs (1975)

Figura 11: colono e seu cervo mateiro de estimação – 1976



Fonte: Elga Grohs (1976)

As três imagens acima corroboram com as idéias de natureza abundante e perigosa. Abundante, pois para alguns entrevistados como já vimos e nos depoimentos subseqüentes que era comum alimentarem-se de animais silvestres ou fazê-los ‘bichinhos de estimação’, e perigosa, pois o encontro com animais de grande porte como onças e sucuris assustaram a muitos e vitimaram alguns. Apesar da atual consciência ecológica há comportamentos daqueles dias que se mantêm até hoje, pois que atualmente ainda existem grupos de caçadores e pescadores que desafiam as leis ambientais provocando enorme estrago na biodiversidade local.

3.2 – Impactos gerados na cultura original do migrante e sua contribuição para a miscigenação com a cultura local.

Figura 12: colonos em Água Boa celebram aniversário relembrando o churrasco gaúcho – 1976.



Fonte: Elga Grohs (1976)

As conseqüências que todo processo de migração proporcionam em uma primeira análise, estão voltadas a compreensão acerca da mudança econômica e social dos migrantes. Afinal o migrante deixou a terra em que vivia em busca de melhores condições de vida. No entanto, além de transformação social, ao chegarem a sua “nova casa”, os migrantes também iniciam a criação de uma nova cultura.

As mudanças engendradas na vivência das pessoas que optam pela transformação, iniciam-se pequenas, mas com o passar do tempo tornam-se a “cara”, o “jeito de ser” da sociedade que se propôs a migrar. Graças a compreensão do conceito de identidade, formulado por Stuart Hall tivemos condições de entender as características resultantes do encontro das mais diversas culturas em Barra do Garças na recente migração ocorrida para o lugar, e assim de

poder formular explicações sobre o jeito de ser atual dessa sociedade. Utilizamos este conceito de Hall quando este diz que

As sociedades modernas são, portanto, por definição, sociedades de mudança constante, rápida e permanente (...). As sociedades da modernidade tardia, argumenta ele, são caracterizadas pela “diferença”, elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes “posições de sujeito” – isto é, identidades – para os indivíduos.(...) a estrutura da identidade continua aberta. (HALL, 1999, p. 14-17).

Entendemos isto, observando a sociedade barragarcense em todos os seus aspectos culturais: adaptação à nova realidade e formação social, empreendedorismo, costume, religiosidade, língua regional, miscigenação, etc.

Segundo estudiosos da migração como Boris Fausto, a iniciativa de migrar, também é motivada pela vontade de melhorar o padrão de vida do indivíduo e de sua família. Assim refletíamos que foi a busca por uma vida melhor, a grande motivação que trouxe para o Vale do Araguaia, migrantes de todo o Brasil. Continuamos a pensar assim, porém com certa cautela, pois segundo Pedro Possamai, a motivação era causada pelo sonho que chegaria mais tarde. Entendamos seu ponto de vista no relato que segue.

Veja bem, sair de um lugar, que por mais dificuldades que você tenha, mas onde você tem casa pronta, água encanada, energia, hospital, escola, enfim civilização, e vir para o meio do mato onde a cidade mais próxima, dependendo da época está a quatro dias de viagem, onde você ia buscar combustível para o maquinário e já na volta gastava metade, encarar uma vida embaixo de barraco de lona. Só pelo sonho em longo prazo. Para agüentar tudo que as pessoas que aqui chegaram, passaram e suportaram, para depois, só depois vencerem. (Entrevista realizada em Agua Boa, 2009)

Creemos que o sonho ao qual Pedro se refere é a vontade de melhorar de vida, é lógico que isso não ocorre de uma hora para outra, mas em um momento futuro, mesmo porque no lugar/momento em que eles se encontravam (neste caso de Pedro no Sul do Brasil) o futuro era incerto, ou seja, o desejo era que: “lá

distante, em outro lugar pode haver a melhoria de nossa vida, aqui isto dificilmente acontecerá”.

Sabemos que as dificuldades enfrentadas pelos homens e mulheres, desde a tomada de decisão de migrar, foram muitas. As ameaças das mulheres em “largar” os homens, os desestímulos presentes nas previsões daqueles que lá ficaram e que de toda forma tentaram avisar dos perigos infinitos, a própria “campanha contra” feita por várias instituições e políticos, enfim todo o tipo de empecilho que visava “emperrar” o desejo de lutar por uma vida melhor, ou pelo menos o de arriscar conseguir. A opção por enfrentar essas e outras dificuldades, já representava uma mudança interior naqueles que resolveram enfrentar o “desconhecido”.

Vejamos então, nas experiências relatadas pelos migrantes como a “nova cultura barragarcense” começou a se formar a partir da vinda e da instalação na região, e por que não dizer, ainda antes, desses colocarem-se no caminho, que os conduziria ao Mato Grosso.

Vejamos por exemplo à vinda de Herculan Lorenzon, que para Barra do Garças veio já sexagenário. Em entrevista Lorenzon nos informa sobre a motivação para vir para o “Planalto”, os contratempos pelos quais passou e as curiosidades no “estradao”.

*O crime para mim no Sul era o inverno, quando começava a esfriar em Porto Alegre, eu me tremia todo em Tenente Portela.
O padre Piva era contra a minha vinda. Ele morou na Canarana e me disse:
- Lorenzon lá é só areia, não leva essa gente pra lá.
- E eu disse só Deus para me parar.
Nós demoramos sete dias de Tenente Portela para cá.
Viemos num caminhão, metíamos os colchões no chão e dormíamos após as seis da tarde.
Nós trouxemos umas 40 galinhas. E trocávamos galinha por multa. Fizemos uma cozinha na carroceria do caminhão. Veja que perigo. (Entrevista realizada em Agua Boa, 2009)*

“Trocar galinha por multas”, esta fala de Lorenzon reflete acima de tudo uma atitude positiva diante dos contratempos, que o contexto da migração impunha naquele instante. Vários destes migrantes são constantemente referência de bom humor e coragem, o próprio Herculan, hoje nonagenário tem outra

passagem ótima sobre sua vinda para Mato Grosso. Vejamos em sua fala este exemplo de humor e atitude

Quando finalmente resolvi a vir para o 'Planalto' um amigo me perguntou, 'mas Lorenzon, o que é que tu vais fazer naqueles cerradões, nesta idade, homem?', e eu então respondi de pronto: Sacramento! Vou inaugurar o cemitério! (Entrevista realizada em Agua Boa, 2009)

Este jovem senhor, que veio inaugurar o cemitério, já “enterrou” muita gente, como seus amigos de dizem. E aqui, entendemos que o folclore desta sociedade é marcado pelo otimismo e pela coragem.

Joaquim Mansano Joerente, agropecuarista, relata que chegou ao Vale em 10 de maio de 1971.

Vim através do projeto SUDAM, pois eu trabalhava com um pessoal em São Paulo que desenvolvia um projeto aqui. Eu era agente administrativo da agropecuária Bela Vista. Não tinha estrada, não tinha ponte, não tinha pensão, a gente dormia dentro do carro. O que me incentivou foi o projeto para o futuro, pois havia uma grande quantidade de espaços a serem ocupados para produzir. As dificuldades eram muitas. Se precisava de um parafuso você tinha que ir na Barra. Tudo era muito precário. (Entrevista realizada em Agua Boa, 2009)

Auri Gabbe que chegou aqui ainda criança narra a vinda de sua família e das outras do Vau, e as novidades que aqui encontrou:

Meu pai veio fazer negócio entre 1968/1969. Creio que a grande motivação era “A busca de novos horizontes”. A vinda de nossas famílias, em número de dez, aconteceu a partir da compra de terras na região que hoje é conhecida por Vau dos gaúchos. Meu pai deixou tudo preparado aqui no Vau dos gaúchos para nos receber. O que nos chamou a atenção foi a abundância de frutas diferentes e a enorme quantidade de animais silvestres e de pesca. Lá no Vau a gente comia muito carne de caça, aquilo era fantástico. Para nós chegarmos a um ambiente totalmente diferente do que nós vivíamos, tão longe, tão cheio de novidades, era fantástico. Havia ainda a saudade da família que tinha ficado. Outro fato interessante era a seca, que era longa em comparação com o Sul. Como a natureza ainda era intocada o período da chuva era bem conhecido. No dia 07 de setembro era certeza que choveria com vento e raio. Aqui tudo era fantástico. (Entrevista realizada em Agua Boa, 2009)

“Aquilo era fantástico”, assim com Auri Gabbe até hoje chegam pessoas na região que maravilham-se com tantas riquezas naturais e exuberância, sem dúvida este encantamento já faz parte do imaginário presente na fixação de pessoas na região.

Já Guilherme Mario Site, natural de Não-Me-Toque no Rio Grande do Sul, diz o seguinte.

Chegamos à região em abril de 1975, nos lotes 18,19 e 20, em outubro adquirimos o maquinário e em seguida viemos para Água Boa. Nós tínhamos pouca área de terra a ser cultivada no Sul e com o Projeto de Água Boa vimos um novo horizonte, de poder continuar na agricultura de forma mais extensa. Tínhamos a expectativa de poder ter o nosso pedaço de chão, nossa fazenda e prosperar porque a terra que tínhamos no sul era pequena e não tinha como produzir para seis irmãos e respectivas famílias.
(Entrevista realizada em Água Boa, 2009)

José Raimundo Klein em seu depoimento confirma a teoria da “busca por uma vida melhor”, ou para Boris Fausto os chamados “fatores de atração”.

Nós assistimos uma apresentação de slides sobre as terras em Mato Grosso. Viemos para o “Projeto Água Boa II”. Trouxemos três mudanças em dois caminhões. A vida lá no Sul era de pequenos agricultores, nós tínhamos dez hectares de terra e nos motivamos pela extensão de terra que iríamos ter e conseqüentemente de poder dar uma vida melhor para a família.
(Entrevista realizada em Água Boa, 2009)

Muitos dos entrevistados que fazem parte do grupo ligado à colonização dirigida narraram a vida difícil em barracos de lona, às vezes a mercê da natureza, que poderia “trazer” um calor escaldante ou uma tempestade furiosa. Os perigos que animais peçonhentos representavam às crianças e adultos, os acidentes que levariam horas, (ou dias) para serem socorridos em um hospital, a dificuldade no abastecimento de alimentos e remédios e a saudade.

Vejamos alguns depoimentos sobre essas dificuldades. Herculan Lorenzon se lembra dos primeiros tempos na região, da seguinte forma.

Quando chegamos descarregamos a mudança debaixo de uma lona. Não tinha água pra tomar banho, não tinha luz, não tinha escola, não tinha igreja, não havia estrada, não havia nada. (Entrevista realizada em Água Boa, 2009)

Para o “humorado” Antonio Lindemayer as dificuldades e o aprendizado levaram os agricultores a se unirem.

Tínhamos vontade de vir para o Mato Grosso, para criar gado, acabei criando tatu-gado, vendi 23 hectares de terra no Sul e comprei 700 hectares aqui. Chegamos em 28 de julho de 1971 e descarregamos a mudança debaixo de uma moita de bambu. Lá (no Sul) nós tínhamos conforto, tínhamos tudo, e aqui precisávamos andar 250 quilômetros para comprar sal, se quiséssemos temperar carne. Nós tivemos que pescar e caçar três anos pra comer carne, pois o gado ficava longe. Saímos de um lugar frio para outro muito quente. As treze famílias eram muito unidas, se um tinha carro todos tinham. A gente dividia e se ajudava. Por isso esse povo daqui é companheiro. Foi nas dificuldades que o povo aprendeu a se unir. (Entrevista realizada em Água Boa, 2009)

Lauro Feldman lembra-se que a dificuldade gerada pelas estradas e chuvas, gerava casos interessantes.

Houve até um fato acontecido com um motorista de caminhão. Imagina agora aquelas condições de estrada, em que os caminhoneiros transportavam os produtos, complicavam as vias, os trevos por causa de um atoleiro. Quando ele passou pelas pontes de Barra do Garças e Aragarças disse: Graças a Deus agora cheguei no Brasil. E os policiais, as autoridades escutando isso fizeram ele escrever uns 100 “Mato Grosso também é Brasil”. (Entrevista realizada em Água Boa, 2009)

Diante de tantas dificuldades alguns não suportaram e desistiram, no entanto, uma parte persistiu e prosperou. Segundo Salamoni, “o grande motivo do fracasso e posterior retorno de algumas famílias ao Sul, foi a falta de experiência em administrar os recursos recebidos através dos financiamentos e a imprevidência com o futuro”. Entendamos por meio da fala de Elcides Salamoni essa realidade.

A primeira coisa é o que lá em Tenente Portela e região, a maior propriedade era de 25 hectares. E a maioria daqueles que veio para cá, lá não tinham nada, ao chegar aqui o “colono” ficou com 400 hectares, quer dizer que com quinhentos hectares, o agricultor se tornava um fazendeiro, com o financiamento sobrava dinheiro e com isso já comprava uma C-10. Além disso, ele recebia do banco um talão de cheque com vinte folhas, ele nunca tinha visto isso. Voltava pro Sul em dezembro, fazia festa, tomava cerveja, e aí quando voltava acontecia às vezes o fracasso, pois a lagarta tinha comido seu arroz e aí ele perdia tudo.

*Vários fracassaram por questões técnicas de falta de administração, ou por pegar o dinheiro e gastar todo ele com festas e abusos. **Eentrevista realizada em Agua Boa, 2009)***

Até aqui vimos que o grupo de migrantes das colônias dirigidas ofereceu importantes contribuições culturais no desenvolvimento de Barra do Garças nas décadas de 1960 e 1970. O outro grupo de migrantes formado por comerciantes, profissionais liberais e bancários que aportou nesta época em Barra do Garças, tiveram suas motivações para virem para a cidade/região intrinsecamente ligadas ao desenvolvimento gerado pelos migrantes agricultores, no entanto as causas de sua mudança tinham especificidades próprias, além disso as características de adaptação e miscigenação tem aspectos diferentes e interessantes.

Sobre as motivações vejamos o que disseram os ex-bancários José Américo e João Mendes Batista.

*Eu cheguei em 27 de janeiro de 1975, às 14 horas no aeroporto de Aragarças para tomar posse no Banco do Brasil de Barra do Garças. Eu vivia em Ilhéus no sul da Bahia. Eu em busca de dar uma vida melhor a minha família enveredei pela questão do concurso público, foi quando eu passei no concurso do Banco do Brasil, interessante que ao passar eu entendi que se ficasse perto de minha família eu daria um apoio melhor a eles, desta forma escrevi uma carta ao então presidente do Banco do Brasil Ângelo Calmon, baiano como eu, e achei que me valendo dessa questão conterrânea ele atenderia meu pedido de deixar-me mais próximo de casa, mesmo sabendo que meu concurso era para ir para qualquer lugar do Brasil. Então pouco depois fui convocado com urgência a agência de minha cidade, foi quando me disseram que eu iria descobrir o Brasil, e eu então pensei, beleza vou pra Porto Seguro, aqui pertinho, e o gerente me disse você vai para Barra do Garças no Mato Grosso e eu quase caí de costas, foi um grande susto. Não tinha a mínima idéia onde era só sabia que era Mato Grosso. Mas a motivação foi a questão da carreira do cargo público, da estabilidade. **(Entrevista realizada em Barra do Garças, 2010)***

*Cheguei em 21 de maio de 1979, vindo de Paranaíba no Mato grosso do Sul. A motivação de eu vir para a região foi por causa da função que eu exercia no banco Financial, e como funcionário fui transferido para a agência do banco que existia em Aragarças. **(Entrevista realizada em Barra do Garças, 2010)***

Paulo Erigberto de Toledo “Péia”, odontólogo oriundo de Garça no Estado de São Paulo, relembra que em seu imaginário o Mato Grosso era o “fim do mundo” e entre os motivos maiores que o fizeram ficar, aponta além do mercado profissional um outro, que é a maior paixão dos brasileiros, o futebol, como sendo um deles.

Na minha cidade já estava meio saturado o mercado para a minha profissão, e eu comecei a amadurecer a idéia de buscar novos horizontes, meu primo Dr. José Mario Miguês, me falou vamos para Barra do Garças que é uma cidade nova, ta estourando de crescimento, eu cheguei aqui em 25 de setembro de 1978, no dia 28 foi meu aniversário e eu passei na fazenda do meu primo na beira do rio, comendo peixe, me divertindo e acho que aquilo tudo me motivou ainda mais, o local, a natureza, e é lógico o campo para atuação profissional que era carente em diversas áreas inclusive na minha. Eu cheguei e vi que tinha pouco dentista na época tinha muita incidência de praticos, e aqui o “Boca Rica” que era um prático era mais procurado do que nós. Para mim Mato Grosso era fim de mundo, no entanto meu primo já me ajudou a fornecer uma nova idéia, mas mesmo assim, ao vir para cá após passar por Iporá e pegar a estrada de chão, me voltou a idéia de fim do mundo, outra coisa foi o seguinte, eu gostava muito de jogar bola e meu primo me disse que aqui não tinha bola e nem futebol, e isto foi um “senão”, para mim pois eu estava convicto se não tivesse bola eu não ficava aqui, e ao chegar conheci o Davi do Carajá, o pessoal do Butantã Futebol Clube e então eles me disseram, aqui a gente joga de manhã, de tarde e de noite, então foi mais uma motivação para eu ficar. (Entrevista realizada em Barra do Garças, 2010)

Nina Dolzan professora estudiosa da literatura, sentiu-se compelida a conhecer a cidade após ler obras literárias que falavam sobre a região, e de observar diretamente o local. Para tanto nos relata que.

Aqui cheguei para ficar em julho de 1981 antes morava em Londrina no Paraná. A minha motivação foi uma paixão, por que li o livro “O Garanhão da Praia” de José Mauro de Vasconcelos, li também “A Terra Oca” tais literaturas falavam sobre locais parecidos com esta região e antes de conhecê-la eu me apaixonei, uma amiga minha veio a Cuiabá e eu vim junto, então vim até Barra do Garças conhecendo-a de verdade, e aqui fiquei, meu marido se formou em direito e veio para cá, buscar novas oportunidades. (Entrevista realizada em Barra do Garças, 2010)

Mais uma vez gostaria de lembrar Michel de Certeau quando este dizia que “A observação altera o observador” (1982, p. 102), este apontamento se faz

real, pois a medida em que pesquisamos entramos em contato com informações que lá no início de nossas “andanças”, quando propomos hipóteses e questões de problematização, não fazíamos a mínima idéia que encontraríamos e o quanto este “encontro” nos surpreenderia. Isso ocorreu em relação com a motivação imaginária/literária da professora Nina Dolzan, e com o relato de Dionísio Carlos, arquiteto conceituado na cidade de Barra do Garças, e que a primeira vista a lógica mandava-nos crer que ele teria para a cidade convergido em busca de crescimento na carreira dos projetos arquitetônicos. Nesse ponto fomos surpreendidos por seus motivos migracionais, e que em verdade demonstram que existem pessoas ainda que saem de seu lugar de origem em busca de equilíbrio interior e qualidade de vida. Assim Dionísio Carlos relata sua vinda para Barra do Garças.

Nós chegamos em definitivo a cidade em Abril de 1981. Eu havia conhecido a região antes, pois vim conhecer um guru ou um mestre chamado Hudo Oscar Luckner, tinha haver com esoterismo e eu gostava do assunto e uma amiga minha que freqüentava a Eubiose foi me trazendo para o estudo destas coisas. Então eu vim conhecer a idéia e o Hudo falou que para eu conhecer mais aprofundado eu tinha que vir para cá, me mudar para cá. Eu no Rio de Janeiro dava aula na Universidade Gama Filho, tinha Cadeira de Planejamento, coordenava sete professores, tinha escritório de arquitetura. Todo mundo me chamou de maluco, quando eu fui pedir demissão pro reitor ele não quis deixar, me ofereceu licença de um ano pra eu conhecer a filosofia e o lugar, mas eu precisava do dinheiro da rescisão para vir e me instalar. Então eu vim em busca deste algo a mais espiritual. O “mestre” tinha uma casa no DERMAT onde ele recebia as pessoas e ali tinha umas trinta pessoas de vários lugares, do Rio de Janeiro, de Santa Catarina, São Paulo até do exterior. Ali eles estudavam, tinham rituais, tipo mantras, algo parecido com yoga, ai teria uma comunidade que chamaria Cidade do Sol eu até comprei um terreno. E passados uns três meses eu fui fazer parte da diretoria e quanto mais conhecia eu comecei a ver que ele copiava as coisas que dizia serem inspiração espiritual, então vimos que ele não era o tal mestre. No entanto ele teve algum valor pois trouxe muita gente para cá, e agora ai que eu vim conhecer a cidade pois o Hudo dizia que aqui só tinha gente do mal, energia ruim, que não era pra se misturar e tal. Conheci a cidade, comprei uma terra no Vale dos Sonhos e fui criara abelha e viver da terra, ai eu vi que dava um trabalhão este negócio de fazenda. (Entrevista realizada em Barra do Garças em 2010)

Podemos dizer que Dionísio Carlos foi um dos precursores do que hoje chamamos de “Movimento Esotérico de Barra do Garças”, haja vista a quantidade de entidades espiritualistas/esotéricas existentes na região conhecida por eles como o Portal do Roncador. Mais interessante ainda é conhecer histórias de vida

como a de Dionísio e Nina e suas motivações para migrarem para o Planalto do Roncador.

Após chegarem a região acontece o encontro com os que aqui já estavam estabelecidos. Indagamos então aos recém-chegados, nossos entrevistados **o que mais havia chamado a atenção dos mesmos com relação a cultura local, e de que maneira estes haviam absorvido parte desta cultura ou modificando-a a partir do seu jeito de ser.** Aparício Miranda nos chama a atenção para a maneira como os daqui falavam, ou seja o sotaque do lugar.

Olhe eu achei super interessante a questão do sotaque do povo que aqui se reuniu, pois que as pessoas que são criadas aqui falam o “o” e o “e” como no nordeste, o “r” como o goiano, enfim me chamou muito a atenção, uma outra coisa que me chamou a atenção foi a questão das distancias, quando a pessoa te falava que era “pertinho”, você podia colocar mais de 100 quilômetros, e também a alimentação, muito tempero, parece que pegaram temperos de todo o lugar o que é muito bom e por fim naquela época a facilidade em comer carne de caça. (Entrevista realizada em Barra do Garças em 2010)

Sobre maneiras de falar diferenciadas Paulo Erigberto também lembra que.

O modo de falar das pessoas também me chamou a atenção, por exemplo as vezes eu me pego falando “vou banhar”, sendo que lá em Garça eu falava vou tomar banho, o pessoal aqui quando não quer fazer algo diz “num dô conta”, então são maneiras de dizer que são daqui desta região. (Entrevista realizada em Barra do Garças em 2010)

Acreditamos que o campo de estudos relativos a lingüística e cultura teria importantes fontes de análise na sociedade barragarcense, pois como vimos nos depoimentos acima a “língua” local é repleta de nuances e peculiaridades únicas na região.

Nina Dolzan Lembra dos detalhes que mais lhe chamaram a atenção na cultura local.

A possibilidade de haver praia de rio, olhe eu só conhecia praia de mar, as festas tradicionais como a Festa de Santo Antonio, a musica regional repleta de artistas talentosos, o fato de não haver papel para enrolar a carne, fazia-se um furo na carne e a gente enfiava o dedo e levava pra casa, a fartura de peixe, uma outra coisa interessante era que não precisávamos conhecer as pessoas para ir em suas casas e assim fazíamos amizades incondicionais. (Entrevista realizada em Barra do Garças em 2010)

José Américo relata-nos que para ele no campo da alimentação houve um choque muito grande e que o conceito de distancia dos nativos também o impressionou.

Tive aquele choque inicial com relação a comida por exemplo lá no sul da Bahia mandioca e batata nós comíamos no café da manhã e aqui o pessoal comia no almoço, então eu disse e o que se come no café? Tive que me adaptar ao regionalismo de algumas comidas que eu não conhecia como o piqui e a gueiroba. Culturalmente falando era uma sociedade heterogênea, o exemplo era o próprio banco, que estimulava a vinda de gente de todo lugar, em 1975 chegou a turma da Bahia, em 1976 minas gerais, 1977 o pessoal do Rio Grande do Sul, então nós vivíamos aqui era um caldeirão cultural. O que me assustou também foram as distâncias, eu morava em Ilhéus que tinha a 18 km Itabuna a 22 Uruçu, ai a primeira vez que me convidaram para ir a um churrasco numa fazenda eu disse eu vou, qual a distancia, ai me disseram 250 km., ali pertinho. (Entrevista realizada em Barra do Garças em 2010)

Paulo Erigberto diz que encontrou uma cultura com detalhes curiosos, alguns hábitos estranhos, e que inclusive teve dificuldades em se adaptar a nova realidade cultural/ambiental.

A população não tinha uma cultura de cuidado com a boca, e aquela turma que chegou de dentista conseguiu mudar um hábito local, como por exemplo o seguinte, encontrávamos inúmeras pessoas com os quatro dentes frontais extraídos por que era costume do pessoal que quando tinha cárie nesses dentes centrais, eles simplesmente mandavam arrancar para colocar uma ponte móvel, não motivava-se as pessoas a tratarem a cárie e “consertar” o dente, isto nós conseguimos mudar nos hábitos das pessoas. O calor foi também horripilante, para acostumar foi difícil, várias vezes eu pensei que não ia agüentar ficar aqui. Olhe eu morava no BNH, e tinha que descer para trabalhar e eu sempre andei de roupa branca para trabalhar, então descia e quando voltava na hora do almoço, minha camisa estava encardida, porque se abria o vidro do carro entrava poeira, se fechava transpirava. Outra coisa eu nunca tomei tanto banho na minha vida como aqui, lá em São Paulo, a gente tomava um banho por dia, aqui era de manhã, na hora do almoço, a tarde, de noite e de madrugada, eu tive meus

hábitos modificados de tal forma que quando ia passear em Garça em época de frio eu sofria para tomar banho, naquele frio, várias vezes ao dia. A minha adaptação no início não foi fácil primeiro não tinha casa para alugar, quando achamos as casas estas não tinham laje, eram antigas, você abria a porta e já estava na rua, olhe foi um sufoco. (Entrevista realizada em Barra do Garças em 2010)

Este relato nos dá uma idéia da modificação na chamada cultura original, mudança esta advinda do contato entre pessoas de hábitos diferentes, em ambientes diferentes, é desta maneira que entendemos o conceito que Laraia chama de “Cultura dinâmica”.

Dionísio Carlos enfatiza que no campo das artes musicais e do teatro a cidade não ficava aquém de outros lugares.

A cidade tinha uma cultura própria, eu fiquei impressionado com a música também, aqui tinham vários conjuntos de música regional, e tinha o Divino Arbués um grande poeta e músico, era uma coisa própria, tinha a dupla Eudes e Candinho e seu repertório que falava de natureza e do Araguaia, tinha um tal de Goteira que vinha de São Paulo, na época dos festivais de música que ocorria todos os anos, tinha muita música boa, tinha um grupo bom de teatro e os festivais de música regional. (Entrevista realizada em Barra do Garças em 2010)

Neste contexto de conhecimento da realidade local e adaptação José Américo lembra questões ligadas ao cotidiano “festeiro” local, e nos aponta características interessantes da época.

Aqui as pessoas não dormiam, pois lá onde eu vivia a meia-noite tudo sossegava e aqui não, as pessoas viravam a noite, é importante lembrar que haviam festas saudáveis todos os finais de semana. Lembro-me ainda do bar chamado Chaparral, que era o ponto mais freqüentado da cidade, a primeira vez que fui lá me disseram, olhe na parte coberta do bar ficam as meninas para namoro, na parte descoberta estão as ficantes. (Entrevista realizada em Barra do Garças em 2010)

João Batista nos diz que o povo da cidade era acolhedor e que o contato com a cultura indígena foi muito enriquecedor.

Aqui o povo era muito acolhedor e minha profissão ajudava a conhecer pessoas. O que me chamou a atenção foi o contato com os índios, eu ouvia falar em índio, mas nunca tinha visto um, e aqui a gente ia no restaurante, nas lanchonetes, nos bancos, tinha até mais índio do que tem hoje, aquilo para mim foi um aprendizado cultural de convivência muito grande, pois na minha criação índio era bicho, então essa convivência me ensinou muita coisa, como o respeito e a tolerância. (Entrevista realizada em Barra do Garças em 2010)

José Américo lembra ainda um dado interessante, que foi ter visto mulheres participando ativamente da economia da região, segundo ele na Bahia ele não havia visto mulheres tão autônomas.

Uma coisa curiosa foi o fato de termos mulheres realizando trabalhos diversos na cidade. Ao chegar aqui no aeroporto de Aragarças pegamos o taxi da Dona Belarmina que nos trouxe até o Hotel Presidente que pertencia a saudosa Dona Antonia, eu achei uma característica interessante pois neste lugar haviam mulheres tão independentes. (Entrevista realizada em Barra do Garças em 2010)

Em se tratando de vida econômica, Barra do Garças na década de 1970 era considerada o “Eldorado” brasileiro, como já vimos algumas falas de nossos entrevistados, aqui “era a terra onde corria dinheiro”, o “Maior Município do Mundo”, na época Barra era ainda o Centro Geodésico do Brasil, (dizemos na época por que geógrafos divergem desta informação na atualidade), o Portal da Amazônia Legal. Os Projetos Governamentais de incentivo ao desenvolvimento “despejavam” dinheiro na região, levam e levam de pessoas chegavam proporcionando um enorme fluxo de construções, o território enorme fazia com que pessoas a 800 quilômetros de distância viessem a Barra organizar suas vidas, seja nos cartórios, nos bancos ou nos mercados. Havia efetivamente uma pujança evidente e havia também, mesmo que de forma tímida atividades relacionadas ao garimpo e a pecuária. Um dado interessante e que representa a idéia de centro em desenvolvimento é quantidade de aviões estacionados no Aeroporto de Aragarças, Joaquim Manzano lembra que, “No aeroporto de Aragarças contávamos no chão entre setenta e oitenta aviões”. Encontramos nos depoimentos de participantes da pesquisa fundamentos para confirmar tais idéias. Aparício Miranda diz o seguinte.

Olhe quando eu abri o meu bar em 05 de abril de 1975, eu tinha a certeza que teria sucesso. (O Mini Bar ou Bar do Bagaceira existe há 35 anos) O movimento da cidade era incrível, eu vendia cerca de 300 salgados por dia, 20 caixas de refrigerante, 10 caixas de cerveja em garrafa, quando não era o povo das fazendas, eram os viajantes que vinham a cidade aos montes vender produtos para o comércio, tinha gente de Vila Rica à Ponte Branca, todas estas cidades que hoje formam o Vale do Araguaia pertenciam a Barra, então se o sujeito precisava mexer com banco ele tinha que vir aqui, tinha mais de 15 bancos na cidade, se precisava ir ao cartório tinha que vir aqui, médico, advogado, prefeitura, tudo só tinha aqui, olhe eu construí duas casas muito boas na época, trocava de carro todo ano, viajava para Bahia todo final de ano, a gente viu muita gente enriquecer aqui, os bares e restaurantes ficavam abertos até tarde da noite, era realmente o melhor lugar do mundo para ganhar dinheiro, lógico que trabalhando muito. (Entrevista realizada em Barra do Garças em 2010)

Figura 13: Aparício Miranda do Nascimento (O Bagaceira) debruçado sobre o balcão de sua lanchonete, o “Mini Bar” aberta em março de 1975 – 1977.



Fonte: Marilene Matos do Nascimento (1977)

Figura 14: Aparício Miranda na mesma lanchonete em 2005 – 2005.



Fonte: Marilene Matos do Nascimento (1977)

As imagens acima são do comerciante Aparício Miranda do Nascimento que tem uma lanchonete no centro de Barra do Garças desde 1975. Ao perguntarmos para o Aparício Miranda também conhecido como “Bagaceira”, o por que desse apelido, ele narra uma outra passagem de sua vida, quando este iniciou seu negócio em Barra do Garças na década de 1970.

Quando eu comecei a comercializar aqui no centro de Barra do Garças, as pessoas não me conheciam, então eu tive que chamar a atenção da freguesia. O que eu fiz então foi o seguinte, tinha uma pinga, na verdade ainda tem, que se chama “Bagaceira”, e eu chamava os homens para beber a pinga. Então eu dizia, o fulano vem tomar uma bagaceira, vem tomar bagaceira, e aí então as pessoas começaram a lembrar de mim e do bar, dizendo ‘vou tomar uma lá naquele lugar que tem a bagaceira. Acontece que o nome pegou no bar e em mim, e eu tenho muito orgulho deste apelido pois foi trabalhando neste barzinho que eu criei meus filhos e cuidei de minha esposa e o principal fiz uma quantidade incalculável de amigos. (Entrevista realizada em Barra do Garças em 2010)

A cada vivência uma narrativa repleta de emoção e alegria, de reviver, de relembrar. Assim se deu boa parte das entrevistas realizadas.

Os ex-bancários José Américo e João batista observaram o desenvolvimento econômico da época da seguinte forma.

A nossa agência atendia até Vila Rica e sentíamos o desenvolvimento e crescimento da região, as pessoas vinham buscar recursos para plantação, compra de produtos, enfim era super movimentado. No auge tínhamos quase 17 agências. Era a abertura da fronteira agrícola, era o maior município do mundo, a experiência do arroz do cerrado, corria muito dinheiro. (Entrevista realizada em Barra do Garças em 2010)

Olhe eu me lembro do movimento na cidade, tudo era em Barra do Garças, lojas, mercados, casas de produtos agrícolas, entre bancos e casa de poupança, como o sulamérica que tinha financiado o BNH, tinha entre 15 e 17 agências, que emprestavam e negociavam muito. Entrevista realizada em Barra do Garças em 2010)

Maurílio Gomes da Costa comerciante, radicado na cidade em 02 de novembro de 1977, lembra que a maior prova de que a cidade estava em franco crescimento era a falta de moradia.

Quando eu cheguei encontrei um problema de moradia, pois tinha muita gente chegando na cidade, então qualquer casinha era muito caro o aluguel. Barra do Garças era um centro comercial e financeiro, quem vivia no entorno entre 400 e 500 quilômetros vinha resolver suas coisas aqui, graças também a Coopercana. A gente fazia uma brincadeira que era a seguinte, as placas dos carros tinham prefixo CH, então falávamos que tinha tanto dinheiro na cidade, não tinha espaço para mais dinheiro, então a gente andava com cheque até nas placas dos carros. (Entrevista realizada em Barra do Garças em 2010)

Paulo Erigberto de Toledo, corrobora com a informação de Maurilio Gomes quando afirma que.

Olha como eu já disse, tivemos uma dificuldade de alugar casa, por que era muita gente chegando na cidade, na minha área faltava profissional, mas faltava também no direito, meu primo veio pra preencher este espaço, mas faltava engenheiro, médico, tudo, tinha muito campo para crescer. Foi quando o governo construiu o BNH (conjunto habitacional financiado pelo Banco Nacional de habitação, que em verdade chama-se jardim Amazônia I), o conjunto foi construído para que as famílias que chegassem tivessem onde morar. (Entrevista realizada em Barra do Garças em 2010)

Diante dos depoimentos apontados percebe-se então que esta foi uma época de prosperidade e desenvolvimento para esta cidade de Mato Grosso no Vale do Araguaia, e que várias foram as heranças daquele encontro étnico/social para a cultura atual da região. Nina Dolzan nos dá importante contribuição para entendermos o sentimento de quem fez a História da região nas décadas de 1960, 1970 e na primeira metade da década de 1980, e que adaptada ao cotidiano local fez do lugar, outrora dos outros agora seu.

Existe um ditado local que diz que você tem que beber bastante água do rio Araguaia para ficar, já vi gente ficar rico e permanecer, ou simplesmente ter uma vida equilibrada e ficar e vi gente que não deu certo e foi embora, estes com certeza devem ter bebido pouca água do nosso amado rio.
(Entrevista realizada em Barra do Garças em 2010)

Fica claro então por meio das memórias registradas que a vivência dos entrevistados naqueles primeiros “tempos” de adaptação a cidade de Barra do Garças foi crucial para entendermos o momento socio-econômico-cultural vivido por aquela sociedade naquele momento. Tais memórias nos permitiram também comprovar as hipóteses anunciadas ainda na fase preliminar da pesquisa. Como afirmou Halbwahcs.

No primeiro plano da memória de um grupo se destacam as lembranças dos eventos e das experiências que dizem respeito à maioria de seus membros e que resultam de sua própria vida ou de suas relações com os grupos mais próximos, os que estiveram mais frequentemente em contato com ele. (HALBWACHS, 2008, p. 51)

É deste resultado de experiências que o nosso discurso se fundamenta. A vida de todas as pessoas que para Barra do Garças convergiram nas décadas já citadas sofreram modificações e estas foram percebidas por eles nos momentos em que conversávamos e estes faziam uma “viagem no tempo”, e lembravam-se de como eram antes de vir para a cidade, e como ficaram após entrar em contato com a “vida daqui”. Como dizia Roque Laraia acerca da dinamicidade da cultura, a sociedade barragarcense atual é fruto da dinâmica migracional ocorrida no

contexto histórico por nós estudado. Acreditamos assim ter realizado o melhor que podíamos no tocante ao processo de construção dos conhecimentos referentes ao tema por nós proposto.

A segunda metade da década de 1980, veio trazer a então Grande Barra, muitas percas, para alguns estudiosos da região a cidade iniciou a década ainda em relativa pujança, e viu pouco a pouco a decadência chegar. A comarca de Barra do Garças perdeu cerca de 90% de seu território na década de 1980, mais de 15 cidades surgiram do antigo “Maior Município do Mundo”, sem vocação agrícola a agora “Pequena Barra” estagnou-se, a arrecadação de impostos caiu, a cidade viu-se despencando de 3º maior município de Mato Grosso, para o 25º lugar. No livro “*O Migrante e a Cidade: Dilemas e Conflitos*”, Hidelberto Ribeiro afirma que “Até a década de setenta, o município de Barra do Garças era considerado um dos maiores do Brasil, com 170.000 km² de área.. Desde então, (a partir da década de 1980) seu território foi fragmentado, restando pouco mais de 7.000 km².” (RIBEIRO, 1999)

Agora a migração acontecia as avessas, ao invés de chegarem novas pessoas, muitas famílias vendo a economia da cidade decair, foram embora, outras tendo os filhos chegado a idade universitária e vendo que aqui não existiam cursos de nível superior, acompanharam seus filhos para as cidades em que eles fossem continuar seus estudos. Muitas empresas fecharam suas portas, os bancos antes em número de 15 diminuíram para 6 agências. O Projeto SUDAM encontrou sua derrocada afundado em desvios, desmandos e corrupções, a então poderosa Coopercana teve seu espólio dividido e seus prédios e armazéns sucateados. Mas mesmo diante de muitas dificuldades muitos permaneceram, insistiram, trabalharam, continuaram acreditando e buscando uma vida melhor e “reconstruíram” o lugar.

O ofício do historiador é realmente apaixonante, pois podemos vivenciar sensações, frustrações, expectativas e experiências diversas, por meio das vivências dos outros, e isto nos torna imensamente responsáveis pelo que escrevemos e narramos. Nesta jornada crescemos e nos melhoramos aprendendo com a experiência dos outros, e entendemos que em se tratando de História temos muito que aprender e melhorar, mas acima de tudo temos a certeza que ao darmos voz aqueles que efetivamente fazem a História estamos de alguma forma fazendo a nossa parte para a construção de uma sociedade mais justa e melhor.

CONCLUSÃO

Quanto vale uma lembrança? Para muitos simplesmente nada. Para outros tantos vale o sentimento e a saudade. Tem aqueles que se surpreendem com o valor que elas podem ter, pois se assustam ao lembrar-se de algo e ver o quanto viviam bem, o quanto eram felizes e não sabiam. Outros ainda preferem deixá-las esquecidas, pois estas trazem dor, frustração e tristeza.

Para nós historiadores, cada lembrança tem valor único e inestimável sendo que esta pode representar um complexo sistema de significados. Foi assim que nos sentimos ao acessar a “memória individual e coletiva” (HALBWACHS, 2008) de migrantes que convergiram de vários lugares do Brasil, para a “grande” Barra do Garças, no Vale do Araguaia, em Mato Grosso, entre meados da década de 1960 até a primeira metade da década de 1980.

Sempre que decidimos realizar uma pesquisa, fazemos desta decisão parte fundamental para nosso trabalho de historiador, ou seja a motivação que nos movimenta é intrinsecamente ligada a nossos desejos e afinidades. Neste caso fomos motivados a realizar este trabalho de pesquisa, em primeiro lugar por fazer parte do contexto histórico de pesquisa. Minha família aqui inicialmente chegou, na década de 1960 com meu avô Joaquim Filismino Matos, que trazia da Bahia homens para trabalhar nas fazendas de gado e no garimpo de ouro e diamantes existente na região. Joaquim em seguida montou comércio na cidade e trouxe seus irmãos e filhos, pois nesta terra como se dizia correntemente na época corria muito dinheiro. Assim em 1975 chegaram em Barra do Garças a 4ª filha de Joaquim, chamada Marilene Matos do Nascimento e seu esposo Aparício Miranda do Nascimento, com eles vinha o recém nascido Alessandro Matos do Nascimento. Assim estudar o período e um pouco da história do lugar na década de 1970, significou também valorizar a minha existência enquanto sujeito pertencente a esta História.

Em segundo lugar como historiador, vimos que há uma lacuna referente a produções históricas sobre a cidade e região, sendo, que o que encontramos como referência até o momento são poucos trabalhos de cunho científico e uma pequena quantidade de trabalhos de memorialistas que escreveram sobre o assunto. Entendendo então a carência de trabalhos e sentindo a responsabilidade, enquanto profissional da História em dar significado ao conhecimento histórico,

buscamos, de maneira entusiasmada o caminho da pesquisa, buscando a valorização e preservação da memória do período estudado.

Para dar autoridade teórica nos apoiamos em vários autores renomados cujas idéias embasaram conceitualmente a pesquisa e a análise das informações adquiridas. Desta forma realizamos análises conceituais referentes a um conjunto de conhecimentos fundamentais para nossa argumentação teórica, ancorados em autores do porte de Boris Fausto, Stuart Hall, Roque Barros Laraia, Heliane Prudente Nunes, Jacques Le Goff, Maurice Halbwachs, Eclea Bosi, Raymond Willians entre outros. Estes conceitos foram os seguintes. Identidade, memória, migração e cultura.

Com Stuart Hall entendemos que o conceito de identidade parte da premissa de não haver identidade fixa, que na pós-modernidade os homens são multi-identitários e que a mobilidade identitária é a mola propulsora da aproximação entre os homens e que do constante encontro cultural surgem novos grupos culturais.

Halbwachs nos fez compreender que a memória é uma construção individual e coletiva, pois os homens constroem suas vidas em sociedade, portanto as lembranças ou memórias são reflexo da convivência em grupo. As lembranças são pertencentes então aos indivíduos, no entanto resultante das relações vividas pelos mesmos em sociedade.

Boris Fausto e Heliane Prudente deram-nos argumentação fundamental para entendermos os motivos básicos que levam os homens a migrarem. Aprendemos o que os leva a deixar sua terra natal e enfrentarem os desafios e dificuldades no recomeçar a vida. Desta maneira compreendemos os chamados fenômenos de expulsão e de atração, que acreditamos terem sido cruciais para o desenvolvimento de nosso trabalho.

Por fim Roque Barros Laraia em sintonia com Stuart Hall, fez-nos entender que a cultura (assim como a identidade) é dinâmica, e que os homens estão constantemente alterando sua cultura dita matriz por meio dos encontros e desencontros ocorridos entre si.

Para realizarmos a pesquisa empírica nos apoiamos no método de História Oral defendido por José Carlos Sebe, que se tornou a base para realizarmos as entrevistas com o grupo de pessoas por nós selecionados. Interessante confirmar a idéia de Sebe que a partir do momento que escutamos as

falas dos entrevistados, sentimos nos transportar ao passado e pelas vivências dos mesmos vivenciamos mesmo que momentaneamente suas experiências.

Por fim realizamos análise de documentos de época como revistas, jornais e literatura, como também de iconografia pertencente a alguns entrevistados.

O trabalho foi dividido em três partes. A primeira como já foi dito anteriormente foi a que fundamentou-nos com relação aos conceitos básicos e necessários a realização da análise teórica.

O segundo capítulo foi construído tendo por objetivo, apresentar a “História antes da História”, ou seja, mostrar quais haviam sido as etapas anteriores das ocupações sócio-humanas ocorridas antes do período por nós delimitado.

No terceiro capítulo foram apresentadas as características da ocupação em Barra do Garças e região, a partir da década de 1960 até a primeira metade da década de 1980. Para tanto estudamos as causas desta migração/ocupação, conhecendo projetos governamentais de incentivo financeiro como o projeto SUDAM e também os Projetos de Colonização Dirigida Sulista. Apontamos ainda que, por causa dos projetos antes citados a cidade recebeu uma outra leva de pessoas vindas para ocupar espaços no comércio e nos serviços especializados, espaços até então ociosos. Conhecemos a realidade econômica da época, ou seja, como se deu o intenso desenvolvimento econômico da cidade e como os migrantes viam este desenvolvimento. Entendemos qual era o imaginário que os migrantes tinham a respeito da região, seus receios e expectativas, em seguida compreendemos como se deu o encontro com a cultura local e a adaptação dos mesmos a realidade do lugar. Por fim deixamos aberto o caminho para que a pesquisa continue e que assim outras vivências sejam no futuro apresentadas e assim preservadas.

Durante dois anos vivemos intensamente este trabalho e conseguimos mesmo que em parte conhecer um pouco do passado da população da cidade estudada. Acreditamos então que atingimos nosso objetivo principal que era o de ressignificar e preservar a memória recente de nosso lugar de vivência. Sabemos que este será um dos muitos trabalhos que oxalá representarão a História da sociedade de Barra do Garças, pois não temos a pretensão de sermos o referencial ou o único trabalho e sim mais um de muitos que virão.

Para encerrar acreditamos na máxima pregada na região de que ao se beber a água do Araguaia, se em pouca quantidade as pessoas que se vão, um dia voltarão e se em maior quantidade de lá jamais sairão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAXTER, Michael. *Garimpeiros de Poxoréo: Mineradores de pequena escala de diamantes e seu meio ambiente no Brasil*. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1988.
- BORDIGNON ENAWURÉU, Mario. *Os Bororos na História do Centro-Oeste Brasileiro*. Campo Grande: Gráfica e Editora Cedro, 1986.
- BOSI, Eclea. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T.A. Queiroz Editor/Edusp, 1987.
- CUNHA, Maria Jandyra Cavalcanti et al. *Migração e Identidade – Olhares sobre o tema*. São Paulo: Centauro Editora, 2007.
- DE CERTEAU, Michel. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- DOLZAN, Nina Oliveira. *Educação Patrimonial*. Goiânia, 2006.
- FAUSTO, Boris. *Fazer a América: A Imigração em massa para a América Latina*. 1 ed. São Paulo: EDUSP, 1999.
- FERREIRA FILHO, Manuel. *O (Des)encanto do Oeste*. Goiânia: Editora da UFG, 2001.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro Editora, 2008.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 3 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- JUCÀ, Pedro Rocha. *Diário Histórico de Mato Grosso*. Cuiabá: Editora Memórias Cuiabanas, 2002.
- LARAIA, Roque de Barros. *Cultura – um Conceito Antropológico*. 11. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor 1997.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória – 11º volume Memória*. Lisboa – Portugal: Edições 70, 1982.
- MACHADO, Luiz Eduardo Giacomolli; CEDRO, Diego Botelho. *Evolução do uso agropecuário no período de 1975 a 2008 no município de Barra do Garças - MT*. Goiânia, 2009.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. 3. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

NUNES, Heliane Prudente. *A Imigração Árabe em Goiás*. Goiânia: Editora UFG, 2000.

OLIVEIRA, Jorge Eremites de; VIANA, Sibéli Aparecida. *Pré-história da Região Centro Oeste do Brasil: o centro oeste à exceção do pantanal – os caçadores e coletores – 1ª Parte..* Artigo publicado na Revista Ciudad Virtual de Antropologia e Arqueologia, 2000.

OLIVEIRA, Maurides B. M Filha. *Mito e Sobrevivência no Garimpo: a Cidade de Baliza-Goiás (1922-1960)*. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1996.

REVISTA Água Boa Especial - Ano 10. Água Boa, 1985.

REVISTA GAZITA. Barra do Garças nº 6 e 7, 1978.

RIBEIRO, Hidelberto de Sousa. *O Migrante e a Cidade: Dilemas e Conflitos*. Araraquara: [S. Ed.] 2001.

RIBEIRO, Marilene Marzari. *Memória de migrantes: onde o viver o fazer faz o saber*. Barra do Garças: Editora Cathedral, 2005.

SCHWANTES, Arlindo. Revista O Articulador – Órgão divulgador de artigos e idéias – nº 06. Água Boa, 1996.

SCHWANTES, Norberto. *Uma Cruz em Terranova*. São Paulo: Editora Scrita, 1989.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. *História de Mato Grosso: Da ancestralidade aos dias atuais*. Cuiabá: Entrelinhas Editora, 2002.

SPENTHOF, Edson Luiz. *Colonização cooperativa: a legitimação de um modelo: Um Estudo da Colonização do Leste de Mato Grosso (1950-1970)*. 1995. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1995.

VARJÃO, Valdon. Aragarças: Portal da Marcha Para o Oeste. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1989.

_____. *Barra do Garças: Do Passado o Presente*. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1992.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

Sites:

www.eb.mil.gov.br

APÊNDICE A – Modelo de questionário aplicado.

Entrevista Relacionada ao Projeto de Mestrado: BARRA DO GARÇAS, DAS PEDRAS AOS GRÃOS: UMA HISTÓRIA DE MIGRAÇÕES E OCUPAÇÕES (1960-1980)

NOME: _____

Profissão: _____

Naturalidade: _____ **Idade:** _____

1. Quando chegou a região de Barra do Garças?
2. Em qual cidade/localidade morava antes de vir para cá?
3. Quais foram as principais causas que motivaram a sua vinda (e de sua família) para a região de Barra do Garças?
4. Como era a sua vida profissional e familiar no local onde você vivia?
5. Você conhecia algum projeto governamental/privado que incentivava a migração para o Centro-oeste?
6. Como você imaginava ser esta região e as pessoas que viviam aqui?
7. Como foi o traslado do senhor@ pra cá? Existiu algum fato curioso, alguma coisa extraordinária que aconteceu no trajeto?
8. Como era a vida social e econômica quando você aqui chegou?
9. Como foi sua adaptação ao cotidiano local.
10. Como foi o encontro com os nativos do lugar? Houve apoio ou perseguição?
11. O que mais lhe chamou a atenção na cultura local?
12. O que você acredita que trouxe culturalmente falando para a cidade e o que você absorveu daqui?
13. Você se recorda de algum “causo” interessante acontecido naquela época?
14. O seu projeto de imigração era temporário ou definitivo?
15. Qual atividade econômica que você desempenhou na cidade?

Fique a vontade para explicar outras informações que quiser.